



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH**  
**PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - PPGCIR**

**O DISPENSACIONALISMO E A UTILIZAÇÃO DE  
SÍMBOLOS JUDAICOS NOS CULTOS EVANGÉLICOS**

**CÂNDIDO LUIZ SANTOS MAYNARD**

SÃO CRISTOVÃO

2016

# **O DISPENSACIONALISMO E A UTILIZAÇÃO DE SÍMBOLOS JUDAICOS NOS CULTOS EVANGÉLICOS**

**CÂNDIDO LUIZ SANTOS MAYNARD**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião-PPCIR, da Universidade Federal de Sergipe, como parte do requisito para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Religião.

Orientação o Prof. Dr. Marcos Silva

SÃO CRISTOVÃO

2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**O DISPENSACIONALISMO E A UTILIZAÇÃO DE SÍMBOLOS JUDAICOS  
NOS CULTOS EVANGÉLICOS**

**APROVADA EM:** 22/03/2016

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Prof. Dr. Marcos Silva (Orientador)  
UFS

Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Junior  
UFJF

Prof. Dr. Péricles Moraes de Andrade Junior  
UFS

**SÃO CRISTÓVÃO - SE  
2016**

## AGRADECIMENTOS

Ser grato, muitas vezes, nos revela como seres ingratos, pois nos esquecemos de pessoas aqui e ali que nos socorreram e foram aportes para nós, todavia mesmo correndo e incorrendo nesse risco quero apresentar minha gratidão e estima a todos que de forma direta e indireta construíram comigo esse trabalho.

Primeiro a Deus que, sem Seu consentimento e graça não teria chegado até aqui, pois sei que o sopro da minha vida pertence a Ele.

Gratidão especial destino ao meu Orientador, professor doutor Marcos Silva, que acreditou em mim e investiu seu tempo e conhecimento. Muito do que descobri e aprendi deve-se diretamente a ele.

Sou imensamente Grato à minha esposa Silvanilde Maynard, amiga e irmã, que me auxiliou e segurou as rédeas em várias ocasiões. Sem ela, com certeza, não haveria a mínima condição de seguir. A mesma gratidão tenho pelos meus filhos Naara e Kalebe Maynard que apoiaram e ouviram muitas vezes na mesa minhas ideias e colocações, quando queriam ouvir outras coisas. Por sua vez minha mãe dona Conceição se privou da minha presença para que eu pudesse estudar, assim como meus irmãos Daniel e Moacyr.

Aos meus irmãos do MICA, Comunidade Caminho das Águas, que aceitaram me dividir com o mestrado e me incentivaram a seguir em frente. Em especial à Kelly e Anderson Domingos, pelo empenho e ajuda constante me secretariando em situações adversas.

Da mesma forma, agradeço aos amigos e colegas da turma do mestrado pela paciência e apoio, troca de experiências e pelo privilégio de fazer parte desse grupo. Também devo agradecer ao GPDAS – Grupo de pesquisa da Diáspora Atlântica dos Serfarditas.

Aos professores do PPGCiR que com suas orientações e estímulos ajudaram a construir este trabalho, norteando e abrindo novas formas de compreender os conceitos de religião.

Aos professores doutores que leram meus textos e auxiliaram no seu direcionamento, meu irmão e professor Dilton Maynard e minha cunhada professora Andreza Maynard, que dividiram com Dante, meu sobrinho, o tempo e atenção. Sou grato também à professora Marina Correia pela atenção e empréstimos de uma verdadeira biblioteca sobre pentecostalismo.

Para concluir não poderia deixar de ser grato à CAPES que permitiu, através do seu incentivo financeiro, a tranquilidade que precisei para estudar. E aos anônimos injustamente traídos pela minha memória, meu muito obrigado!

“É que o sagrado se tornou hilário  
Ascendeu em abril, se espatifou em maio  
E o que é que ficou? Ficou o riso amarelo

E agora tanto faz o que é sagrado  
Nada importa se isso tudo não for antes santificado  
Bem no interior do meu peito deserto”

(O Sagrado) Palavra Antiga  
Composição: Marcos Almeida

## RESUMO

O desgaste sofrido com o tempo, as novas tecnologias e as novas propostas religiosas são alguns dos desafios que as igrejas evangélicas, tradicionais, pentecostais e neopentecostais enfrentam. O presente trabalho tem por objetivo identificar as possíveis reações das igrejas neopentecostais na modernidade, diante da intervenção da secularização e o papel do Dispensacionalismo nessa ação. Depois de um longo e rico processo histórico de pluralização da nossa matriz religiosa. Como instrumento nos utilizamos da pesquisa bibliográfica, pautada nas propostas de autores como Peter Berger, Ricardo Mariano e Charles C. Ryrie, além de leituras dos dados demográficos brasileiros obtidos através do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Buscamos compreender como comunidades neopentecostais tem procurado vencer esse processo, por conta da pouca, ou aparente ausência de símbolos, que vinculem sua identidade ao sagrado, contrárias ao catolicismo que mantém um capital simbólico “riquíssimo”, embora perdendo sua posição de liderança numérica a cada década. Qual seria a sua ferramenta de manutenção da simbologia sagrada? Concluimos que os usos de capitais simbólicos do judaísmo estão sendo utilizados para esse fim. Essas apropriações são manifestações em resposta às pressões, utilizando-se do Dispensacionalismo, mesmo que inconscientemente, para legitimá-las institucionalmente.

**Palavras-chave:** Religião; Judaísmo; Secularização; Dispensacionalismo.

## ABSTRACT

The wear suffered over time, new technologies and new religious proposals are some of the challenges that evangelical, traditional, Pentecostal and neo-Pentecostal churches faces. This study aims to identify the possible reactions of the churches in the modern neo-Pentecostal, against the intervention of secularization and the role of dispensationalism in this action. After a long and rich historical process of pluralization of our religious matrix. As an instrument we made use of bibliographic research, based on proposals from authors such as Peter Berger, Ricardo Mariano and Charles C. Ryrie, and readings of Brazilian demographic data obtained from the IBGE - Brazilian Institute of Geography and Statistics. We seek to understand how neo-Pentecostal communities have sought to overcome this process, due to the little or apparent lack of symbols that bind their identity to the sacred, contrary to Catholicism that holds a "rich" symbolic capital, though losing their numerical leadership position every decade. What would be its maintenance tool of sacred symbols? We conclude that the use of symbolic capital of the Judaism is being used for this purpose. These appropriations are manifestations in response to pressures, using the dispensationalism, even unconsciously, to legitimize them institutionally.

**Keywords:** Religion; Judaism; Secularization; Dispensationalism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Retirada do site, ordem do Carmo em Portugal.....	84
Figura 2 - Capa da Revista CMN edição de Junho de 2013.....	95
Figura 3 - Propaganda de Viagem a Israel .....	96
Figura 4 – Reportagem com temas da atualidade.....	96
Figura 5 - O Grande engano do Anti-ssemitismo.....	97
Figura 6 – Capa da Revista CMN edição de maio de 2012.....	98
Figura 7 – Capa da Revista CMN edição de julho de 2014 .....	99
Figura 8 – Interior da Revista CMN.....	100
Figura 9 - Capa da edição Revista WFJ JUN/14 .....	108
Figura 10 - Capa das edições da Revista WFJ JAN/FEV 15.....	109
Figura 11 – Carta de bem-vindo do prefeito de Jerusalém.....	110
Figura 12 - Carta do Primeiro Ministro de Israel .....	111
Figura 13 - Sobreviventes cuidados pela ICEJ .....	112
Figura 14 - Doação de abrigos de proteção .....	112
Figura 15 – Manual em português da Festa 2014 e WFJ de 2015.....	113

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 OBJETIVOS .....	13
1.1.1 Objetivo geral .....	13
1.1.2 Objetivo específico .....	13
1.2 Problema.....	13
1.3 Hipótese .....	13
1.4 Justificativa e definição do problema .....	14
<b>2. CAPITULO PRIMEIRO .....</b>	<b>20</b>
2.1. Religiosidades e os efeitos da contingência histórica.....	20
2.2. Crescimento e presença pentecostal .....	22
2.3. Definindo o sagrado e sua ausência.....	26
2.4. O Dispensacionalismo .....	28
2.5. A Secularização e a Resposta Dispensacionalista .....	30
2.6. História Dispensacionalista .....	34
2.7. Dispensacionalismo, a Sistematização Inicial .....	38
2.8. EUA Dispensacionalista .....	38
2.9. O Presbiteriano Brookes .....	39
2.10. A Referência em Referência, Scofield .....	40
2.11. O Batista A. J. Gordon.....	44
2.12. Seminário de Dallas.....	45
2.13. Divisões do Dispensacionalismo .....	47
2.14. Críticas ao Dispensacionalismo.....	48
2.15. Uma Construção Histórica Social.....	50
2.16. O Fenômeno Dispensacionalista .....	52
<b>3.0 CAPITULO SEGUNDO .....</b>	<b>55</b>
3.1Dispensacionalismo no Brasil e suas várias faces: do judaísmo messiânico a IURD .	55
3.1.1. Judaísmo e os judeus messiânicos .....	55
3.1.2. Judaísmo .....	55
3.1.3. Messianismo e os seus conceitos.....	56
3.1.4. Diferenças entre os conceitos relativos à messiânico .....	58
3.2. Judeus messiânicos no Brasil .....	59

3.2.1. O rabino, brasileiro e messiânico. ....	60
3.2.2 A sinagoga messiânica do Brasil .....	64
3.2.3 Influências contingenciais do messianismo brasileiro.....	65
3.3. Valnice Milhomens: uma dispensacionalista .....	66
3.4. Movimento em células Modelo dos 12.....	67
3.5. M12brasil e a Embaixada Cristã.....	67
3.6. Beth Shalom Brasil.....	70
3.7. Década de 1980 e 1990.....	70
3.8. Os símbolos judaicos, a atualização neopentecostal .....	73
3.9. Apropriações, neopentecostalismo e IURD.....	76
<b>4. CAPITULO TERCEIRO.....</b>	<b>84</b>
4.1. Dispensacionalismo nos periódicos Chamada da Meia-Noite e Word From Jerusalém (2013 - 2015) .....	84
4.1.1. Dispensacionalismo e as apropriações hegemônicas.....	84
4.1.2. Povo escolhido no dispensacionalismo e seu valor simbólico .....	85
4.1.3. Literalidade e a manutenção do discurso.....	86
4.1.4. A chamada ao dispensacionalismo .....	88
4.2. Fundamentalismo literal .....	90
4.3. Uma chamada literal.....	91
4.4. A história através do dipensacionalismo da Chamada da Meia-Noite .....	101
4.5. Distinção entre Israel e a Igreja forte paradigma dispensacionalista.....	105
4.6. A ICEJ e a manutenção do discurso dipensacionalista.....	114
4.7. Dispensacionalismo o institucionalizador neopentencostal .....	119
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Religião é parte do cotidiano humano há muito tempo. A religiosidade e a sociedade estão articuladas e juntas compõem um ideário que se mescla e algumas vezes se legitima mutuamente, conferindo à religião um caráter de criadora da sociedade e à sociedade o direito de existência justificado pela religião.

De tal modo, a sociedade é mantida mediante o prisma de situações que a legitima como tal, haja vista que seu caráter de plausibilidade está respaldado em aspectos também religiosos. “O homem enfrenta o Sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado” (BERGER, 2004, p.39).

No que se refere à ‘plausibilidade’, Berger assim chama aquilo que se torna digno de fé, outorgando às ideias gerais sustentação social na manutenção do mundo que a religião constrói. Isto posto, cabe destacar que, sem dúvida, um dos fatores que definem o homem como ser social é sua religiosidade. A humanidade sempre se percebeu como religiosa, mas o que é religião?

A religião é, em muitos aspectos, mais que um substantivo. Poderíamos dizer que além de sua definição inicial ela possui uma pluralidade conceitual dado ao fato de possuir caráter subjetivo, profundo e imbricado. Assim, faz necessário definir com clareza a palavra religião para, a partir daí, prosseguirmos até as fronteiras permitidas no âmbito das reflexões, sejam elas filosófica, sociológica, psicológica ou fenomenológica.

Por definição, segundo Rubens Alves “é fácil identificar, isolar e estudar a religião como o comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes.” (ALVES, 1981, p.12) quando se objetiva formular um resumo do seu significado na língua portuguesa que, como já dissemos, classifica-se como um substantivo. A definição dos dicionários acrescenta outros significados a ela, tais como: “s.f. 1. Crença na existência de força ou forças sobrenaturais. 2. Manifestação de tal crença pela doutrina e ritual próprio. 3. Devoção (2).” (AURÉLIO, 2007, p.695). Esse constructo tem revelado, de forma simples e direta, a pluralidade de observações, pois, se atentarmos para o termo em seu caráter etimológico, encontraremos outros aspectos a extrair da palavra quanto ao seu conceito.

Considerando a moderna construção teórica da categoria religião e sua universalização a reboque do colonialismo – o que ocorreu também com as noções de magia, secular e religiões mundiais, entre outras -, bem como a enorme diversidade a variabilidade histórica dos fenômenos religiosos,

James Beckford esclarece que a “religião é um constructo social e cultural com significado altamente variável”, e não denota algo fixo ou essencial para além dos significados que assume em contextos culturais e sociais particulares. Quanto a religião, Peter Beyer reitera que “não ha essências, apenas desenvolvimentos históricos contingentes”, sendo contingente todos os aspectos da religião moderna, inclusive as formas e conteúdos que a religião manifesta nos planos conceitual e institucional. (MARIANO, 2013, p.232).

Neste contexto, é possível afirmar que o conceito de religião é amplo e pode variar dependendo do seu interlocutor, uma vez que sua definição pode ser composta por perspectivas pautadas em visões restritas e específicas. Segundo Hock (2012, p.17) “Um dos problemas na definição do termo religião reside no fato de que o próprio termo nasceu em contexto cultural e histórico muito específico – num primeiro momento pertence à história intelectual ocidental”.

Observando esse aspecto podemos aceitar, conceitualmente, a proposta etimológica apresentada pelo linguista Emile Benvenise, conforme o qual “há duas etimologias possíveis da palavra religião. (...) religare, Ligar (...) Relegere, Reler, voltar atrás, retornar a leitura para melhor assegurar-se do sentido”. (LEENHARD, 2012, p.9). Ou, segundo Hock (2012, p.17) seu significado estaria ligado à expressão latina “religio” à qual remonta o sentido de “atuação com consideração” ou a “observação cuidadosa”.

Diante do exposto, apresenta-se uma breve e referenciada explanação a cerca da religião e seu conceito sem, no entanto, exaurir a amplitude de abrangências para tal discussão, haja vista o propósito de aproximação e identificação com a mesma, a fim de realizar uma observação científica adequada.

Importante salientar que a expressão ‘culto’, não esta limitada ao momento litúrgico ritual, mas a praticas cotidiana, não limitamos o nosso pensamento a uma questão etnográfica em si, mas a um viés antropológico no que diz respeito a pratica e manifestação cotidiana do ser neopentecostal.

Buscamos observar o que aparentemente é ou era menos relevante, assim também vale explicar nossa relação coma palavra ‘símbolo’, o que será percebido na nossa proposta através das próprias revistas que analisaremos, como símbolos protestantes de difusão do dipensacionalismo e sua judaicidade.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Investigar e identificar a utilização dos ritos e símbolos judaicos nos cultos evangélicos e a sua possível relevância no crescimento das igrejas evangélicas neopentecostais e como essa apropriação se fundamenta institucionalmente.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

- a) Produzir análise inédita dos efeitos dos ritos judaicos na reformulação dos mundos protestantes e sua proposta de cosmovisão;
- b) Examinar os efeitos da secularização na instituição religiosa protestante e como a identidade judaica ajuda a mesma a compor o sagrado em seu ideário.
- c) Identificar o discurso Dispensacionalista e sua presença nos grupos que praticam a utilização de ritos e símbolos judaicos.

## **1.2 O Problema**

Diante dos efeitos da modernidade e do processo de secularização, estariam as igrejas protestantes, mais especificamente as neopentecostais, fazendo uso das apropriações de capitais simbólicos judaicos para fazer frente a essa modernidade? Para fazer frente a esse fenômeno? Poderia o Dispensacionalismo ser um dos motores para legitimar essas apropriações? Os fiéis advindos do catolicismo romano que hoje ocupam as denominações neopentecostais, sentem-se confortáveis com o uso desse capital simbólico? Quais os discursos do Dispensacionalismo que podem ser identificados nas literaturas ‘Chamada da Meia Noite’ e ‘*Word From Jerusalem*’?

Buscando responder a esses questionamentos nos debruçamos sobre os dados e materiais obtidos em nossa pesquisa resultantes da análise de referencial teórico pertinente a cerca da referida temática.

## **1.3 A Hipótese**

A presença da simbologia judaica nas Igrejas neopentecostais está diretamente ligada a uma influência do dispensacionalismo que fundamenta, teologicamente, seu discurso e viabiliza essa apropriação. Dentro dessa lógica, o uso dos periódicos ‘Chamada da Meia-Noite’ e ‘*Word From Jerusalem*’ são ferramentas que auxiliam a institucionalização do fenômeno. O pensamento dispensacionalista supracitado se faz presente em alguns grupos neopentecostais apesar de os mesmos desconhecerem ou sequer perceberem tal presença.

#### 1.4 Justificativa e Definição do Problema

As Igrejas evangélicas e sua fragilidade provocada pela modernidade, conforme a proposta sociológica defendida por Berger (1985) colocam em risco o mundo construído pela religião. A mesma força que imprimiu e hoje se apresenta como responsável pelo decréscimo do catolicismo romano pode e será utilizada contra os muros da religião protestante. Dessa forma, existe uma preocupação, mesmo que inconsciente, em erguer barreiras de contenção à sua ação:

Portanto, os pós-modernismos<sup>1</sup> religiosos tendem a compartilhar diversas características do momento cultural atual, a partir sobretudo da ‘ruptura do cânone ocidental’ que está em andamento, trazendo em seu bojo a influência e valorização de outras culturas. Neste particular, destacam-se as agudas críticas que os diversos fundamentalismos fazem aos pressupostos iluministas da modernidade ocidental. (SILVA, 1998, p.137).

As igrejas evangélicas, buscando contrapor-se à interiorização da inexistência do sagrado em seu contexto de mundo, passaram a buscar capitais simbólicos válidos<sup>2</sup>, os quais não manifestem uma identificação com princípios católicos ou seus símbolos do sagrado, mesmo procurando uma identidade que, simbolicamente, também represente e manifeste sua ruptura com a religiosidade hegemônica Católica Apostólica Romana.

Isto posto, o referido estudo buscou apresentar e identificar o uso recorrente de simbologia judaica nas celebrações protestantes da corrente neopentecostal. Utilizando para esse fim a ‘apropriação’, já que essas construções são coletivas, ou seja, Berger (1985, p.29):

---

<sup>1</sup> O pensamento do autor sobre pós-modernidade é coerente, mas nossa preocupação aqui e pensamento priva-se ao termo modernidade, entendendo que esse debate é muito complexo e não pretendemos apresentar sua resolução aqui.

<sup>2</sup> Importante salientar que a validade que pretendemos apresentar aqui não esta no sentido único ou irrestrito, mas aponta para o perceptível ou identificável em sua pratica com religiosidade A ou B, trazendo as suas apropriações um valor simbólico, que no caso dos usos desses capitais simbólicos judaicos vão salientar seu poder magico, próprios do judaísmo.

A atividade que o homem desenvolve de construir um mundo é sempre um empreendimento coletivo. A apropriação interna do mundo por parte do homem também deve ocorrer numa coletividade, que complementou dizendo que “pode-se acrescentar que o indivíduo se apropria do mundo em conversação com os outros e, além disso. Que tanto a identidade como o mundo permanecem reais para ele enquanto ele continua a conversação.

Os ‘capitais simbólicos’ estão ancorados no pensamento de Bourdieu (1930-2002) é sua percepção sobre a referencia entre os capitais financeiros e as trocas existentes, mesmo que no campo simbólico, “poder quase mágic que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido.” (BOURDIEU, 2001, p.14). E através dos capitais que analisaremos as apropriações também.

O processo observado defende a existência deste fenômeno sociológico, ‘apropriação’, também nas igrejas evangélicas através da liberalização dos costumes e adoção de ritmos como rock, funk, rap e samba com letras religiosas, e a realização de shows de música gospel (SILVA, 1998). Diante das situações do cotidiano, podemos identificar a busca do mundo sagrado e sua identidade nos mais diversos contextos. Contudo, a formação do sagrado, construído ao longo das eras, necessita de forças maiores que essas para sobreviver às investidas da secularização.

Seus usos, ritmos e manifestações que antes eram tidas como profanas, podem e irão perder-se com muita facilidade dado à proximidade com o cotidiano. Assevera-se que mesmo alcançando um determinado nível de personificação, esse tipo de legitimação do sagrado com o uso do profano, pode ter efeito contrário ao esperado, como afirma Peter Berger:

Mesmo nesses casos, contudo, a qualidade sagrada atribuída aos acontecimentos ordinários da própria vida conserva o seu caráter extraordinário, um caráter que é tipicamente reafirmado através de vários ritos; a perda deste caráter equivale à secularização, isto é, a se conceber os acontecimentos como puramente profanos. (BERGER, 1985, p.39).

O uso da ‘apropriação’ na esfera da religião é válido, porém, pode levar à perda de valores e vínculos concretos e legitimantes quando efetuada de forma indiscriminada. Assim, o uso de uma cultura sólida, lógica e envolvida por símbolos nos quais o sagrado não tenha a identidade, ou melhor, dizendo, a essência hegemônica das relíquias.

A respeito dos objetos de culto e a proximidade da supervalorização do material, estas são situações que dificultariam a absorção por parte da ala mais conservadora ou mesmo

fundamentalista. E, é nesse ponto que surgem os símbolos e ritos judaicos, pois esses se encaixam claramente na proposta pretendida.

Assim, a revitalização religiosa observada na atualidade, pode ser inserida na própria corrente da pós-modernidade, a partir do momento em que constata-se uma revalorização do ritual, em função sobretudo de uma maior ênfase no símbolo como sua “unidade central de expressão” e, no surgimento de novas metáforas, que se coadunam com uma compreensão da realidade em transformação. (SILVA, 1998, p.2).

Daí a necessidade da revitalização protestante e, em específico, da ala neopentecostal pautar sua matriz no judaísmo, já que o mundo formado por sua declaração de fé moderna está marcado por uma forte rejeição histórica por parte da religião hegemônica, ao qual o protestantismo é também historicamente antagônico.

Todo esse efeito em buscar apropriações das matrizes judaicas em meio ao protestantismo não pode unicamente ficar na simples interpretação de modismo. Essa realidade foi motivada por situações que não podem ser ignoradas e, para isto, as observações de Berger são estratégicas para a compreensão e obtenção das respostas a essa tentativa de desenvolver o sagrado.

Ao utilizar ritos e símbolos judaicos, o segmento neopentecostal realiza uma escolha racional, motivada de forma subjetiva, que busca a objetivação de um novo mundo através das apropriações de uma religião que constitui a matriz do cristianismo e cujo acervo simbólico é farto, possuindo o componente de historicidade que valoriza e legitima a sua proposta religiosa em oposição ao catolicismo.

No apanhado teórico encontramos velhos termos com novos resultados. Expressões medievais como ‘judaizantes’ vem sendo utilizadas em textos disponibilizados na internet, escritos e mantidos pelas alas mais conservadoras da igreja protestante, que vêem esse fenômeno como nocivo ao que chamam de tradição e evangelho genuíno.

Exemplo da conjuntura aludida é encontrada no site da Casa Publicadora da Assembleia de Deus, em um texto intitulado ‘Judaizantes Modernos e suas práticas perniciosas’ no qual o autor, Douglas Baptista, Líder da Assembleia de Deus do Distrito Federal, Doutor em Teologia Sistemática e Mestre em Teologia do Novo Testamento defende. No entanto, estas práticas entram sutilmente na liturgia do culto e precisam ser erradicadas. Espera-se dos líderes que sejam firmes na defesa da fé cristã. (CPAD, 2014).

Em outro endereço eletrônico, o Centro Apologético Cristão de Pesquisas - CACP<sup>3</sup>, em uma de suas postagens com o título ‘Judaizantes de Hoje’, ataca duramente as práticas de uso associadas à simbologia judaica.

Algo parecido tem acontecido na Igreja brasileira nos dias atuais. Os judaizantes modernos ensinam que devemos guardar as festas judaicas, ler a Torah nos cultos, etc. É muito comum vermos cristãos usando kipás (bonezinho usado pelos judeus), buscando ligações genealógicas com o povo israelita para que possam obter nacionalidade judia, entre outras coisas. Até mesmo nos cultos de algumas igrejas, músicas e danças judaicas foram inseridas. Em nome do amor a Israel a bandeira da nação é colocada na igreja (será que um árabe desejoso por conhecer Cristo entraria nesta igreja?), o shofar é tocado e promovem-se as festas com a promessa de uma nova unção sobre a vida de quem participa de tais celebrações. (CACP, 2014)

O movimento de utilização de símbolos judaicos pode ser encontrado em qualquer denominação, inclusive, em alguns grupos da religião hegemônica que praticam a ‘apropriação’ de simbologia judaica. Tais práticas indicam que dentro do protestantismo de linha neopentecostal existe uma apropriação desse simbolismo judaico com específica finalidade, mas, para que esse novo capital simbólico se legitime, se faz necessário uma institucionalização.

Com o movimento dispensacionalista, essa apropriação tornar-se-á possível, pois, uma das suas propostas está fortemente pautada na valorização do Israel nacional, legitimação que se tornou mais acentuada após 1948, com o surgimento do estado judeu. Assim, observamos o conceito de sagrado defendido por Berger como “uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia relacionado com ele”. (BERGER, 2008, p.38).

Portanto, nos dedicamos neste estudo a observar esse poder ‘misterioso’ na simbologia judaica que busca essa identificação distinta, mas, reutilizada para atender uma clientela nova e que não dispõe de todo o embasamento e compreensão histórica destes símbolos e ritos absorvidos. Por outro lado, quando falamos de símbolos queremos expressar o conceito de Eliade: “As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser”. (ELIADE, 2012, p.8).

Como compreendido inicialmente, o processo de secularização significa a perda de uma clientela que deixou a religião hegemônica e partiu para uma nova experiência religiosa

---

<sup>3</sup> O CACP – Centro Apologético Cristão de Pesquisas, fundado em 1998 é uma organização evangélica paraeclesialística e interdenominacional que promove a fé cristã mediante a produção de pesquisas e informações religiosas. ([www.cacp.org.br](http://www.cacp.org.br), acesso em 20 de Novembro de 2014).

dentro de uma matriz cristã. O sagrado é impregnado por mistério e distanciado do ‘profano’, conceito definido por Berger (1985, p.39) como “todos os fenômenos que não saltam fora como sagrado”, ou seja, situações que não foram vistas como sagradas ou afirmadas como tal. A composição de nosso marco teórico pretende identificar na referida pesquisa as leituras da utilização desses referenciais judaicos nas celebrações das instituições religiosas que pesquisamos.

O referencial teórico que compõe esta pesquisa é formado pelos livros de uso litúrgicos e de conteúdo doutrinário sobre o retorno às raízes judaicas, literaturas estas produzidas por autores evangélicos, e suas fundamentações teológicas. Também procuramos identificar os principais agentes dessa ‘apropriação’. Para uma análise do uso destes ritos, passamos a observar, em específico, as igrejas neopentecostais em campos que manifestem diretamente essas apropriações.

As vastas publicações impressas e as disponibilizadas em diversas páginas na internet nos forneceram grande aporte para a composição de nossa pesquisa, na qual, através da análise dos documentos e registros devocionais, nos debruçamos para identificar as nuances dispensacionalista em suas estruturas de culto. Para esse fim, analisamos a revista do grupo Dispensacionalista Chamada da Meia-Noite dos anos de 2012, 2013, 2014.

Buscando analisar o quadro do dispensacionalismo e comprovadamente suas associações com uma das práticas mais representativas, a valorização de Israel, também compõem nossas análises o estudo das revistas mensais da Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém (ICEJ) em língua inglesa, através da revista *Word From Jerusalem* de setembro 2013 a setembro de 2014, na qual observamos o discurso dispensacionalista internacional.

Procuramos também identificar o nível de apropriações dessa simbologia analisando a sua utilização através dos paradigmas dispensacionalistas. Nossa observação diante da documentação impressa e digital esteve voltada para os seguintes questionamentos:

- a) Quais os aspectos do Dispensacionalismo são encontrados em todos esses grupos?
- b) Quais os que os diferenciam, como cada grupo desses se percebe como parte desse movimento?

Desta forma, no primeiro capítulo buscamos evidenciar a compreensão a cerca do que vem a ser religião e como ela sofre os efeitos da modernidade, além das transformações relacionadas ao próprio momento histórico que vivemos. Sendo assim, apresentamos um conceito ‘religioso’ sobre o ‘messianismo’ e sua compreensão dentro da matriz religiosa brasileira e a judaica, pois a expressão ‘messianismo’ possui sentidos culturalmente diferenciados conforme os diferentes momentos. Buscamos nesse momento identificar os

fenômenos religiosos que estudamos apresentando-os em suas características e como surgiram dentro do cenário religioso.

No segundo capítulo desenvolvemos uma trajetória histórica sobre a construção do Dispensacionalismo e sua evolução. A dificuldade na obtenção de fontes para elucidar esse movimento foi sanada com a utilização de uma bibliografia em língua inglesa dos autores, Ryrie (2007); Blaising (2000) e Bock (2000). Munidos das referidas bibliografias, analisamos a identidade histórica do Dispensacionalismo e buscamos apresentar a elucidação do que ele teoricamente representa. Desta forma, foi possível compreender e perceber, de forma clara, diante das conclusões que inseriremos no capítulo três do nosso trabalho.

No terceiro capítulo apresentamos alguns dados estatísticos da pesquisa realizada no levantamento da literatura Dispensacionalista e os seus discursos, buscando exemplificar suas apropriações e fundamentação teórica. Com o uso dos periódicos tornou-se factível demonstrar como a institucionalização do dispensacionalismo promove a ferramenta de discurso dos neopentecostais que abraçaram essas apropriações. Esperando apresentar uma provável ferramenta de legitimação dessas apropriações e como esse discurso fundamentalista promove uma resistência aos efeitos da secularização no seio destas igrejas com menor capital simbólico.

## 2 CAPITULO PRIMEIRO

### 2.1 Religiosidades e os Efeitos da Contingência Histórica

Quando abordada diante de sua ‘contingência histórica’, a religião responderá a uma demanda social em determinada época ou situação. Uma das percepções que encontramos na religiosidade é o sentido de pureza, ineditismo e conhecimento único. A religiosidade apresenta sua tradição e conclama seus praticantes a adquirirem bens simbólicos sem os quais o poder mágico que lhes é proposto não se manifestará.

Faz-se necessário a diferenciação do conceito de ‘religião’ marcado pela matriz Ocidental, e abordar o chamado ‘ateísmo metodológico’ para compreender seu universo como uma expressão a qual chamamos de ‘religiosidade’. “O que nos interessa, acima de tudo, é apresentar as dimensões específicas da experiência religiosa, salientar suas diferenças com a experiência profana do mundo”. (ELIADE, 2010, p.22).

A essa contingência associamos os chamados efeitos da modernidade, ou secularização e, oportunamente, vamos apresentá-los como fatores que imprimem força nas mudanças, adaptações e na capacidade da religiosidade de se reinventar para moldar-se a novos quadros sociais. Observando a permanência dessa contingência, de construir novos paradigmas utilizando antigos argumentos, identificamos que a religiosidade moderna faz uso da realidade que vivencia para sua própria sobrevivência e legitimação.

Os efeitos dessa contingência podem ser percebidos quando abordarmos a observação do Dispensacionalismo no Brasil, mais especificamente nas manifestações religiosas protestantes de linha neopentecostal. Assevera-se que, muitas vezes o Dispensacionalismo não tem suas marcas percebidas pelo próprio grupo que o utiliza ou defende, algo plausível na matriz religiosa brasileira.

Diante dos efeitos da modernidade, o Dispensacionalismo, que também sofre com seus impactos, vem se reinventando e adaptando-se à matriz religiosa brasileira, extremamente plural e dinâmica em todas as suas formas de manifestações.

Assim, a religião é uma resposta aos anseios sociais e adaptações sociológicas, pois sua interiorização está mais fortemente pautada em fatores sociológicos do que propriamente ‘divinos’. Ela nada tem de teodiceia em sua essência, pois, de acordo com Bourdieu (2005, p.49) toda “teodiceia são sempre sociodiceias”, por contar, de forma direta, com subjetividades respondidas a anseios antropológicos e necessidades claras de legitimações dos empreendimentos humanos e suas respectivas demandas. Tendo o seu papel específico

naquilo que os homens chamam de sociedade e sua proposta como formação antropológica, pode-se dizer, portanto, que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. (BERGER, 1985), tão importante quanto à política, economia ou ciências exatas.

Pelo que percebemos a religião esta posta como parte fundamental na composição da realidade social das interiorizações existentes na contemporaneidade e, que provavelmente, ainda existirão amanhã. Supondo-se que a mesma deveria perder sustentação em meio a uma sociedade cada vez mais racionalizada e materialista, a religião se mantém através das adaptações e, nos grandes centros urbanos, ela torna-se presente e forte em todos os seus aspectos.

Como em todo sistema social, encontramos as situações hegemônicas em nosso campo de estudo. No Brasil, as denominações cristãs têm a religião católica como líder em números de fiéis, mas, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no Censo de 2010, em dez anos a população católica diminuiu 9%, indo de 73,6% para 64,6% da população brasileira. Seria esse declínio resultado da secularização apontada pela sociologia?

A par de uma oferta religiosa mais diversificada, estamos vendo formar-se em nossa terra um contingente cada vez mais numeroso de desencaixados de qualquer religião, desfilados de toda instituição religiosa, desligados de toda e qualquer autoridade religiosamente constituída. (PIERUCCI, 2004 p.17).

Observando a citação de Pierucci, podemos imaginar que as informações referentes ao quadro que compõe os números da última década católica estaria respondido a não ser por um pequeno detalhe relativo aos números do IBGE<sup>4</sup>. Este mesmo censo informa que o número de evangélicos cresceu 6,8 % contra o crescimento de 0,6% dos que se declaram sem qualquer religião, ou seja, quando observamos os números de outras declarações doutrinárias e crenças, percebemos que o brasileiro não deixou de ser religioso, mas sim que tem migrado de confissões para confissões. Sendo assim, realmente a secularização desempenha papel relevante nesse processo?

---

<sup>4</sup> Observações também identifica por Paulo Gracino Junior em A visão aérea e a do nadador: reflexões sobre católicos e pentecostais no censo de 2010. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 10, p. 1154-1183, 2012.

## 2.2 Crescimento e Presença Pentecostal

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vêm monitorando a população brasileira através de vários vetores e um desses, o campo religioso, nas três últimas décadas - 1990, 2000 e 2010, em específico - percebeu-se uma mudança considerável com relação aos índices deste campo, em especial, ao que se refere às religiosidades de matriz cristã.

Fenômeno antes ignorado pela religião hegemônica e também desconsiderado pelas igrejas protestantes históricas, o pentecostalismo surgiu como um novo fator de crescimento e mudança dentro do campo religioso cristão, pois, esse grupo, somando aos ‘sem religião’, representa uma transformação em curso no modo dos brasileiros se relacionarem com o sagrado. De uma confortável quase totalidade a números próximos dos 50%, o maior país católico do mundo ‘está ficando cada vez mais evangélico’ (ANDRADE, 2013) e, poderíamos acrescentar: sem religião. Isso graças a uma constatação de vários estudiosos que “definiram a religiosidade brasileira como sincrética, difusa, híbrida e com forte componente anti-institucional e antiautoritário” (TOPEL, 2011, p.1), talvez esse caráter libertário para uns, e libertino para outros, seja a argamassa que está construindo a religiosidade do brasileiro para o futuro.

Efeitos da modernidade e sua secularização? O Brasil está atravessando uma série de mudanças em seu campo religioso. Desde sua colonização, a influência Católica Apostólica Romana se fez valer e influenciou a construção social. Com o advento da modernidade, essa foi perdendo espaço para a postura cada vez mais laica do Estado e, os espaços públicos antes regidos pelo pensamento hegemônico, tiveram que começar a ser dividido e/ou até mesmo deixado para a plena ação do pensamento laico.

Nesse cenário de mudanças, os protestantes, especificamente os pentecostais, são notadamente os mais destacados. Na década de 70, quando o fenômeno teve início, não dava para pensar ou preocupar-se com um provável crescimento do grupo e, inicialmente, os mais afetados pelas novas práticas religiosas imaginaram que o incipiente movimento seria apenas um diferencial em sua estrutura, cooperando na manutenção e crescimento:

Durante muito tempo, o comportamento das várias denominações foi de uma indiferença temperada com algum anseio de um reavivamento espiritual. Somente mais tarde surgiu a percepção de que a nova versão de cristianismo representava um perigo para suas instituições. As poucas comunidades que receberam os pregadores do novo movimento experimentaram a cisão, fornecendo pessoas para o início de algo que iria marcar profundamente o

campo religioso brasileiro. Desde então, o protestantismo brasileiro nunca mais seria o mesmo. (CAMPOS, 1997, p.77).

Igreja católica mantinha-se como religião confortavelmente instalada em sua estatura, percentualmente superior, e assim, não considerava que um movimento novo alteraria o quadro. Contudo, tal atitude aos poucos teve que ser revista:

A postura da hierarquia católica diante do avanço das outras empresas de salvação tem sido diversificada. Num primeiro momento, seus discursos caracterizavam-nos como 'seita'. Entre as causas explicativas, apontava-se o interesse de governos estrangeiros (sobretudo norte-americano); o sistema social que vigorava no país; o pluralismo cultural dos tempos modernos; o impacto da modernidade e a acelerada urbanização; o proselitismo das seitas. As posições eram caracterizadas por certa indiferença. Afirmava-se que não era a quantidade que interessava. (ANDRADE, 2013, p.37).

Já na década de 1980<sup>5</sup>, ou seja, dez anos após o seu surgimento, o pentecostalismo começou a entrar em pauta nos debates promovidos pela igreja católica e círculos acadêmicos. O fenômeno advindo da matriz protestante começou a se propagar e promover uma diminuição nos índices de crescimento, ou manutenção confortável, não só da religiosidade hegemônica, mas também das igrejas protestantes. Durante a década de 1990, o censo do IBGE encontrou os seguintes dados percentuais:

QUADRO 1 – Censo 1991,2000 e 2010

CENSO IBGE	1991
Católica apostólica Romana	<b>83,0 %</b>
Evangélica	<b>9,0 %</b>
Missão	<b>3,0 %</b>
Pentecostal	<b>5,6 %</b>
Outras	<b>0,4 %</b>
Sem Religião	<b>4,7 %</b>

Fonte: Elaborado pelo autor utilizando dados fornecidos pelo IBGE (2016).

Importante ressaltar que no levantamento realizado pelo censo, a condição evangélica abrange todas as linhas de protestantismo, e em seu quadro de análise subdivide-se. Sendo assim, no quadro acima, os 9% representam o percentual de pessoas que de alguma forma abraçaram o protestantismo como religiosidade. Podemos notar na observação dos valores que, dentro desse universo, 3% eram ocupados pelas igrejas de Missão ou Históricas, os outros 5,6% pelos (de origem) pentecostais que, segundo o IBGE, abrange as neopentecostais a exemplo da IURD, Congregação Cristã do Brasil, assim como a presença dos 4,7% que se declaram sem religião.

<sup>5</sup> Segundo o IBGE o número de pessoas que se declaravam católicas apostólicas romanas estava próximo dos 90%, eram precisamente 89,2%

Um avanço pentecostal sobre as empresas de salvação históricas ou de missão, que já ocupavam o campo e tinha certa vantagem diante dos mesmos, mas ao invés disso os novos grupos apresentam um franco crescimento. Quando vamos analisar e comparar o mesmo quadro na década seguinte, encontramos:

Os pentecostais avançaram em franco crescimento quando comparado com outras empresas de salvação, sejam históricas ou de missão, é inquestionável mesmo quando levamos em consideração que, as igrejas que mais antigas, já ocupavam o campo e tinha uma certa vantagem. Esse crescimento é percebido ao comparar sua evolução numérica na década seguinte.

QUADRO 2 – Censo 1991,2000 e 2010

CENSO IBGE	2000
Católica apostólica Romana	<b>73,6 %</b>
Evangélica	<b>15,4 %</b>
Missão	<b>4,1 %</b>
Pentecostal	<b>10,4 %</b>
Outras	<b>1,0 %</b>
Sem Religião	<b>7,4 %</b>

Fonte: Elaborado pelo autor utilizando dados fornecidos pelo IBGE (2016).

A diferença e o crescimento são os dois paradigmas percebidos nos novos números: as igrejas de missão crescem apenas 1,1%; a igreja católica perde 9,4% em crescimento; e os pentecostais surgem com um crescimento de 50% em uma década, levando-se em consideração o índice de 1990. Também nos chama a atenção o número dos ‘sem religião’, que saltaram de 4,7% para 7,4%, correspondendo a um valor significativo. Em 2010 o quadro se confirma com um agravante para as igrejas históricas:

QUADRO 3 – Censo 1991,2000 e 2010

CENSO IBGE	2010
Católica apostólica Romana	<b>64,6 %</b>
Evangélica	<b>22,2 %</b>
Missão	<b>4,0 %</b>
Pentecostal	<b>13,3 %</b>
Outras	<b>4,8 %</b>
Sem Religião	<b>8,0 %</b>

Fonte: Elaborado pelo autor utilizando dados fornecidos pelo IBGE (2016).

Os dados destacam a estagnação das correntes protestantes históricas e um crescimento próximo dos 30% dos pentecostais. Vale ressaltar os 4,8% das ‘outras de origem pentecostal’, indicador que inicialmente não foi comentado, e que em números absolutos supera o quadro de igrejas como a IURD, Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil. Outro dado importante continua recaindo sobre os ‘sem religião’, com um índice

percentual próximo dos apresentados pelos protestantes no início da década de 1990, representando um crescimento próximo de 100%.

Para uma avaliação mais específica utilizando os dados do IBGE, buscamos analisar o campo religioso em Sergipe, o menor estado da federação. Em números absolutos, os católicos são aproximadamente, conforme os dados do censo 2010, 70 %<sup>6</sup> de fiéis contra, 15,40 %<sup>7</sup> de evangélicos (incluindo todos os ramos de protestantismo). Dentro desse quadro os sem religião são aproximadamente 11,01 %<sup>8</sup>, mais da metade dos evangélicos declarados.

Os dados acima analisados fundamentam a nossa hipótese de que os efeitos da modernidade e da secularização estão promovendo esse desencantamento dos sem religião? Ou a perda de sentido, promovida anteriormente pela religião, é percebida aqui? O quadro de estagnação no crescimento das igrejas Históricas ou Missão também demonstra que a relação das novas religiosidades, em especial a neopentecostal, tem atraído maior número de fiéis?

Os pentecostais, em sua relação com o sagrado, tem feito uso de vários capitais simbólicos, inclusive da religiosidade judaica. Como esses capitais estão sendo utilizados? Como têm construído o sentido dessa nova expressão de relação com o sagrado? As suas apropriações, como se dão? São muitas as perguntas que podem ser feitas diante das variáveis aqui apresentadas. Os neopentecostais fazem uso das apropriações, de forma já amplamente estudada, sejam dos capitais simbólicos da religiosidade popular brasileira, afrobrasileiro, católica ou indígena. (CONTINS; GOMES, 2007; SANTOS; PAZ, 2012; BARBOSA, 2010; CAMPOS, 1996; HERVIEU-LÉGER, 1999).

O capital simbólico judaico, quando observado a nosso ver, carece de uma avaliação mais criteriosa e, por que não dizer conflitante no sentido de ‘popular’, pois, paradoxalmente, a cultura judaica está inserida, segundo pesquisadores, em práticas cotidianas historicamente absorvidas pelo povo brasileiro há séculos devido às práticas criptojudaias. “Pode-se dizer que o principal resultado de séculos de perseguição e discriminação foi o recalque por parte de significativa parcela da população brasileira de suas origens étnico-culturais em benefício da cultura católico-portuguesa prevalecente no país.” (SILVA, 2012, p.15).

Para Anita Novinsky, não resta dúvidas Marranos deixaram no Brasil uma literatura, uma arte, uma política, uma economia que não foram ainda devidamente estudadas (NOVINSKY, 2005)<sup>9</sup>. Compreensão também percebida por Paulo Valadares que esclarece,

---

<sup>6</sup> 1.579.480

<sup>7</sup> 243.330

<sup>8</sup> 174.007

<sup>9</sup> Disponível em: [http://www.tropiologia.org.br/conferencia/2001nova\\_historiografia.html](http://www.tropiologia.org.br/conferencia/2001nova_historiografia.html). Acesso em 12/12/2007

“A cultura cristã-nova, um dos elementos formadores da identidade do povo brasileiro, apesar de clandestina e marginal”. (VALADARES, 2007, p.279). Deixou marcas, sobretudo nas regiões do Sertão Nordestino, no Recôncavo Baiano e nas áreas de mineração das Gerais.

Seriam essas aproximações causadas somente por efeitos da secularização e necessidade de criação de novos sentidos, ou estariam presentes elos na cultura popular, mas que, pelo seu caráter de ‘segredo’, não foi percebida pelos pesquisadores mais experientes? Vale lembrar que a grande maioria dos antecedentes pentecostais e neopentecostais partiram exatamente da região nordeste para ocupar os ambientes das novas regiões urbanas do sudeste brasileiro.

As apropriações dentro do campo neopentecostal acontecem desconectadas desse tema e, talvez essa seja uma abordagem para uma próxima oportunidade de investigação ou para outros pesquisadores. Podemos afirmar que os capitais simbólicos judaicos têm sido apropriados, mas, diferente de alguns outros, não perdem o seu sentido original<sup>10</sup> já que nesses processos os que administram esse capital buscam ressignificar o mundo através da identidade dos mesmos.

### **2.3 Definindo o Sagrado e Sua Ausência**

A definição de sagrado faz-se indispensável a este estudo para que possamos, em nossa pesquisa, salientar sua ausência e por fim o seu provável retorno dentro do corpo eclesial chamado evangélico. Em sua proposta histórica, as comunidades evangélicas não apresentavam o sagrado como base de vivências e interações no caráter cotidiano dos seus serviços religiosos destinados a sua clientela. No entanto, a presença adjetivada do sagrado pode ser percebida em expressões como ‘Bíblia Sagrada’ ou ‘Santa Ceia’, situações mais hipostáticas que fato concreto, já que o sagrado reporta uma exposição diferenciada do objeto assim chamado.

Neste sentido, de acordo com Berger (1985, p.38) “por sagrado, entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência”, ou seja, a experiência de participar da ‘Santa Ceia’ é estar em contato com o sagrado, mas, as concepções de sua essência sagrada estão presentes somente na subjetividade e no homem interior, como se o cordão umbilical

---

<sup>10</sup> Importante deixar claro que esta expressão está associada à ressignificação que apresentaremos no capítulo segundo quando da expressão messiânico, o “sentido original” aqui é pautado na proposta histórica do judaísmo também explicitada no capítulo dois. Quando apresentaremos não existir mudança de sentido ou ressignificação.

mantido pela ideia da ‘transubstanciação<sup>11</sup>’ fosse totalmente inexistente ao ato de professar a fé protestante. Desta forma, o sagrado torna-se frágil e os símbolos que os representa com significados mais frágeis ainda.

Quando pensamos no conceito de sagrado podemos utilizar a definição de Otto (2007, p.151) onde “sagrado no sentido pleno da palavra é, para nós, portanto, uma categoria composta. Ela apresenta componentes racionais e irracionais”. Assim, a racionalização protestante em identificar o sagrado e maneira abstrata também se dá de forma ‘composta’ em que o sagrado nos é apresentado sem uma identidade irracional e física. No entanto, esse distanciamento dos símbolos que o identificam torna-se uma situação nociva para a sustentação da fé e a sobrevivência dessa classe religiosa frente à força da secularização, pois:

O fim dos monopólios religiosos é um processo socioestrutural e sociopsicológico. A religião não legitima mais ‘o mundo’. Na verdade, os diferentes grupos procuram, por diversos meios, manter seus mundos parciais em face da pluralidade de mundos parciais concorrentes. Concomitantemente, a pluralidade de legitimações religiosas é interiorizada na consciência como uma pluralidade de possibilidades entre as quais pode-se escolher. *Ipsa Facto*, cada escolha particular é relativizada e não absolutamente segura. Qualquer certeza deve ser buscada na consciência subjetiva do indivíduo, uma vez que não pode mais derivar-se do mundo exterior, partilhado socialmente e tido por evidente. (BERGER, 1985 p.163)

Entendemos no texto apresentado por Berger (1985) que o novo ambiente para a existência da religião é frágil e escorregadio graças às concorrências e legitimações cada vez mais delicadas e mutáveis mediante a ‘pluralidade de mundos’ onde cada um possui sua própria legitimação e cosmovisão. Portanto, podemos identificar a grande dificuldade em manter-se erguido utilizando-se somente ‘o discurso’, já que, desde a formação de mundo, o homem busca a informação e a imagem, e neste âmbito o sagrado é descoberto e mantido utilizando-se os símbolos e suas propostas de ‘mundos parciais’, pois, encontramos nestes a relação entre os mundos e sua provável plausibilidade sem a qual não existirá a religião ou sua proposta de concepção e participação na cosmovisão. Sobre isto Baudrillard salientou que:

As massas conservaram dele (de Deus) somente a imagem, nunca a Ideia... O que elas conservaram foi o fascínio dos mártires e dos santos, do juízo final, da dança dos mortos, foi o sortilégio, foi o espetáculo e o cerimonial da Igreja, a imanência do ritual - contra a transcendência da Ideia... Esta é a sua

---

<sup>11</sup> s.f. Teologia cat. Mudança de substância do pão e do vinho na do corpo e do sangue de Jesus Cristo, na Eucaristia. É um dogma definido no concílio de Trento.

maneira, através da banalidade dos rituais e dos simulacros profanos, de minar o imperativo categórico da moral e da fé, o imperativo sublime do sentido, que elas repeliram. (BAUDRILLARD, 1994, p.13).

O mundo das ideias deságua na concepção final de religião. Assim, para manter-se como igreja, o protestantismo necessitará desenvolver essa ‘influência do ritual’ ou, compor de alguma forma, uma percepção real de sagrado. No entanto, sua base histórica aponta para outra direção, marcada pelo receio à idolatria e na qual as simbologias são percebidas em menor escala já que a ruptura com o mundo hegemônico não pode ser corrigida. Neste sentido, Ou se busca outra cosmovisão ritual e, por assim dizer, uma identidade com o sagrado, ou absorve-se ao mundo hegemônico, o que incorreria em uma ruptura da proposta protestante evangélica que é o distanciamento do capital simbólico hegemônico. No Brasil Colônia, após a proposta de abertura dos portos às nações amigas, as denominações protestantes também desembarcaram, mas a proposta defendida pela coroa era assim descrita:

Comprometia-se mais Portugal a que não fossem inquietados, perseguidos ou maltratados por motivos de crenças religiosas os súbditos britânicos, podendo construir e frequentar os templos, que entendessem, contanto que, externamente, se parecessem com habitações vulgares e não usassem sinos. (DUNSHEE, 1909, p.3).

Assim, as igrejas protestantes históricas mantiveram-se afastadas dos capitais simbólicos, distanciando-se destes a ponto de se tornarem objetos diminutos em suas cosmovisões. Neste sentido, o uso de ritos e símbolos judaicos por segmentos evangélicos tornou-se uma saída aparentemente mais amplamente adotada, devido à sua aparente ruptura com a religião hegemônica.

É no referido contexto que a proposta ideológica defendida pelo Dispensacionalismo irá adentrar para legitimar e institucionalizar o processo de adaptações e apoderações de capitais simbólicos advindos de outra matriz. Os neopentecostais, muito embora não percebendo, fazem uso do discurso Dispensacionalista para fundamentar essa incorporação de uma simbologia nova no ‘*status quo*’ do protestantismo neopentecostal.

## 2.4 O Dispensacionalismo

O termo Dispensacionalismo vem da ideia de dispensação, interpretação teológica que estabelece uma forma específica de observar a Bíblia e suas narrativas. Segundo Chares Ryrie, “a dispensação é um período de tempo durante o qual o homem é testado em relação à

obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus. Essas sete dispensações são distinguidas nas escrituras”. (RYRIE, 2007, p.27, tradução nossa).

Conforme o citado, a dispensação seria uma espécie de balizador para determinar o nível de relacionamento com Deus e funcionaria como um teste da determinação desse homem em submeter-se à sua vontade. Esse ‘tested’, segundo Ryrie (2007), teria um tempo determinado e sua conclusão culminaria com o estabelecimento da vontade divina de forma irremediável. Dessa maneira, através das dispensações, o divino controlaria a história e seus eventos.

Mediante o controle histórico, os períodos de ‘tested’ para a humanidade seriam gradativamente estabelecidos e, segundo os defensores dessa teologia ou movimento, existiriam sete dispensações que podem ser, de acordo com eles, claramente percebidas nas escrituras. Ou seja, o termo dispensacionalismo vem da ideia de administração de tempo. Assim, entende-se que a história da humanidade pode ser compreendida por ações divinas constituídas em períodos estabelecidos de forma específica que, em alguns momentos, pode ser traduzido também como economia divina:

O Dr. Ryrie assinala que The Oxford English Dictionary define uma dispensação teológica como: “um estágio na revelação progressiva, expressamente adaptado às necessidades de uma determinada nação ou de um período de tempo... também, a era ou período durante o qual um sistema predominou” O termo “dispensação”, em português, é a tradução do substantivo grego oikonomia, muitas vezes traduzido pelo vocábulo ‘administração’ em versões mais atuais da Bíblia. (ICE, 2004, p.32).

Os dispensacionalistas defendem que a história humana está compreendida em um plano traçado e que este pode ser identificado através das interpretações da Bíblia Sagrada. Mesmo as manifestações mais modernas do dispensacionalismo, conhecidas como dispensacionalismo clássico ou normativo, progressivo e ultradispensacionalismo, não abrem mão da compreensão de que o tempo é determinado pela administração da vontade Divina.

Essas dispensações são identificadas em períodos bíblicos distintos, sendo que cada período está descrito por um momento ou personagem e, no tocante às dispensações, essas estabelecem o direcionamento das ações divinas na história do homem. Um dos parâmetros presentes em três das sete dispensações está Israel, o povo judeu.

É na referida abordagem que encontramos um dos mais fortes paradigmas das ideias dispensacionalistas que priorizam a distinção entre Israel, Igreja e as Nações da Terra,

desvirtuar esse paradigma, O Israel espiritual, histórico e político, descaracterizaria o movimento.

Exemplo desse comportamento está registrado nas páginas da revista ‘Chamada da Meia-Noite’, de fevereiro de 2015, na qual, sob o título: Profecias enlouquecidas 2, são abordados temas dispensacionalistas. Na citada publicação Os autores criticam uma proposta semelhante ao dispensacionalismo quanto ao quesito ‘dispensações’ apresentado por um rabino messiânico norte-americano, Jonathan Cahn, que exibiu uma proposta intitulada por ele de *Mystery of Shemitah* (O mistério da Shemitá). A palavra hebraica *shemitá* significa ‘libertação’, sendo o mesmo que o bíblico ‘Ano Sabático’.

A identidade da nova ideia de ‘Shemitá’ e o Dispensacionalismo são semelhantes em um ponto: a periodização da história. Mas, predominava a proposta que a Shemitá estaria associada aos problemas norte-americanos e que através desses ‘períodos’ a divindade estaria ‘testando o povo estadunidense’. Dentro desse período de tempo, que para a Shemitá seria de sete anos, ciclos de acontecimentos marcantes se dariam, como apresenta a revista. “Jonathan Cahn acresce ao erro que havia ensinado em seu livro *The Habinger* (O Arauto), aplicando uma lei de Deus à América – uma lei que se aplica apenas ao exclusivo povo da aliança com Deus: os judeus.” (Mc Mahon, T. A. Profecias enlouquecidas 2. Chamada da Meia Noite, 46, p.8, Fevereiro, 2015).

A proposta de divisão e administração de tempo é clara nos novos ensinamentos do rabino Cahn, porém, quebra uma das premissas da doutrina dispensacionalista. Ele, apesar de afirmar ser judeu messiânico e rabino, aponta sua interpretação para outra nação que não Israel. Para o dispensacionalismo, a nação judaica tem um papel de extrema importância e bem peculiar nas administrações divinas para a humanidade.

A proposta Dispensacionalista, ainda pouco estudada no âmbito acadêmico, traz em seu movimento a oposição a doutrinas teológicas conhecidas no meio como ‘teologia da substituição’, pensamento que inviabilizaria as apropriações simbólicas que, por força da bem estruturada proposta Dispensacionalista, se fundamenta e se legitima.

## **2.5 A Secularização e a Resposta Dispensacionalista**

Como vimos no capítulo anterior, muitos movimentos de ‘restauração’ surgem no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, e esse fenômeno vai alcançar as religiões de matriz protestante, em específico as neopentecostais. O surgimento da valorização de Israel e das

raízes judaicas começa a predominar no cenário evangélico neopentecostal, no qual muitos debates sobre a chamada ‘judaização’ vão ocorrer entre os líderes das igrejas.

A princípio, pode-se entender que esse fenômeno não teria uma explicação ou, que até mesmo aconteceu de forma casual e despreziosa. No entanto, quando buscamos identificar o fenômeno e estudá-lo, detectamos claramente o discurso dispensacionalista que institucionaliza e viabiliza essa prática (BERGER; LUCKMANN, 2008). Corroborando com a temática, Erickson (2000, p.142) coloca que:

Uma segunda doutrina principal do dispensacionalismo diz respeito a uma distinção nítida e específica entre Israel e a Igreja. Essa distinção é considerada fundamental para qualquer compreensão correta da Escritura. ‘Realmente, a eclesiologia ou a doutrina da igreja’, disse Ryrrie, “é a pedra de toque do dispensacionalismo”. Segundo esse conceito, Deus fez uma aliança especial com Israel (originalmente com Abraão) que é incondicional. Não importa qual seja sua resposta, essa nação permanece sendo o povo especial de Deus e no fim receberá a benção.

De acordo com a literatura pertinente, Uma das possíveis explicações para essa aproximação da igreja evangélica aos ritos e práticas judaicas poderia ser apresentada como uma reação à secularização sofrida pelos pares religiosos.

O Brasil e as religiões cristãs têm a religião Católica Apostólica Romana como líder em número de fiéis. Mas, segundo dados do IBGE e do censo de 2010, a população católica no país diminuiu 9% em dez anos, caindo de 73,6% da população nacional para 64,6%. Seria esse declínio resultado da secularização apontada pela sociologia?

A par de uma oferta religiosa mais diversificada, estamos vendo formar-se em nossa terra um contingente cada vez mais numeroso de desencaixados de qualquer religião, desfilados de toda instituição religiosa, desligados de toda e qualquer autoridade religiosamente constituída. (PIERUCCI, 2004 p.17).

Observando o texto de Pierucci (2004) podemos imaginar que o quadro representativo dos números referentes à última década católica estaria respondido e que o seus praticantes teriam passado a adotar uma religiosidade privada e sem vínculos. No entanto, é necessário ressaltar o seguinte detalhe nos números do IBGE: este mesmo censo informa que o número de evangélicos cresceu em 6,8% contra o crescimento de 0,6% dos que se declaram sem qualquer religião, ou seja, quando observamos os números de outras declarações doutrinárias e crenças, percebemos que o brasileiro originário da confissão católica, não deixou de ser religioso, mas sim que tem migrado de confissões para confissões. Sendo assim, o papel da

secularização no enfraquecimento do sagrado nesse processo realmente existe? Ademais, podemos questionar sua influência quando da Igreja Católica:

O Católico vive em um mundo no qual o sagrado é mediado por uma série de canais – os sacramentos da igreja, a intercessão dos santos, a erupção recorrente do ‘sobrenatural’ em milagres – uma vasta continuidade de ser entre o que se vê e o que não se vê. O protestantismo aboliu a maior parte dessas mediações. Ele rompeu a continuidade, cortou o cordão umbilical entre o céu e a terra, e assim atirou o homem de volta a si mesmo de uma maneira sem precedentes na história. (BERGER, 1985, p.124).

Uma das conclusões epistemológicas que percebemos estatisticamente é que a secularização corroeu a ‘interiorização’ do sagrado no catolicismo romano tradicional e que grande parte dessa clientela migrou para o ambiente de outras religiões, em específico, para a religião chamada cristã protestante e, paradoxalmente, para uma em conformidade com a teoria menos marcada pelo sagrado, o que nos faz chegar a duas hipóteses: 1) esses grupos identificaram algo sagrado nos ritos evangélicos; 2) sua migração é temporária e desembocará no final em um grupo sem religião nos próximos 10 ou 20 anos.

Para identificar essa migração paradoxal, faz-se imprescindível observar os dados do censo do ano 2000: percebemos mediante a análise das informações que a religiosidade menos ineficiente frente à secularização é a que está sofrendo com seu efeito, pois o sagrado através de seus símbolos está presente na religiosidade hegemônica, mas esse fenômeno, que deveria também ser identificado com provável intensidade maior nas igrejas protestantes, não está sendo, aparentemente ou estatisticamente, registrado com os mesmos efeitos e, ao contrário, esses grupos estão em franco crescimento com taxas próximas aos 50% em cada espaço temporal de uma década.

Por outro lado, as grandes religiões institucionalizadas, como as principais denominações protestantes e o catolicismo, sofrem profundas transformações de ordem doutrinária relativas à organização eclesiástica, em face do processo de secularização dominante da história moderna. (PIERUCCI, 2004; p.21).

Diante das análises acevara-se que O efeito da secularização no protestantismo é, neste momento, o crescimento. Mas como manter essa situação em uma ramificação onde o sagrado é minimizado? A saída considerada seria a busca por meios de viabilizar o seu retorno ou torná-lo perceptível.

A chamada ‘judaização’, referência à presença de ritos e símbolos judaicos nas igrejas protestantes neopentecostais, é inserida com o propósito de atender a essa demanda. Sua simbologia com um capital simbólico funcional é apresentado nos cultos neopentecostais como resposta à necessidade de manutenção do sagrado.

Assim, esses grupos apoderam-se do capital simbólico da religião judaica por entenderem que sua matriz tem os aspectos necessários para isso, além de representar uma clara ruptura com o capital simbólico hegemônico anterior, ou seja, aquele inferido pela igreja católica.

De início, com um discurso de valorização de Israel e sua distinção da Igreja, os novos grupos religiosos neopentecostais passam a adotar uma linguagem judaica em seus cultos e ritos. De acordo com Ginzburg (1987), O processo de ‘circularidade’ vem ocorrendo historicamente nas relações da matriz religiosa do povo brasileiro, onde a cultura popular influencia a religiosidade e suas formas clericais institucionalizadas e essa cultura popular, a qual se constrói tentando responder às demandas da elite religiosa. “Portanto, temos, por um lado, dicotomia cultural, mas, por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, particularmente intenso na primeira metade do século XVI”. (GINZBURG, 1987, p.15).

Suas relações, muitas vezes dúbias, provocam uma viabilização desse movimento como, por exemplo, no caso dos neopentecostais brasileiros:

Pode-se ligar essa hipótese aquilo que já foi proposto, em termos semelhantes, por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo ‘circularidade’: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo (exatamente o oposto, portanto, do ‘conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa’ que me foi atribuído por certo crítico). (GINZBURG, 1987, p.10).

Desta forma, os novos grupos neopentecostais são uma continuidade dessa ação de transformação da matriz religiosa brasileira operando com práticas já percebidas, cuja troca de valores ocorre na construção do ser religioso, e assim, a apropriação dos novos capitais simbólicos é uma influência da necessidade de novas percepções de sagrado, como também a construção proposta e pensada com a legitimação do discurso dispensacionalista. Sendo esse momento uma continuidade das transformações provocadas em reação ao efeito da modernidade.

O ser pentecostal, o ser protestante ou o ser católico não podem ser avaliados como formas excludentes de ser, uma vez que todos fazem parte de um contexto amplo de transformação do cristianismo no interior das sociedades modernas, que teve início ou se consolidou com o movimento da Reforma Protestante no século XVI. (MENESES, 2008, p.32).

Meneses chama a essa experiência histórica de circularidade uma proposta defendida por Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Carlos Ginzburg (1939), pois segundo o autor a reciprocidade das partes criará uma influência em ambos os sentidos.

Na busca do fortalecimento de seu capital simbólico, a proximidade com a valorização de determinado aspecto da fé promove maior evidência. Semelhante à circularidade, a ‘apropriação’ é outro fenômeno encontrado nessa temática. Enquanto supomos que a força da circularidade é espontânea, a apropriação vem a acontecer de forma proposital.

Deste modo, pela força desses movimentos, os protestantes estão indo na direção de uma judaização onde os valores simbólicos do judaísmo permanecem e são incorporados ao cotidiano da fé de matriz protestante contemporânea, criando essa relação dúbia (religiosos dúplices), com capitais simbólicos de manifestações religiosas diferentes:

Um primeiro aspecto chama a atenção quanto aos religiosos dúplices. Entre eles aparecem as duplicidades já constatadas desde princípios do século passado, ou mesmo antes disso, como a católica/espírita (quarenta casos, ou 10% do total) e a católica/afro-brasileira (nove casos, ou 2%). Mas aparecem também outras duplicidades francamente inusitadas, como a dos católicos/protestantes, com uma frequência tão ou mais alta que as tradicionais (34 casos, ou 9%), além de duplicidades com religiões orientais e esoterismos, e combinações de mais de duas religiões, também com frequência relativamente elevada (31 casos, ou 8%). Pode-se dizer, portanto, que na atualidade as duplicidades não só se mantêm como aumentam e se diversificam. (NEGRÃO, 2008, p.124).

Um dos elementos que definem ou orientam essa prática no campo religioso neopentecostal poderá ser percebido através do dispensacionalismo, pois esse, na estrutura protestante institucionaliza, efetiva-se fazendo com que essa possa diminuir seu ar de magia em relação à valorização do sagrado.

## **2.6 História Dispensacionalista**

Definido sinteticamente como “o sistema teológico e hermenêutico conhecido como Dispensacionalismo.” (ERICKSON, 2000, p.133), surge no início do século XIX quando, em 1830 nas Ilhas Britânicas, o irlandês Jonh Nelson Darby (1800-1882) formulou ‘a primeira expressão sistematizada do Dispensacionalismo’.

No entanto, existem aqueles que defendem a presença de traços do dispensacionalismo no período pré-niceno. Um pré-dispensacionalismo é apresentado por Thomas Ice citando Larry Crutchfield:

A despeito do número de economias (dispensações) defendidas pelos pais da igreja, permanece o fato de que eles estabeleceram aquilo que pode ser considerado a doutrina das eras e dispensações, a qual prefigurava o dispensacionalismo tal como é sustentado nos dias atuais. Sem dúvida a perspectiva deles era menos detalhada e menos sofisticada. Todavia, é evidente que os pais primitivos consideravam o procedimento de Deus com o seu povo em termos dispensacionais (...). Em todas as áreas de importância vitalina da igreja primitiva pode-se encontrar traços rudimentares de dispensacionalismo que apresentam extraordinária semelhança com seu descendente contemporâneo. (ICE, 2004, p.56).

Segundo Crutchfield demonstrou: Justino Mártir (aprox. 110-165 d.C.), Irineu (aprox. 130-200 d. C.), Tertuliano (aprox. 160-220 d.C.), Metódio (falecido em 311 d.C.) e Vitorino de Pettau (falecido em 304 d.C.), apresentaram um suposto ‘pré-dispensacionalismo’. Irineu utiliza-se de uma argumentação de dispensações para explicar a existência de apenas quatro evangelhos:

O Evangelho é quadriforme, também está como o curso seguido pelo Senhor. Para estes quatro convênios a principal razão foi dada para a raça humana: um, antes do dilúvio, sob Adão; o segundo, após o dilúvio, Noé; o terceiro, a promulgação da lei, sob Moisés; o quarto, aquilo que renova o homem, e resume todas as coisas, em si, por meio do Evangelho, levantando elevando os homens em cima dele, tornando-se asas para o reino celestial. (Against Heresies, III, XI.8.) (RYRIE, 2007, p.72, Tradução nossa).

Para Irineu, existiriam quatro dispensações, ou, como define em tradução livre, quatro ‘convênios’: a primeira em Adão; a segunda através de Noé; o terceiro convênio em Moisés; e por fim um convênio do Evangelho através de todos os homens. Agostinho (354-430) defendeu em sua carta para Marcellinu um conceito semelhante ao dispensacionista com uma concepção clara de ideias sobre dispensações, Ryrrie cita:

A instituição divina do sacrifício era adequada na antiga dispensação, mas não é adequado agora. Para que a alteração apropriada à era se dê o estado do homem que é adequado para todos os tempos, se ele der ou acrescentar, suprimir ou reduzir, aumentar ou diminuir, o Criador imutável das coisas mutáveis, ordenando todos os eventos em sua providência até a beleza do curso concluído de tempo. Os componentes são os adaptados a cada idade sucessivas, deverão se concluir, como a grande melodia de algum mestre inefável sábio de música, a eterna contemplação aqui, é um momento de fé, da visão, são aceitavelmente adorá-lo .... não há mudança em Deus, embora no primeiro período de história do mundo Ele ordenou uma aliança do tipo

sacrifício, e no último período outra, ordenando aí as ações simbólicas pertencentes à bendita doutrina da verdadeira religião em harmonia com as mudanças de sucessivas eras, sem qualquer mudança em si mesmo .... Se ele está agora estabeleceu uma era, com razão, ele pode estabelecer outra época com razão, - a alteração indica uma mudança na forma de trabalhar, e não no plano. Aquele que faz a mudança, o plano que está sendo enquadrado por Sua faculdade de raciocínio, a qual, incondicionado pela sucessão no tempo, essas coisas são simultaneamente presentes que não pode ser, na verdade, feito ao mesmo tempo, porque as idades se sucedem. (To Marcellinus, CXXXVIII, 5, 7) (RYRIE, 2007, p.73, Tradução nossa).

Outro aspecto forte que fundamenta a observação de Crutchfield é, segundo ele, o posicionamento quanto às atribuições distintas de Israel e a Igreja Ice:

Os pais (1) Fizeram uma distinção entre a Igreja e o Israel nacional; (2) reconheceram as distinções entre os diferentes povos de Deus no decorrer da história bíblica; e (3) criam no cumprimento literal das promessas da aliança no reino terreno (...) a moderna posição dispensacionalista referente a Israel e a Igreja é essencialmente um refinamento, não uma contradição, da posição da Igreja de Nicéia. (ICE, 2004, p.57).

Durante a Idade Média todas as grandes características do pensamento pré-dispensacionalista permaneceram ausentes, “a distinção Israel-Igreja ficaram grandemente ausente da discussão teológica ou sobreviveram de modo secreto.” (ICE, 2004, p. 57).

O período histórico pré-dispensacionalista apresenta, na Reforma Protestante e durante seu estabelecimento, uma preocupação em desenvolver o estudo da Bíblia de forma mais aproximada, 250 anos antes de Darby ou da impressão da bíblia de estudo, Scofield<sup>12</sup>. Jonatathan Edwards (1703-1758) escreveu sua *History of the Work of Redemption* (História da Obra de Redenção), onde defendia uma progressividade na salvação preparada por Deus para os homens.

Charles C. Ryrie define o dispensacionalismo como “uma economia distinguível da realização do propósito de Deus” (ERICKSON, 2000, p.135). Chamamos a atenção para a expressão utilizada ‘economia’; em 1687, Pierre Poiret (1646-1719) apresentaria um esquema em sua obra *The Divine Economy* (1687), sendo que este trabalho do renomado filósofo cristão estava dividido em três volumes com sete tópicos:

- I. Primeira infância – até o Dilúvio;
- II. Segunda infância – até Moisés;
- III. Terceira infância – até os profetas;
- IV. Mocidade – até a vinda de Cristo;

---

<sup>12</sup> Um dos referenciais do dispensacionalismo, que será apresentado mais adiante.

- V. Maioridade – “Algum tempo depois disso”;
- VI. Velhice – “O tempo do declínio humano”;
- VII. Renovação de todas as coisas – o Milênio.

O teólogo Isaac Watts (1674-1748) apresentou um ensaio com o seguinte título ‘*The Harmony of all Religions which God ever Prescribed to Men and all his Dispensations towards them*’ (A Harmonia de todas as Religiões que Deus já propôs aos Homens e todas as suas Dispensações para eles). Ele diz:

As dispensações de Deus podem ser descritas mais resumidamente, como normas morais prescritas por Ele e Seu tratamento com os homens, estes considerados como criaturas racionais e responsáveis diante dEle por seu procedimento, tanto neste mundo quanto no vindouro. As diversas dispensações de Deus podem ser representadas como religiões distintas, ou no mínimo como formas distintas de religião, ordenadas para os homens nas várias eras mundiais sucessivas. (ICE, 2004, p. 59).

Como Poiret, o teólogo Watts também tem um esquema semelhante ao dispensacionalista:

- I. A Dispensação da Inocência;
- II. Adão depois da queda;
- III. A Dispensação Noética;
- IV. A Dispensação Abraâmica;
- V. A Dispensação Mosaica;
- VI. A Dispensação Cristã.

Existe uma forte pressão para demonstrar que a ideia do dispensacionalismo era existente mesmo antes de sua primeira sistematização promovida por Darby em 1830, o que nos levaria a um estudo de maior amplitude. O intuito dos dispensacionalistas com as afirmações acima busca tentar convencer que essa proposta é uma realidade historicamente comprovada. Para demonstrar seu processo, os dispensacionalistas se baseiam em uma historicidade rica e comprometida com a construção de um paradigma.

Existem aqueles que defendem a proposta de que o movimento dispensacionalismo é algo extremamente recente e, por isso, com pouco crédito diante das propostas milenares da igreja e seus posicionamentos históricos. O que poderia estender esse debate para muito além do planejado. Sendo assim, existem aqueles que se opõem ao dispensacionalismo e para isso, pautam sua crítica em sua recente historicidade, defendida e conhecida em 1830.

## 2.7 Dispensacionalismo, a Sistematização Inicial

Jonh Nelson Darby é conhecido como pai do dispensacionalismo moderno. Com quinze anos ele ingressou no Trinity College em Dublin, onde foi graduado aos 18 anos. Formado em Direito, começa advogar junto à Corte de Justiça da Irlanda. Nesse período, decide abraçar o cristianismo protestante. Anglicano, Darby é admitido como ministro e encaminhado a uma paróquia irlandesa onde desenvolveu eficazmente suas atividades.

Em 1827 começa a ruptura do seu compromisso ministerial com a igreja anglicana logo após a orientação da arquidiocese de Dublin, através do arcebispo William Magee (1821-1891), que determinou a todas as paróquias a postura de juramentar a lealdade dos membros do anglicanismo à Coroa. As orientações do bispo decepcionam Darby que tinha um apelo mais fundamentalista.

Em 1829 Jonh Nelson Darby renuncia ao anglicanismo e adota uma postura de independência. Essa atitude o aproxima do ministério “igreja dos irmãos” (Irmãos de Plymouth). A partir desse momento retirou-se das atividades eclesiásticas e seu cotidiano era uma ‘mistura de espiritualidade com erudição bíblica’.

Nas primeiras décadas do século XIX havia uma frustração quanto às ‘perspectivas proféticas’, o pós-milenismo<sup>13</sup>. A interpretação escatológica dominante não estava bem fundamentada. A doutrina do pré-milenismo<sup>14</sup> e a perspectiva escatológica do arrebatamento iminente estava em ascensão no conceito dos leigos. Mas, caiu logo em descrédito, pois alguns defendiam suas previsões com a apresentação de datas e especulações quanto aos eventos.

Outro aspecto era uma das razões da frustração de Darby com o anglicanismo, a negação da veracidade histórica das escrituras, o chamado liberalismo. Todo esse pano de fundo transformou-se em um território fértil para o surgimento do dispensacionalismo que seria sistematizado por ele.

## 2.8 EUA Dispensacionalista

---

<sup>13</sup> Um pensamento escatológico que propõe a volta de Jesus ao final do período de mil anos de paz, conhecido como milênio, alguns defende que o milênio iniciou após a ascensão de Jesus ao céu e ainda existem os que defendem seu retorno quando o evangelho for pregado em todo o mundo.

<sup>14</sup> Também conhecido como “Quilianismo” pensamento teológico de cunho escatológico defendido pelos dispensacionalistas, acredita-se que no período do reinado de Jesus por mil anos e o arrebatamento dos crentes. Além dos Pré e Pós Milenismo, existe ainda o Amilenismo, esse pensamento defende que não existirá milênio.

A Década de 1830 foi marcada pela ocorrência de grandes transformações econômicas e sociais tanto na Inglaterra como nos EUA: a Revolução Industrial estava mudando a face da Europa e a economia norte-americana participaria desse processo que, mais especificamente, acentuaria em 1867<sup>15</sup> a modernidade, a racionalização e a secularização.

Somente três décadas após a sistematização do dispensacionalismo, Darby visita a América do Norte. Essas visitas, em um total de sete, vão ocorrer entre 1862 a 1877. Durante esse período, suas ideias serão abraçadas por pastores estadunidenses que se tornariam os pais do dispensacionalismo americano.

Na América do Norte, as cidades de Nova York, Boston, Chicago e Saint Louis, visitadas por Darby, tornaram-se base do crescimento dispensacionalista. A Igreja presbiteriana de Walnut Street em Saint Louis, dirigida por James Hall Brookes (1830-1897), e em Boston a igreja Batista de Clarendon Street, dirigida por A. J. Gordon (1836-1895) abraçam a visão darbyana a ponto de serem apontadas como precursores do dispensacionalismo norte-americano.

Duas denominações históricas nos chamam a atenção para as bases de desenvolvimento do dispensacionalismo americano: os ‘batistas’ e os “presbiterianos” que, através de congressos e cruzadas, tornam o pensamento dispensacionalista conhecido em todo território norte-americano. Essa posição demonstra a flexibilidade institucional do dispensacionalismo clássico para os líderes americanos que, independente das suas posições doutrinárias, decidem abraçar o sistema de interpretação darbyano.

## 2.9 O Presbiteriano Brookes

James Hall Brookes não era uma pessoa academicamente despreparada, pois sua formação no seminário teológico de Princeton e na Universidade de Miami revestia-o de uma idoneidade e criticidade invejável.

Um dos grandes responsáveis pela ação de divulgação do dispensacionalismo, Brookes utilizou artigos, revistas e reuniões na busca da promoção do ensino das dispensações. Seu envolvimento é tão relevante que passou a ser considerado um dos pais do dispensacionalismo clássico norte-americano.

---

<sup>15</sup> A malha de ferrovias nos E.U.A. estava prestes a superar toda a malha europeia junta. “Mediante o Pacific Railway Act de 1862 o Congresso concedeu permissão para que se construísse a Union Pacific Railroad, que foi autorizada a rasgar uma estrada desde Omaha, em Nebraska, até à fronteira ocidental de Nevada. A Central Pacific, construída em 1861 de conformidade com as leis da Califórnia, recebeu ao mesmo tempo autorização para construir a parte ocidental da estrada, de Sacramento até a fronteira de Nevada (ROBERTSON, 1967, p. 329).

Brookes publica a revista *The Truth*<sup>16</sup> e, associada a ela, as conferências bíblicas do Niágara que estas se transformam nas ferramentas apresentadas por ele para popularização em larga escala do sistema. Outro instrumento produzido por Brookes foi o livro *Maranath*<sup>17</sup>, da própria autoria.

Uma das grandes referências norte-americanas do dispensacionalismo, das mais importantes, é a chamada Bíblia de Estudos Scofield. James H. Brookes foi um dos principais responsáveis na iniciação no dispensacionalismo de Cyrus Ingersoll Scofield (1843-1921), criador da referida Bíblia.

## 2.10 A Referência em Referência, Scofield

C. I. Scofield foi procurador de justiça do Estado do Kansas, nasceu em 19 de agosto de 1843 em Michigan, condado de Lenawee, próximo a Detroit, nos Estados Unidos. Converteu-se ao protestantismo aos 36 anos, em 1879, em plena prática da advocacia. Incentivado por James H. Brookes desenvolveu estudos bíblicos e a sistematização das escrituras.

Uma figura importante no cenário mundial de sua época como D. L. Moody (1837-1899), proeminente evangelista, e Brookes influenciaram Scofield e o levaram a fundar a Central American Mission e a Philadelphia School of the Bible em 1914. Além da preocupação com o ensino das escrituras, Scofield dirigiu igrejas presbiterianas e congregacionais.

Um dos trabalhos mais importantes na divulgação do dispensacionalismo é, indubitavelmente, a sua Bíblia Scofield com referência. A “Bíblia de Estudo Scofield ocupa um lugar único entre as publicações concebidas para auxiliar às pessoas a entender as Escrituras”. (SCOFIELD; 1976, p.4).

Em 1903 inicia um intenso período de estudo e anotações sobre a Bíblia, para efetivar essa finalidade, Scofield deixa o ministério pastoral. Esse processo vai ocorrer entre suas viagens pelos Estados Unidos e Europa.

Buscando possibilitar o estudo da Bíblia e torná-la acessível aos leigos, Scofield criou um curso por correspondência: Bíblia Scofield, e lançou um pequeno livro intitulado *Rightly Dividing the Word of Truth* (Manejando bem a palavra da verdade), no qual buscava

---

<sup>16</sup> A revista *The Truth* (A Verdade) foi lançada no outono de 1956 – nossa tradução. (Disponível em: <<http://www.truthmagazine.com/about-2>> ( acessado em 14 Fevereiro de 2015).

<sup>17</sup> Brookes, James H. *Maranatha*. New York: Fleming H. Revell Co., 1889.

popularizar seu estudo e acesso à Bíblia. Publicado no Brasil pelo Depósito de Literatura Cristã (DLC), é um livreto com pouco mais de 50 páginas, traduzido para o português já em sua 2ª edição (2004-2007). Seu conteúdo é uma visão doutrinária dos achados dispensacionalistas de forma explicativa e autoindutiva, ou seja, o leitor é conduzido a conclusões com base em uma análise pautada na “literalidade da palavra”. Scofield (2007, p.6) esclarece:

O propósito deste tratado é indicar as divisões mais importantes da palavra da verdade. São mencionados dados suficientes para que o estudante aplicado possa perceber algumas das principais características da verdade e algo da bela disposição dos assuntos e da simetria dessa palavra de Deus que, para a mente natural, parecem mera confusão de idéias conflitantes e sem harmonia.

O livreto é um apelo formal ao dispensacionalismo defendido por Scofield. Em todas as páginas fica claro sua preferência pela visão do movimento e os aspectos necessários para a sua compreensão como válidos. Ressaltamos aqui dois capítulos do livro que demonstram muito claramente seu ponto de vista como tal:

Capítulo 1- ‘O Judeu, O Gentio e a Igreja de Deus’: Neste capítulo o autor defende a existência de dois corpos importantes na sua teologia e deixa clara a distinção entre Israel e a Igreja, diferenciando-as das nações. Defendendo esse paradigma Scofield (2007, p.7) diz:

Qualquer pessoa que ler a Bíblia não deixará de perceber que mais da metade de seu conteúdo se refere a um povo – os israelistas – e que este povo tem um lugar bem distinto nos atos e nos conselhos de Deus. Separando-se da massa da humanidade, o Senhor Deus faz com eles um pacto e lhes faz promessas específicas, não concedidas a nenhuma outra nação.

A distinção defendida pelo dispensacionalismo clássico fica evidente como uma diferenciação muito clara entre a nação de Israel e as demais. A ideia de singularidade é apresentada para comparar com a igreja que, segundo Scofield (2007, p.11), também representará um corpo separado da estrutura social:

A diferença é ainda mais surpreendente nas predições referentes ao futuro de Israel e ao da Igreja. A Igreja será completamente retirada da terra. Mas o Israel restaurado ainda está por ter os seus maiores esplendores e poder terrenos.

Desta forma, apresentando esses dois objetos, ou seja, Israel e a Igreja, Scofield prepara o leitor para compreender como as dispensações funcionam. Pois, para ele, sem a percepção dessa importante distinção não haveria compreensão.

Capítulo 2 – ‘As Sete Dispensações’: Esse título dispensa comentários, pois fica muito claro que, além do título do livro estar associado ao texto base do dispensacionalismo, “Procura apresentar-se a Deus como obreiro que não tem do que se envergonhar, mas que maneja bem a palavra da verdade.” (II Timóteo 2:15). É nesse capítulo que o autor apresenta a base do movimento: as dispensações, e as elucida separadamente, associando essas à ideia de que ‘as escrituras dividem o tempo’. (SCOFIELD, 2007).

Scofield apresenta a premissa ‘manejar bem’ que no entender dos dispensacionalistas é ‘dividir corretamente’; ou mais claramente, representa identificar as dispensações bíblicas. O livreto foi sem dúvida uma das ferramentas de elucidação do modo dispensacionalista de crer e doutrinar os seus fiéis religiosos.

No entanto, a obra de maior relevância foi a sua *Scofield Study Bible*, publicada nos Estados Unidos pela Universidade de Oxford, que ‘não dispõe estatisticamente de quantas impressões e reimpressões da obra’ *Scofield Study Bible* foram produzidas; mas segundo o editor executivo, Donald Kraus, ‘supera a casa dos milhões de exemplares’. (KRAUS, 2015).

Em 1909 foi lançada a primeira edição pela Oxford University Press com o apoio internacional de vários colaboradores. A Bíblia de estudo chegou ao mercado com as seguintes inovações: Referências temáticas em cadeia; Introdução para cada livro e seções da Bíblia; Sistema de parágrafos e esboços e Notas.

Oito anos depois uma nova versão foi lançada: “Mas a própria acolhida concedida a seus labores tornou o Editor solícito que, em toda nova composição, ele tenha a oportunidade de acrescentar, aqui e ali, outros tantos subsídios que a experiência possa demonstrar desejáveis”. (SCOFIELD, 1976, p.7).

Essa edição tornou-se, em particular, uma das ferramentas de divulgação e catequização do pensamento dispensacionalista. Nas notas de introdução o autor declara que adotou a divisão dos períodos históricos do relacionamento divino com os homens. Em sua visão teológica profundamente dispensacionalista, é enaltecida a chancela de inúmeros colaboradores citados por ele para a publicação da nova edição da Bíblia de Estudo Scofield. Ele diz:

A história bíblica de Israel, passado, presente e futuro, encaixa-se em sete períodos distintos: 1) Desde a chamada de Abrão (Gn. 12) até o Êxodo (Êx.1-20); desde o Êxodo até a morte de Josué (Ex. 21 a Js. 24); 3) Desde a morte de Josué até o estabelecimento da monarquia hebraica com Saul; 4) Período dos Reis desde Saul até o cativeiro; 5) O período do cativeiro; 6) a restauração da comunidade desde o fim do cativeiro de Judá na Babilônia até a destruição de Jerusalém no ano 70 A.D.; e 7) a atual dispersão. (SCOFIELD, 1976, p.IX).

Desta forma, Scofield apresenta uma das principais características do dispensacionalismo: a ideia das “economias”, “administrações” e ou “dispensações” promovidas pelo agir divino dentro da historicidade humana. Outro aspecto importante do dispensacionalismo de Scofield, encontrado nas primeiras notas de sua obra é a identificação e distinção entre Israel e a Igreja, onde os papéis são distintos e a dispensação é específica.

Para Scofield, a história até a sexta (6º) dispensação estava relacionada a dois atores históricos religiosos: Israel e as nações. Hoje, diante da sétima (7º) dispensação, na nossa história estaria presente não mais dois e sim três atores distintos: Israel, a Igreja Gentílica e as nações. Desta forma, Scofield defende que:

Exatamente como Israel se encontra no primeiro plano desde a chamada de Abrão até a ressurreição de Cristo, da mesma forma agora a Igreja preenche o cenário desde o segundo capítulo de Atos até o quarto capítulo do Apocalipse. Os capítulos restantes desse livro completam a história da humanidade e o triunfo final de Cristo.” (...) A semente da mulher (Gn3:15), Ele é o destruidor final de Satanás e suas obras; a semente de Abraão, Ele é o benfeitor do mundo; a Semente de Davi, Ele é o Rei de Israel, “o esperado de todas as nações”. Exaltado à direita de Deus, Ele é a cabeça de toda a Igreja, que é o seu corpo; enquanto para Israel e as Nações a promessa de sua volta forma uma expectativa apenas racional de que a humanidade ainda vai se completar. (SCOFIELD, 1976, p.IX).

Com essa afirmação, o autor fundamenta uma das mais importantes argumentações dispensacionalistas. A Bíblia Scofield é até os dias atuais produzida e comercializada, estando na sua 98ª edição em inglês. Nas notas da versão de 1967, o dispensacionalismo vem sendo descrito como ‘progressivo’, mas registra de forma clara e conclusiva que a obra está associada ao pensamento dispensacionalista clássico:

Como ajuda futura para a compreensão da economia divina das dispensações, faz-se valiosíssimo o reconhecimento dessas dispensações, até onde se entende claramente que através de todas as Escrituras há apenas uma base para a salvação, isto é, pela graça mediante a fé; e esses limites restritos não podem ser colocados como fronteiras entre todas as dispensações por que: 1) existe alguma sobreposição, e 2) a mordomia divinamente instituída pode continuar do período da prova especial ter terminado. (SCOFIELD, 1976, p.V).

Segundo Blaising e Bock, a Bíblia de referência de Scofield e “As notas interpretativas da Bíblia de Referência Scofield podem ser consideradas uma representante chave do dispensacionalismo clássico” (BLAISING, BOCK 2000, p.22). Segundo ele, a versão de 1976 é a mais apropriada para defesa do dispensacionalismo contemporâneo.

## 2.11 O Batista A. J. Gordon

Ainda nos Estados Unidos, um dos polos de difusão do pensamento sobre as ‘economias divinas’, esteve sob a responsabilidade de Adoniram Judson Gordon (1836-1895), através das chamadas conferências proféticas e do periódico “*The Watchword*” (1878 a 1897). Toda região da Costa Leste americana é apresentada ao viés dispensacionalista. Gordon foi um dos responsáveis em apresentar e convencer D. L. Moody a aceitar e incorporar o dispensacionalismo em sua teologia.

Foram mais de 590 textos escritos e distribuídos com títulos variados, mas podemos destacar como exemplo: ‘*Restoration of the Jews*’<sup>18</sup> (Abril de 1879) ‘*Seven Indispensable Things*’<sup>19</sup> (Setembro de 1879), ‘*Left Behind*’<sup>20</sup> (Setembro de 1882), ‘*Three Weeks With Joseph Rabinowitz*’<sup>21</sup> (Fevereiro de 1894).

Os títulos apontam a temática dispensacionalista e a valorização de Israel como referência para o dispensacionalismo clássico. Em especial, vale a pena ressaltar nosso último exemplo, Joseph Rabinowitz (1837-1899), um judeu russo que havia abraçado o cristianismo.

O título ‘Sete coisas indispensáveis’ é uma referência clara às dispensações do movimento que Gordon defendia; e ‘Deixados para trás’ também conecta ao pensamento ‘pré-milenista’ do arrebatamento da igreja, doutrina similarmente fundamentada no pensamento das economias divinas.

## 2.12 Sionismo no Dispensacionalismo

Conhecido por sua apropriação da diferença entre Israel e a Igreja, o dispensacionalismo apresenta uma característica que poderíamos definir de ‘sionismo cristão’, por defender que, de forma distinta, a aliança entre Deus e Abraão se mantém.

William E. Blackstone (1841-1935), famoso pregador e escritor, autor do *best-seller* *Jesus Coming* <sup>22</sup>(1878), citado por Benjamim Netanyahu em seu livro “*A place Among The Nations: Israel and the World*” (Um lugar entre as nações: Israel e o Mundo), é considerado

---

<sup>18</sup> a restauração dos judeus

<sup>19</sup> Sete Coisas Indispensáveis

<sup>20</sup> Deixados para trás

<sup>21</sup> Três semanas com Joseph Rabinowitz

<sup>22</sup> Jesus Vem.

como um dos pais do movimento sionista. “Tal atividade cristã precede o moderno Movimento Sionista em, pelo menos, meio século”. (NETANYAHU, 1993, p.16).

Dentre muitas de suas atividades, Blackstone foi um promotor do retorno dos judeus a sua terra. Em 1918 recebeu a comenda de ‘pai do sionismo’ na Conferência Sionista em Filadélfia. Timothy Weber diz que os dispensacionalistas “foram capazes de enfatizar a evangelização dos judeus e, ao mesmo tempo, apoiar as aspirações nacionalistas judaicas.” (ICE, 2004, p.68). E esclarece:

Os dispensacionalistas, na sua maioria, ficaram satisfeitos em ser meros observadores do movimento sionista. Eles ficaram atentos ao movimento e o analisaram; pronunciaram-se em favor dele. Porém, em termos políticos, raramente se envolveram para promover seus objetivos. Entretanto, há uma exceção a essa regra na pessoa de William E. Blackstone, um dos escritores dispensacionalistas mais estimados de sua época. (ICE, 2010, p.11).

Essa é uma das fortes características presentes no dispensacionalismo contemporâneo, o apoio a Israel, mas também a incorporação desse processo de ‘judaização’ no pensamento hodierno. Muitos líderes acreditam que apesar da separação dispensacionalista, Israel e a Igreja andam juntos e são especiais na administração divina em relação às nações e sua secularidade.

### **2.13 Seminário de Dallas**

O dispensacionalismo americano nem de longe é desestruturado e sem fundamentação. Tal fato é evidentemente comprovado a partir do processo de institucionalização por trás de sua estrutura é notadamente grande. Em 1924, Lewis Sperry Chafer (1871-1952), um professor de teologia sistemática, presbiteriano, apresenta uma obra sobre o tema com oito (8) volumes, indo somar-se a Scofield na sistematização do dispensacionalismo.

Funda em Dallas, no estado do Texas, no mesmo ano, o *The Evangelical Theological College* ou Seminário Teológico de Dallas, que na atualidade detém a centralidade e divulgação dos ensinamentos dispensacionalistas nos Estados Unidos, constituindo-se em uma referência mundial.

O Seminário de Dallas tem formado autores e professores de referência na tônica dispensacionalista entre os quais Charles Ryrie, Thomas Ice, Darell L. Block e Craig A. Blaising. Os revisionistas mais conhecidos também advêm do Seminário de Dallas, entre eles

Alva J. McClain, John Walvoord, J. Dwight Pentecost e Stanley Toussaint. Ryrie é contado entre eles como tal.

O dispensacionalismo vem sofrendo transformações e revisões, mas mantém seu núcleo de pensamento nas sete propostas de dispensação, além da literalidade da palavra, ou seja, o dispensacionalismo, mesmo no século XXI, defende a proposta central pensada no século XIX. Seus conceitos estão presentes em vários grupos de tradições religiosas diferenciadas. O grupo que mais se identificou, até 1944, foi o de confissão calvinista.

O próprio Darby, apontado como o pai da sistematização dispensacionalista, era considerado um calvinista. W. G. Turner, na biografia escrita sobre Darby, registra duas ocasiões que os não-dispensacionalistas de linha calvinistas convidaram Darby para representá-los em um debate acadêmico:

Foi numa data mais remota (acredito que em 1831) que F. W. Newman convidou o Sr. Darby para ir a Oxford: um momento memorável por sua refutação pública dos argumentos levantados pelo Dr. E. Burton que rejeitavam as doutrinas da graça defendidas pelos reformadores e sustentada não somente por Bucer, P. Mártir e pelo bispo Jewell, mas também pelos artigos IX-XVIII da igreja Anglicana. (TURNER, 1926, p.45).

Não só nesse momento mas “noutra ocasião, Darby foi convidado para ir à cidade de Calvino, Genebra, na Suíça, a fim de fazer uma defesa do calvinismo.” (ICE, 2004, p.80). Importante perceber que o calvinismo foi o palco que recebeu e desenvolveu a ideia dispensacionalista.

O Seminário Teológico de Dallas foi uma das ferramentas mais importantes na expansão do dispensacionalismo; juntamente com Lewis Sperry Chafer, William Pettingil e W. H. Griffith Thomas, transformaram o *Evangelical Theological College* (1924) em *Dallas Theological Seminary* (1936). Considerado de confissão calvinista até 1944, quando a convenção presbiteriana do Sul dos EUA emitiu um relatório de um ‘comitê de investigação’ sobre a ‘compatibilidade do dispensacionalismo’, com a confissão de fé de Westminster. Nesse relatório, ficou estabelecida a incompatibilidade entre a confissão de fé da igreja presbiteriana e a percepção dispensacionalista.

No entanto, Scofield um dos principais promotores do movimento, foi pastor presbiteriano ordenado pela igreja presbiteriana dos Estados Unidos em 1908, e seu ministério desenvolveu-se dentro de um contexto calvinista.

Outro dispensacionalista importante, Lewis Sperry Chafer, também era pastor presbiteriano. Além de fundador do Seminário Teológico de Dallas, foi o idealizador de

estudos de teologia sistemática e era definido como ‘calvinista, pré-milenista e dispensacionalista’<sup>23</sup>.

Apesar da relevância, o movimento foi desvinculado do calvinismo e acabou expandindo-se para novos grupos e denominações pentecostais. Nesse momento, ocorreram inúmeras rupturas e o surgimento das chamadas Igrejas Bíblicas Independentes. Os primeiros grupos não-calvinistas a buscar uma aproximação com o dispensacionalismo foram os pentecostais, em meados de 1920.

## 2.14 Divisões do Dispensacionalismo

O Dispensacionalismo tradicional ou normativo vem ao longo da história sofrendo transformações e alterações, porém, apesar delas, mantém a base instituída pelo pensamento de Scofield/Chafer.

Em 1986 na cidade de Atlanta, um grupo de pesquisa sobre o dispensacionalismo inaugurou um novo ‘rótulo’ para o ensino teológico do mesmo. Dos vários títulos encontrados, o chamado Dispensacionalismo Progressivo tem sido o mais utilizado na literatura produzida. Sua fundamentação foi consolidada em 1991, quando houve a criação do grupo de estudo dispensacionalista, com representantes dos revisionistas nos estudos dispensacionalistas.

Dividindo o tema em períodos que vão de Darby, passando por Scofield e Chafer e, finalmente os chamados revisionistas que trazem para o cenário o dispensacionalismo progressivo, temos:

Progressistas rotulam este período clássico. (Eu, pessoalmente, acho que faz mais sentido dividir o início do período com / Darby / Scofield / Chafer.) O segundo (ou terceiro) período estende-se desde a década de 1950 quase até a década de 1990 e inclui os escritos de Alva McClain, John Walvoord, J . Dwight Pentecost, e meus. Este foi chamado pela primeira vez por progressistas de período essencialista (de minha lista de itens essenciais o sine-qua-non do dispensacionalismo), mais recentemente, foi alterado para o período de revisão. O terceiro (ou quarto) período atual difere das anteriores porque inclui "uma série de modificações" e "revisões necessárias". (RYRIE, 2007, p.190, tradução nossa).

Mesmo com a crítica dos mais tradicionais essas revisões profundas fizeram surgir novas propostas do pensamento dispensacionalista. O objetivo, em síntese, era a manutenção do pensamento dos fundadores do movimento, à luz das novas realidades contemporâneas.

---

<sup>23</sup> C. F. Lincoln, “Biographical Sketch of the Author”, Publicado em Systematic Theology de Lewis Sperry Chafer, Dallas: Dallas Seminary Press, 1984, V. VIII, p. 6.

Permanecendo da ideia tradicional: A manutenção da literalidade; Os parâmetros diferenciados nas dispensações entre Israel e a Igreja.

Uma corrente que não citamos ou incluímos em nossos estudos foi a proposta que nasceu dos estudos dispensacionalistas conhecida no mundo teológico como *bullinguismo*, também conhecida como ‘Ultradispensacionalismo’, que recebeu esse nome graças ao teólogo e estudioso Ethelbert William Bullinger (1837 – 1913). Este foi secretário da sociedade bíblica trinitariana e tinha uma visão mais radical no conceito de dispensação. Ele acreditava que o processo de surgimento da Igreja se dá durante o tempo descrito no livro de Atos com a chegada de Paulo a Roma e não em Pentecostes com a descida do Espírito Santo.

## 2.15 Críticas ao Dispensacionalismo

Os opositores ao movimento dispensacionalista desenvolveram várias ferramentas e abordagens contrárias ao movimento. Nas décadas de 1930 a 1950, o processo de distanciamento do dispensacionalismo, promovido por grande parte do cristianismo reformado está consolidado, e obras apologéticas começam a se tornar relevantes contra o movimento.

Em 1910, Artur Walkington Pink (1886-1952), que provavelmente sofreu grande influência dispensacionalista, chegou a Chicago, onde ingressou no Instituto Bíblico Moody, não permanecendo mais que dois meses. Pink, tido como de poucos amigos, lançou-se em várias empreitadas religiosas sem muito sucesso. Permaneceu por algum tempo no dispensacionalismo quando publicou artigos que até hoje são utilizados pelos escritores e estudiosos do tema, tais como *The Redeemer's Return*<sup>24</sup> (1918), *The Antichrist*<sup>25</sup> (1922-1923) e *Parables of Matthews 13*<sup>26</sup> (1927), ainda sem tradução para o português.

Além dos EUA, Artur Walkington Pink atuou também na Austrália como líder religioso entre 1925 a 1928, quando finalmente retornou à Inglaterra, e em 1934 à Escócia, onde ficaria até seu falecimento. Neste momento Pink não estava mais ligado a quaisquer grupos religiosos.

Posteriormente ao seu falecimento, em 1952, teve seus escritos republicados pela *The Banner of Truth Trust*<sup>27</sup>, revista publicada na Inglaterra e lançada em 1955 por Iain Murray

---

<sup>24</sup> O retorno do redentor

<sup>25</sup> O Anticristo

<sup>26</sup> O numero 13 aqui se refere ao capítulo do evangelho de Mateus, um dos livros do novo testamento. Parábolas de Mateus.

<sup>27</sup> Bandeira de Confiança e Verdade

(1931). Assim, suas tiragens quando em vida nunca haviam passado de mil exemplares, alcançam a marca de mais de 178 mil apenas de um único livro ‘*The Sovereignty of God*’ (1918) (A Soberania de Deus), lançado no Brasil pela editora FIEL em 2008 com o título Deus é Soberano.

Seu livro *A Study on Dispensationalism* (1952), com título em português Dispensacionalismo uma Análise, lançado no Brasil pela editora PES – Publicações Evangélicas Seleccionadas em 2007 é uma das obras mais importantes em oposição ao pensamento dispensacionalista. Pink defende muitos pontos do dispensacionalismo como válidos, mas questiona a coluna espinhal do movimento quando afirma:

Esse método moderno de maltratar as Escrituras – pois moderno ele certamente é, sendo bem desconhecido da cristandade até pouco mais de um século atrás, e somente em anos recentes sendo adotado por aqueles que originou – é baseado em 2 Timóteo 2:15. (...) Muito pouco ou nada em absoluto é dito sobre as duas primeiras cláusulas daquele versículo, mas muito sobre a terceira, que é explicado como “corretamente seccionando as Escrituras para os povos diferentes aos quais elas pertençam” Esse mutiladores da Palavra nos dizem que tudo no Velho Testamento, de Gênesis, capítulo 12 em diante, pertence inteiramente a Israel segundo a carne, e que nenhum de seus preceitos (como tais) são obrigatórios àqueles que são membros da Igreja, a qual é corpo de Cristo, nem quaisquer das promessas encontradas nele podem ser por eles legitimamente apropriadas. (PINK, 2007, p. 18).

Baseado na tradução direta da Bíblia King James, Pink rejeita a ideia de ‘divisões’ ou ‘periodizações’ das escrituras sagradas além de considerar uma forma muito recente de interpretação dispensacionalista, retirando sua legitimidade histórica. Com cinco capítulos<sup>28</sup>, o livro de Pink busca desconstruir todo o pensamento dispensacionalista chamando de ‘*crudities and vagaries*’ em uma tradução livre: grosserias e arbitrariedades no que se refere às doutrinas.

Outra tentativa dessa desconstrução partiu de John H. Gerstner (1914 – 1996). Em seu livro lançado em 1991, intitulado *Wrongly Dividing The Word Of Truth: A Critique of Dispensationnalism*<sup>29</sup>, enquanto faz duras críticas ao movimento dispensacionalista, Gertner compara o dispensacionalismo a outras formas de religiosidade como os Testemunhas de Jeová e Mórmons.

Na defesa do Dispensacionalismo, os contrários à oposição levantada por Gerster, questionam a sua estranheza quanto à influência calvinista na história do movimento. Outra

<sup>28</sup> A Edição brasileira conta com uma biografia, prefácio notas explicativas e frases de A. W. Pink

<sup>29</sup> Manejando Mal a Palavra da Verdade: Uma Crítica ao Dispensacionalismo

observação vem a cerca do argumento que seu surgimento é de ‘pouco mais de um século atrás’. C. Ryrie defende:

Há um ataque histórico. Isso será analisado mais pormenorizadamente adiante (ver capítulo 4). Busca demonstrar que o dispensacionalismo na sua forma atual é aparentemente recente, não pode ser verdade, pois certamente alguém teria ensinado nos primeiros dezoito séculos da história da Igreja, se fosse verdade. Alguns que usam este dispositivo para desacreditar dispensacionalismo são honestos o suficiente para admitir que a história nunca é o teste da verdade, a Bíblia e somente a Bíblia é. Mas eles persistem em utilizar a abordagem e deixar a impressão de que a história é um teste parcialmente procedente, se não o teste final. Dale Moody escreve: Dispensacionalismo com a forma moderna de sete dispensações, oito alianças um Pré-Tribulacionismo e Arrebatamento, foi um equívoco que não tenham percebido antes de 1830. (RYRIE, 1995, p.17, tradução nossa).

Entretanto, apesar da busca por fundamentação para a elaboração das colocações daqueles que são contrários, para os que defendem o dispensacionalismo não pode ser válido o argumento de uma historicidade recente. Pois, segundo Ryrie, falta no mínimo, por parte dos críticos que usam tal argumento, honestidade na análise do critério, porque para ele citando Moody, um ‘equívoco’ foi não ter sido percebido antes de 1830.

## **2.16 Uma Construção Histórica Social**

Importante observar que três décadas antes do surgimento do dispensacionalismo, em 28 de Janeiro de 1808, a abertura dos portos às nações amigas passa a garantir a instalação das primeiras representações da fé protestante no Brasil. Contudo, somente em 1862 será instalada a primeira igreja presbiteriana no Brasil: “O missionário Ashbel Gree Simonto chegou ao Brasil em 1859 e fundou a primeira Igreja Presbiteriana, no Rio de Janeiro, no ano 1862”. (SANTOS, 2010, p.107). Coincidentemente no mesmo período em que James Hall Brookes, também presbiteriano, começou o ensino do pensamento dispensacionalista nos Estados Unidos, influenciado por Jonh N. Darby.

A fé protestante, com uma forte abordagem às aspirações do povo judeu, tais como o retorno a sua terra, ressurgimento do estado judeu, valorização cultural do judaísmo, como aspectos intrínsecos do pensamento dispensacionalista, despertou os antigos judaizantes. Graças a um “filojudaísmo” dos descendentes de cristãos-novos.

Exemplo disto eram as ações de William Blackstone (1841-1935) “Os judeus “sionistas gostavam de Blackstone e confiavam nele”, apesar das frequentes tentativas de evangeliza-los” (ICE, 2010, p.14). Ou seja, o pensamento dispensacionalista poderia, por sua

prática, atrair a esses remanescentes. Ressalta-se que 1824 também a Constituição começou a permitir novas praticas religiosas adotando a tolerância, mas, mantendo o status de oficial ao catolicismo romano.

A tolerância para com outros cultos, por força das relações comerciais com países protestantes, gerou o debate em torno da liberdade de culto. As relações econômicas definiram interesses das elites locais, que se debruçavam no tema da liberdade, nos âmbitos da política, do comércio e da religião. (SANTOS, 2010, p.105).

A partir dessas construções a matriz brasileira vai assumir uma posição de tolerância e pluralidade, haja vista as pressões sociais exercidas por uma população de imigrantes vindos de várias nações protestantes sejam luteranas ou anglicanas.

Como um constructo social, a religião no Brasil é hegemonicamente o cristianismo. Segundo dados censitários levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para analisar as variáveis associadas a grupos religiosos de predomínio marcante nas estatísticas nacionais, 86,8% dos entrevistados são identificados como cristãos e 8% sem religião, restando somente 6% para as demais religiões, entre elas Espiritismo Kardecista, Umbanda e Candomblé. Os dados estatísticos, rapidamente aqui apresentados, possibilitam uma compreensão clara que o Brasil é um país de maioria cristã (Católico e Protestante).

Sendo assim, mesmo declaradamente católico ou protestante, muitos dos chamados cristãos vão adotar práticas de outras linhas de religiosidade, ritos e crença: “não há essências, apenas desenvolvimentos históricos contingentes” (MARIANO, 2013, p.232).

Dentro da cultura religiosa do Brasil, mediante seu desenvolvimento sincrético, é perfeitamente plausível práticas de magia serem percebidas nas reuniões católicas ou protestantes.

O ato complexo da institucionalização fixa e inalterável perdeu espaço para as mudanças nos capitais simbólicos. “Um dos aspectos que mais tem causado perplexidade entre os observadores e analistas do campo religioso é a passagem do absentismo político para a conduta política explícita por parte dos pentecostais.” (BITTENCOURT, 2003, p. 35).

Outrora demonizada, a participação na política ganhou novo valor e a igreja tornou-se militante e participante, buscando ocupar os espaços públicos e surpreender a moderna laicidade proposta pela nova política brasileira.

Nas eleições de 2010, a religião e seus conceitos demarcaram a temática das candidaturas e levaram notadamente a um debate sobre temas que estavam sendo discutidos e aparentemente viáveis dentro da “laicidade” do estado brasileiro, tais como aborto,

descriminalização da maconha, casamento entre pessoas do mesmo sexo, conceito de gênero e família. Essa temática foi utilizada durante a campanha de 2010 e determinou a necessidade do debate religioso ser considerado nas referidas discussões. Com a observação das pesquisas de 2014 para Presidente da República, é claro que o tema Religião retornou ao cenário como fator determinante nesse pleito eleitoral:

Dados divulgados pelo DIAP, Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, logo após o primeiro turno das eleições mostram que a bancada evangélica será representada na nova composição da Câmara por 74 deputados. Deste total, 35 são novos e 39 foram reeleitos. O DIAP levou em conta o número de deputados que ocupam cargos na estrutura de instituições religiosas, como ministros, pastores, missionários, bispos e sacerdotes. (CÂMARA, 2014).

A respeito do crescimento participativo no âmbito eleitoral, seja este implícito ou explícito, cabe mencionar como exemplo que a bancada evangélica na câmara, se fosse um partido, seria o terceiro em número de parlamentares.

Dentre as percepções da pluralidade e das intervenções de vários aspectos na religiosidade brasileira está a busca pela capitalização de novos capitais simbólicos, apropriações e utilização de ritos e símbolos de outras esferas religiosas. O monopólio religioso e a exclusividade de bens simbólicos são cada vez menos percebidos. Com o advento da modernidade, a religião tem buscado suas adaptações e manutenção da sua plausibilidade diante da cosmovisão moderna.

### **2.17 O Fenômeno Dispensacionalista**

A ferramenta de sobrevivência que vem sendo considerada exitosa há cinco séculos diz respeito às apropriações, a adaptação, ou utilização de símbolos e ritos de outros grupos buscando um novo valor simbólico. Deste modo, um dos fenômenos novos percebidos e ainda pouco estudados na nossa matriz religiosa é a utilização, por parte de igrejas neopentecostais e algumas comunidades católicas, de símbolos judaicos como ferramenta de revelar simbolicamente o sagrado, de acordo com Topel (2011, p.36):

Mas se a justaposição de traços de diversas matrizes religiosas como o cristianismo e as religiões afro-brasileiras tem sido aprofundada a partir de diversas disciplinas (sociologia, antropologia e estudos da religião), a incorporação de rituais, símbolos e costumes do judaísmo em igrejas de

matriz cristã não têm sido alvo de pesquisas, embora seja um fenômeno que tenha crescido e se aprofundado no Brasil na última década.

Conhecendo a construção da matriz religiosa brasileira e sua maleabilidade, podemos entender a possibilidade de efetivação desse fenômeno e buscar pressupostos sociológicos, fenomenológicos e, por que não dizer econômicos para seu ressurgimento dentro de uma ala da religião protestante. “Mais do que nunca, faz-se presente de modo até agressivo, a apropriação de símbolos alheios, assim como a constante perversão de símbolos.” (BITTENCOURT, 2003, p. 37). Nesse sentido, Berger (1985, p.163) coloca:

O fim dos monopólios religiosos é um processo socioestrutural e sociopsicológico. A religião não legitima mais “o mundo”. Na verdade, os diferentes grupos procuram, por diversos meios, manter seus mundos parciais em face da pluralidade de mundos parciais concorrentes. Concomitantemente, a pluralidade de legitimações religiosas é interiorizada na consciência como uma pluralidade de possibilidades entre as quais pode-se escolher. *Ipsa Facto*, cada escolha particular é relativizada e não absolutamente segura. Qualquer certeza deve ser buscada na consciência subjetiva do indivíduo, uma vez que não pode mais derivar-se do mundo exterior, partilhado socialmente e tido por evidente.

Esses monopólios que se encerram são os responsáveis pela apropriação de novos capitais simbólicos, advindos de outros credos religiosos, valores incorporados e reutilizados para a legitimação da religiosidade. A sobrevivência do crer está associada ao fato desses capitais promoverem uma ‘interiorização’ nova e particular. (BERGER, 1985).

Utilizando a força da sobrevivência não mais pelo risco de morte dos fiéis que a seguem, mas sim pela preocupação em sua própria sobrevivência, a religião no Brasil está fazendo uso de novos meios para construir um capital simbólico que a legitime e identifique com o sagrado, diante da pluralidade existente.

Uma das compreensões da utilização do capital simbólico judaico no ‘campo’ neopentecostal estaria associada a princípios de ‘retorno’ ao Antigo Testamento e a ‘austeridade’ que buscaria um distanciamento da identidade hegemônica, impressa nos padrões de sagrado apresentados pelo catolicismo romano.

Entre as várias razões que explicariam a aproximação das denominações neopentecostais ao judaísmo, podemos assinalar o ‘retorno’ dos protestantes como um todo ao denominado Antigo Testamento em marcada oposição às diretrizes da Igreja Católica Apostólica Romana. Dizendo de outro modo, a leitura de versículos da Bíblia hebraica levaria quase que naturalmente à incorporação de trechos da liturgia judaica nos cultos dessas igrejas, bem como a utilização dos símbolos judaicos mencionados anteriormente.

Outro fator explicativo seria a austeridade que caracteriza as igrejas neopentecostais, que em seu anelo por diferenciar-se do catolicismo considerado idólatra, extirparam dos locais de culto as imagens de Cristo e da saga de Cristo em todas as suas manifestações. Isto último é de significativa importância, uma vez que a austeridade exigida dos templos neopentecostais coloca problemas para igrejas essencialmente proselitistas, ao mesmo tempo em que, de algum modo, contradiz a teologia da prosperidade pregada por seus pastores e bispos. (TOPEL, 2011, p.38).

Compreendemos que essas percepções são plausíveis, porém, onde encontrar um capital de institucionalização válido para a utilização dentro do ‘protestantismo’? Mesmo os neopentecostais, possuidores de uma liberdade institucional, ainda que marcados pelos aspectos mágicos, buscariam fundamentar essa incorporação de ritos e símbolos em uma teologia válida.

O dispensacionalismo nos parece ter o mais sugestivo papel nesse processo de ‘circularidade’ ou ‘apropriação’ que vai invadir as novas igrejas e, até a hegemônica que, aparentemente como uma resposta, apresenta já em seus ritos alguns nuances dessa apropriação dita como judaizante.

Desta forma, a proposta apresentada pelo dispensacionalismo pode ser encontrada em pleno século XXI não como um mero fato histórico sem conexões, vítima de um positivismo, mas sim, após sua construção e desconstrução, percebe-se ser uma ferramenta de auxílio no retardo do processo de desgaste promovido pela modernidade.

Assim o dispensacionalismo é visto ou identificado como fenômeno judaizante por apresentar uma valorização e viabilidade com Israel nacional. Ou mesmo por promover doutrinas comuns como o pre-milenarismo, algumas muito populares, o dispensacionalismo é um fenômeno que mesmo com outros nomes está presente na matriz religiosa brasileira.

## **3 CAPÍTULO SEGUNDO**

### **3.1 Dispensacionalismo no Brasil e suas Várias Faces: do Judaísmo Messianismo a IURD**

#### **3.1.1 Judaísmo e os Judeus Messiânicos**

Para que possamos deixar claro sobre qual grupo nos referimos quando falamos de judeus messiânicos e suas práticas, precisaremos definir alguns pontos e explicar melhor o que compreende esses grupos. Assim, mesmo que de forma breve, buscaremos identificar suas práticas e como essas os diferenciam. Tendo em vista que o termo messianismo possui grande abrangência e pode denotar sentidos diferentes daqueles aqui identificados.

#### **3.1.2 Judaísmo**

Além de ser uma das religiosidades mais antigas ainda em prática, o judaísmo é também o principal componente da religiosidade monoteísta e cristã. Sua estrutura se confunde entre a nacionalidade e religiosidade, pois um judeu pode ser identificado por sua religião ou por sua naturalidade.

Apesar de o debate sobre o que é ser judeu se estender através desses dois vetores, em uma simples análise Michael Asheri diz que o judeu é ‘aquele que nasce de mãe judia’ e salienta que ‘é possível ser judeu sem ser religioso’. Desta forma, é importante identificar o judaísmo como uma religião de judeus e não judeus como os praticantes do judaísmo, trata-se de uma conjuntura passível de divisão. Contudo, a existência do judeu fornece a base para a existência do judaísmo.

"Terra, povo e Torá são os elementos interdependentes que, na forma de um tripé, sustentam o judaísmo. Se um deles falhar, os outros estarão comprometidos." (SENDER, 2001, p.16). Ou seja, a existência de uma terra e o povo que nela habita complementa a configuração da religiosidade e, em específico, do judaísmo.

O conceito compreendido como povo em hebraico ‘Am’, se distancia da compreensão de uma identidade nacional, pois, povo aqui se refere àqueles que andam juntos por pensamento ou necessidade, e o judaísmo é formado por esse povo.

Em quase todos os livros de história publicados em Israel, encontra-se a palavra AM como sinônimo de leom. AM é igualmente um termo bíblico, é o ‘povo’, people, naro'd, ou volk. Mas na língua israelense moderna, a palavra AM não tem relação direta com a noção de "gente" como em grande parte de línguas europeias. Ela indica unidade indivisível. (SAND, 2011, p.56).

No judaísmo, a unidade é o povo em volta da Torá que tem o conjunto de orientações religiosas apresentadas através de 613 mandamentos<sup>30</sup> e se constitui como o terceiro elemento fundante dessa religiosidade. O judaísmo explicita que a própria existência do povo judeu deve-se à concretude da prática do judaísmo, e assim, que um não existiria sem o outro.

A religião judaica, que não pode ser separada da vida judaica como um todo, baseia-se em duas crenças fundamentais. Uma vez que sejam elas apreendidas, todos os aspectos da crença e da prática religiosa judaica revelam o seu significado e a razão de sua existência. Se elas não forem entendidas, a religião dos judeus não pode ser compreendida. Os dois pilares sobre os quais todo o edifício do judaísmo repousa são: A unidade em Deus. A escolha de Israel. (ASHERI, 1987, p.29).

Nessa composição, trata-se de um povo separado, escolhido ou predestinado pelo Deus de Israel, nome de um dos patriarcas e fundadores do povo/religião, com a incumbência de ensinar às outras nações (povos da terra) os padrões morais da sua fé. Manter estes paradigmas garante a unidade e a sobrevivência dessa religiosidade e, porque não dizer, do povo. O judaísmo tornou-se, como já foi dito, o berço do cristianismo e também do judaísmo messiânico como uma forma de religiosidade que aparece entre as duas cosmovisões.

### 3.1.3 Messianismo e os seus Conceitos

O contexto judaico de ‘messianismo’, é importante ressaltar, está associado à manifestação do seu Messias, conforme profecia bíblica na qual Israel seria resgatado e restaurado por um rei invencível e com poderes ‘divinos’. Textos como Gênesis 49:10 – ‘O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos’ -, corroboram com esse entendimento do pensamento judaico

<sup>30</sup> Os 613 mitzvot (תרי"ג מצוות) que foram enumerados por Maimônides. (Nicolaevisky, 2016). “Ao todo existem 613 mandamentos no Pentateuco, todos eles explicados e interpretados neste vasto tesouro que é a Lei Oral. Num período mais recente, este grande corpo de leis foi codificado. Os ortodoxos radicais vêem a totalidade da Torá, lei escrita, Lei Oral e Códigos como a palavra de Deus” (COHN-SHERBOK, 1999, p. 79). Moisés Maimônides (1138 a 1204), rabi *Moshe ben Maimon*, filósofo judeu nascido em Córdoba, foi o responsável pela codificação da Lei hebraica em 613 mandamentos, divididos em “mandamentos positivos” e “mandamentos negativos”. Os “mitzvot aseh e mitzvot taaseh” (Portal, 2016), ou seja 248 mandamentos positivos e 365 mandamentos negativos.

tradicional. “Os movimentos messiânicos judaicos remontam ao tempo bíblico, quando profetas previam a restauração da monarquia Israelita já desfeita e a volta do povo, então cativo, a Israel”. (RAMAGEM, 1983, p.38). Ou seja, o conceito messiânico está ligado a um personagem próximo ao esperado pelos milenaristas como uma pessoa que responderia aos anseios do povo em todos os aspectos.

O referencial para este assunto é a nação judia, ou seja, Israel. Segundo informações obtidas em levantamento realizado em diversos sites que tratam do assunto no Brasil e em Israel ([gospelprime.com.br](http://gospelprime.com.br)<sup>31</sup>, [maozisrael.org](http://maozisrael.org)<sup>32</sup>, [charismanews.com](http://charismanews.com)<sup>33</sup>, [jewishisrael.ning.com](http://jewishisrael.ning.com)<sup>34</sup>, entre outros), existem atualmente em Israel aproximadamente 12 a 20 mil judeus messiânicos. No contexto do estado judeu, os messiânicos não são considerados judeus. Muitos deles são perseguidos e perdem sua posição social por se declarar messiânicos.

Segundo o site [Kehila.com](http://Kehila.com)<sup>35</sup>, existem em Israel mais de 140 congregações messiânicas em funcionamento, sendo que muitas não estão registradas e o número real, segundo os administradores, é superior ao estimado. “No entanto, ao olhar para a listagem de Congregações e Ministérios em nosso site, você pode ter uma boa noção de quantos ministérios existem. Acreditamos que a maioria deles são listados, mas nunca podemos ter certeza.” (KEHILA, 2015)

Esse anonimato é compreensível quando se sabe das dificuldades que muitos judeus messiânicos enfrentam por não abraçarem o judaísmo. Grupos ultraortodoxos vão às raias da loucura e da intolerância para tentar barrar os ‘judeus cristãos’. Um dos exemplos conhecidos pelos messiânicos de Israel é o caso de Ami Ortiz, um jovem de 15 anos que foi vítima de um atentado à bomba na cidade de Ariel durante a festa de Purim, feriado judaico semelhante ao carnaval, que celebra a história bíblica da rainha Esther<sup>36</sup>.

No aludido episódio, um presente foi deixado na residência dos Ortiz, em 20 de março de 2008, causando uma explosão que danificou todo o apartamento da família e feriu gravemente o jovem Ami. O artefato havia sido construído e entregue por Yakov Teitel, um judeu norte-americano de 37 anos que acreditava estar fazendo a vontade de Deus.

---

<sup>31</sup> Site criado em 2008, administrado pela Prime Comunicações Ltda é um site de notícias semelhante aos populares [g1.com.br](http://g1.com.br) e [r7.com.br](http://r7.com.br), voltado para notícias do mundo gospel.

<sup>32</sup> Maoz Israel Ministries é uma organização Judaica Messiânica sem fins lucrativos fundada em 1976, e cuja sede do ministério está baseado em Tel Aviv, Israel.

<sup>33</sup> Charisma Media é uma empresa multimídia cristã conhecida durante os últimos 30 anos.

<sup>34</sup> O Jewish Israel é um grupo de líderes comunitários, educadores e ativistas que trabalham em estreita coordenação e sob a orientação de rabinos qualificados e contra-missionários, tanto em Israel quanto na Diáspora.

<sup>35</sup> Kehila.com é um portal de notícias e informação da comunidade on-line, em Israel, é uma das poucas fontes de informação sobre a quantidade de grupos messiânicos (evangélicos judeus).

<sup>36</sup> Relato inserido na Bíblia em livro que leva o mesmo nome, Ester.

Na ficha criminal do senhor Teitel constava o assassinato de um taxista palestino; Samir Bablisi (1997), a tentativa de homicídio de Isa Jabarin, um pastor palestino; a tentativa de incendiar um monastério; além de outro atentado à bomba em Jerusalém contra a Universidade Hebraica, onde um professor, Zeev Sternhell, ficou levemente ferido.

Apesar do currículo do ‘terrorista judeu’, a polícia de Israel, quando fazia a perícia da cena do crime, informou à família vitimada que “você não têm muitos fãs nesse país, se são judeus messiânicos não terão muitos amigos, a lei os protege, mas você não terão muitas pessoas para apoiá-los por trás delas.” (vídeo do youtube.com canal moazisrael<sup>37</sup>).

Outra situação semelhante, porém com menor gravidade foi a perseguição a uma doceira da cidade de Gan Yavne, chamada Pnina Pie. As autoridades rabínicas suspenderam sua licença kosher<sup>38</sup>, que é o modo de preparação da alimentação judaica, pelo simples fato dela ter sido ‘descoberta’ enquanto messiânica.

No caso de Pnina ela entrou na justiça e a Suprema Corte de Israel mandou devolver a licença da sua panificação e, pela primeira, vez os messiânicos foram tratados como um movimento, fato que resultou na legalidade nacional à religiosidade marginalizada, já que eles não eram reconhecidos como uma religiosidade, e sim como seita.

### 3.1.4. Diferenças Entre os Conceitos Relativos à Messiânico

Segundo Groningen “a raiz do substantivo *masiah* é o verbo *masah*, que tem geralmente o sentido de “ungir”. (2003, p.15). Os sentidos para judeu e cristão provêm da mesma raiz, como também para a palavra muçulmano. A ideia de messiânico está associada ao ato de ser ungido com óleo para exercer uma específica função. O sentido é percebido por interpretações diferentes, mas advindo da mesma matriz:

A expressão expectativa messiânica requer atenção porque seu uso tem sido amplo e variado. Podemos falar da expectativa messiânica bíblica. A bíblia tem muitas promessas e predições relativas ao messias por vir, seu caráter, sua missão, sua influência, suas metas e seu sucesso. Entretanto, as expectativas variavam dependendo dos aspectos das promessas e predições que estivessem sendo considerados, bem como de suas interpretações e aplicações. (GRONINGEN, 2003, p.51).

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/YxczKiCv2qE>> Acesso 11 de março de 2015

<sup>38</sup> O Certificado Kosher é um documento emitido para atestar que os produtos fabricados por uma determinada empresa obedecem as normas específicas que regem a dieta judaica ortodoxa. Ele é mundialmente reconhecido como sinônimo de controle máximo de qualidade. (CHABAD, 2015)

Essa ‘expectativa messiânica’, conforme o olhar judeu, sugere profecias relativas a um líder definitivo e voltado para ações firmes nas quais os de religiosidade judaica, seja ultraortodoxa, ortodoxa, tradicional ou moderada, ainda esperam uma ‘utopia social e política’. De uma forma clara, o judaísmo ‘messiânico’, no entendimento religioso judeu, não existiria, pois, não passaria de uma criação ou variação ‘judaizada’ da cristandade, já que para o judeu, seu Messias nunca teria vindo.

Muito embora esses quase 20 mil judeus messiânicos<sup>39</sup> que vivem em Israel assumam compromissos fiscais, sirvam ao exército e mantenham as tradições judaicas e práticas das chamadas leis cerimoniais ou ‘*halachas*’<sup>40</sup>, eles têm sua ‘expectativa messiânica’ e creem que o messias de Israel já veio, como estabelece a ‘*Brit Chadashah*’, conhecida pelos cristãos como Novo Testamento. Essa explicação é importante para podermos compreender o movimento efetivado com o mesmo nome no Brasil.

### 3.2 Judeus Messiânicos no Brasil

Os judeus messiânicos brasileiros formam grupos de evangélicos que se apresentam como judeus e defendem seu ‘retorno’ às raízes da ‘igreja do primeiro século’. Muitos deles se declaram descendentes de judeus perseguidos pela inquisição, identificados como ‘Anussim’ (forçados) e apresentam uma proposta de ‘restauração das raízes judaicas’ não só de um grupo, mas de todas as igrejas protestantes em geral.

Buscamos identificar a presença do fenômeno do Dispensacionalismo e identificá-lo no campo religioso brasileiro. Encontramos, dentre muitos outros tópicos que abrangem o tema, o processo chamado de ‘judaização’ pelos teólogos protestantes de linha tradicional. O Judaísmo messiânico é um fenômeno que pode ser identificado no campo evangélico brasileiro há algumas décadas. O apego à simbologia judaica, músicas e festas do povo hebreu já se tornou parte do capital simbólico de muitas denominações e grupos neopentecostais em todo o Brasil:

---

<sup>39</sup> O Central Bureau of Statistics (Escritório Central Estatística) de Israel, órgão semelhante ao nosso IBGE, não contabiliza os grupo religioso messiânico, mas segundo site [gospelprime.com.br](http://gospelprime.com.br), que não cita a fonte, e o site de notícias [verdadegospel.com](http://verdadegospel.com), esse é o número estimado.

<sup>40</sup> Na Torá Oral há dois componentes – Halachá e Agada. A Halachá constitui cerca de noventa por cento do Talmud e quase todo os Midrashim Haláchicos. A Agada forma os outros dez por cento do Talmud – distribuída desigualmente entre seus tratados – e praticamente a totalidade das outras obras Midráshicas. A Halachá é a mais fácil de definir das duas categorias. Consiste em definições, fontes e explicações das Leis da Torá. (CHABAD, 2015)

No que diz respeito às igrejas neopentecostais, é cada vez mais comum a apropriação de símbolos, rituais e trechos da liturgia judaica. Entre eles tem destaque a estrela de Davi (na bandeira do Estado de Israel ou simplesmente como ornamento dentro das igrejas), a menorá (candelabro de sete braços), o shofar (chifre de carneiro cujo som tem lugar destacado nas comemorações do Ano Novo Judaico e no dia da Expição), o talit (acessório em forma de xale usado pelos judeus ortodoxos), réplicas da Arca da Aliança e passagens escritas em hebraico, tanto nos livros litúrgicos como nas paredes dos prédios dessas igrejas. (TOPEL, 2011, p.36).

A judaização, como é definida, não escolhe o tipo de protestantismo - se tradicionais, pentecostais ou neopentecostais com muita ou pouca tradição. Sua presença é percebida em várias escalas de manifestações, no entanto, os grupos neopentecostais são os que mais abraçaram o movimento. Alguns deles levam essa apropriação a um ‘descobrimento’ judaico, ou seja, em alguns momentos se identificam não mais como cristão, e sim, como judeus.

Paralelamente, apesar de serem menos multitudinárias que as igrejas neopentecostais, as igrejas messiânicas têm se multiplicado nos últimos anos, alcançando uma visibilidade cada vez maior. Sua arquitetura particular, a que se somam os nomes escritos na entrada dos templos, como Beit Tsar Israel, Beit Tehsuvá, Ar Tzion e Am Israel, faz com que essas igrejas sejam facilmente confundidas com sinagogas, tanto por judeus como por não-judeus. (TOPEL, 2011, p.36)

A utilização da matriz judaica em meio ao protestantismo não pode simplesmente ficar na interpretação minimalista de modismo. A utilização da matriz judaica em meio ao protestantismo moderno não pode simplesmente ficar na interpretação minimalista de modismo. Buscamos com esta pesquisa demonstrar que o fenômeno histórico do Dispensacionalismo é um dos motores representativos e consistentes desse movimento religioso, fundamental para compreensão do fato histórico e sociorreligioso.

### **3.2.1 O Rabino, Brasileiro e Messiânico.**

Uma das figuras mais representativas no campo da nossa pesquisa é conhecida no meio religioso como rabino messiânico: o senhor Marcelo Miranda Guimarães, fundador da Associação Ministério Ensinado de Sião (AMES) e da Congregação Judaico-Messiânica Har Tzion.

Nascido em Belo Horizonte, em 09 de julho de 1952, é o segundo filho de uma família de cinco irmãos. Frequentou durante a adolescência um seminário católico no interior de Minas Gerais, onde estudou e, posteriormente, formando-se em Engenharia Industrial Mecânica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET (MG).

Fez pós-graduação em Engenharia Econômica pela Universidade Federal de Minas Gerais e MBA pela Fundação Getúlio Vargas.

Aos 22 anos conquistou seu primeiro emprego como estagiário na Companhia Siderúrgica Valourec - Mannesman. Em alguns anos ocupou o cargo de executivo, condição que manteve por vários anos, atuando como responsável por Contabilidade Industrial, Comércio Exterior, Vendas, Estudos Econômicos, Cálculos de Rentabilidade Econômica, Comunicação Social e Imprensa, até sua aposentadoria. Com vários cursos de especialização no Brasil e na Alemanha, lecionou por algum tempo na Pós-Graduação em Engenharia Econômica na Universidade de Itaúma, em Minas Gerais.

A função que ocupava e o grau de intelectualidade, segurança econômica e nível social, mantinham o Rabino Marcelo Guimarães bem distante de qualquer necessidade religiosa. Católico convicto, não se predispunha à mudança de religiosidade até enfrentar uma ‘situação limite’.

Problemas pessoais o levaram a procurar solução em sua espiritualidade materna, porém, não obteve sem sucesso. Após ouvir a zeladora de seu escritório relatar que “o Deus de Israel” poderia mudar a sua vida, decidiu “aceitar Jesus” e passou a professar o credo protestante. Após sua ‘conversão’ começou a frequentar uma igreja Batista no Centro de Belo Horizonte e, dado a seu perfil de estudioso:

Queria saber mais sobre a fé, a sabedoria, sobre os dons e talentos espirituais, como usar melhor a intuição, o domínio próprio, a tolerância, a mansidão, a misericórdia, o amor, o perdão, enfim, a alcançar a tal paz interior. Queria conhecer mais sobre a inteligência divina e se inteirar com ela. Foi por este grande interesse, que ele se tornou teólogo e por muitos anos tem estudado profundamente o coração do homem e sua relação com o Ser Supremo, Deus. (GUIMARÃES, 2015).

Doutor em teologia pela Faculdade de Teologia da Bahia, o rabino Marcelo é fundador do Centro Avançado de Teologia Ensinando de Sião – CATES, um curso de teologia judaico-messiânico, que faz uso de materiais publicados pelo próprio AMES e é subsidiado através das instituições internacionais associadas a sua congregação. O CATES é disponibilizado online e utiliza uma das mais famosas plataformas para ensino a distância, o Moodle. As aulas em português, inglês e hebraico são traduzidas em tempo real para alunos em todo o Brasil e países da América Latina.

Além de fundador da *Har Tzion*, o rabino Marcelo é autor de mais de 15 livros, tendo a sua própria editora que leva a marca da AMES. Ele mantém vários endereços eletrônicos na

internet e está presente em todas as mídias digitais, atualmente conhecidas. O título de rabino que pode ser traduzido como ‘mestre’ ou ‘professor’ lhe foi conferido em 2002, seis anos após o início dos trabalhos da AMES. Sua ordenação foi concedida pelo Netivyah Bible Instruction Ministry, de Israel<sup>41</sup>, além de contar com o apoio da Jewish Voice Ministries<sup>42</sup> do EUA.

Os temas tratados pelo rabino Marcelo em seus livros são variados. Dentro do campo religioso, são textos que tratam da ‘restauração’ das doutrinas da igreja; o retorno ao pensamento do ‘primeiro século’, e como trazer a igreja às suas ‘raízes bíblicas e judaicas’. Temas como os comentários da Torá, os cinco primeiros livros da bíblia, intitulado ‘A torá’ (nome judeu para o Pentateuco), constitui uma coleção com cinco volumes. Além de abraçar abordagens de relevância para o chamado ‘retorno’ de judeus que não se identificam como judeus, são chamados ‘assimilados’ devido à perda da identidade judaica.

No livro ‘Há restauração para os descendentes de Judeus da inquisição?’ o rabino trata de um dos assuntos recorrentes na Har Tzion: “a identidade judaica” e sua restauração; no qual ele mesmo se apresenta como um desses judeus retornados que buscou restaurar sua identidade diante das pressões históricas e sociais.

Estão presentes na loja virtual do site da AMES para venda, livros com os títulos: ‘*Seridó*’, do doutor Alfredo Prentki; ‘*Inquisição em Minas Gerais no Século XVIII*’, de Neuza Fernandes; e ‘*A Odisséia Sefaradita*’, de Victor Escroignard. Esses livros, dentre outros títulos, fazem parte do acervo do primeiro Museu da Inquisição do Brasil, também fundado pelo rabino Marcelo em agosto de 2012, segundo vídeo institucional do museu, gravado pela pesquisadora Anita Novinsky<sup>43</sup>, o museu é único no mundo em quatro séculos de história.

O primeiro museu da história da inquisição no Brasil tem o objetivo de contar à sociedade a história da Inquisição Ibero-Brasileira, omitida em nossos livros, bem como a influência dos cristãos-novos como colonizadores e participantes na formação do povo brasileiro, oferecendo seu vasto material para estudo, pesquisa e consulta, para todos aqueles que desejarem

---

<sup>41</sup> Netivyah realiza os seus objectivos de várias maneiras. Em cooperação com a Trans World Radio, Netivyah produz e transmite programas diários em hebraico em onda média, em conjunto com um programa semanal em russo. O diário de Netivyah, Ensinando de Sião (Torah mi'Tzion), proporciona um ensino sobre o fundo judaico do Brit Hadashah, bem como servir como um fórum de discussão sobre questões relativas às relações judeu-cristãos. (NETIVYAH, 2015)

<sup>42</sup> Em 1967, o evangelista Louis Kaplan lançou um ministério chamado Jewish Voice. Nesse mesmo ano, ele começou um programa de rádio, Voz Judaica Transmissões, que foi ao ar pela primeira vez numa rádio cristã em Phoenix, Arizona. (JEWISHVOICE, 2015)

<sup>43</sup> NOVINSKY, A. Museu da História da Inquisição, 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=1&v=qZWsfLdOM80](https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=qZWsfLdOM80)>. Acesso em: 11 jan. 2016.

enriquecer seus conhecimentos, e como recurso educacional, turístico e de inclusão social. (Horizonte, 2016).

O Museu fica localizado no bairro da Pampulha em Belo Horizonte e sua manutenção se dá por conta das cobranças para visitação e doações advindas de vários setores. No museu, o visitante vai encontrar desde a reprodução de vários utensílios de tortura utilizados no período da inquisição, azulejos cerâmicos, objetos de culto judeu e de origem sefaradita<sup>44</sup>, entre outros tantos. Trata-se de um acervo composto por painéis, livros históricos, rolos antigos da Torá (Bíblia judaica) e replicas de vários outros objetos. Além da visita presencial, os interessados podem acessar o site do museu e fazer uma visita virtual. O endereço eletrônico da instituição é [www.museudainquisicao.org.br](http://www.museudainquisicao.org.br). Outra instituição encabeçada pelo rabino Marcelo é a Associação Brasileira dos Descendentes de Judeus da Inquisição - ABRADJIN, a qual, segundo o site:

A ABRADJIN, Associação Brasileira dos Descendentes de Judeus da Inquisição, é uma fundação privada, instituição com caráter cultural e educativo, cadastrada no IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) sem fins lucrativos, fundada em 09 de agosto de 2000 e que já conta com mais de mil associados, respeitando o direito de crença de cada um. Sua sede está localizada no Bairro Ouro Preto, em Belo Horizonte-MG, e atua por meio do Centro de Cultura e Memória Sefaradita Anussim. (ABRADJIN, 2015).

Seja promovendo a descoberta de genealogia através de pesquisas de sobrenome ou publicando textos sobre a inquisição e a etnia judaica ibero-brasileira, a associação fomenta a necessidade de estudar e pesquisar a presença e influencia dos judeus e dos cristãos novos na história do Brasil. A ABRADJIN é a responsável pela administração do Museu da Inquisição e promove o cadastro de Anussins<sup>45</sup> para fazer o processo de retorno a Israel, através do Alyah<sup>46</sup>. Assim como o museu, a associação também possui um endereço eletrônico, o [anussim.org.br](http://anussim.org.br).

Todos esses empreendimentos buscam fortalecer a proposta religiosa do rabino Marcelo a cerca de um judaísmo que precisa ser restaurado após ter sido esquecido por conta das ações da Inquisição. Assim, o intento é promover a restauração dos laços entre o

<sup>44</sup> Presume-se que o nome Sepharad originalmente significasse Espanha, e os sefaradim são judeus de origem espanhola ou portuguesa. Na realidade, hoje em dia, o termo sefardi foi ampliado, de modo a incluir muitas comunidades judaicas em partes do mundo de fala árabe, persa e turca, as quais verdadeiramente, não são de descendência espanhola, de maneira alguma, mas adotam o rito espanhol em suas preces e serviços de sinagoga. (Asheri, 1987, p. 9)

<sup>45</sup> Expressão do hebraico, que quer dizer forçados. “Anussim”, palavra de origem hebraica, quer significar exatamente a categoria daqueles que foram “forçados” a abdicar de sua identidade ancestral. Os cristãos-novos também eram denominados de “gente da nação”. (Silva, 2012, p. 10)

<sup>46</sup> Expressão do Hebraico que quer dizer retorno, o Alyah é um processo que envolve o lado cívico e espiritual.

protestantismo e Israel, e desconstruir a tentativa histórica de um ‘etnocídio’ dos judeus no Brasil através da chamada restauração das raízes judaicas<sup>47</sup>. (SILVA, 2015).

### 3.2.2 A Sinagoga Messiânica do Brasil

No ano de 1996 foi fundada a Associação Ministério Ensinando de Sião que logo daria lugar, em 1997, à instalação da Congregação Judaico-Messiânica Har Tzion (Monte Sião), uma das maiores comunidades de Judeus-Messiânicos do Brasil e, segundo relatos, da América Latina. Conforme informações repassadas ao site [comjudaicabh.wordpress.com](http://comjudaicabh.wordpress.com)<sup>48</sup>, em 2010, a congregação contava com uma assistência de quase seiscentas (600) pessoas que, em sua maioria, declaravam-se judeus.

A Har Tzion logo se filiou a Netivyah Bible Intruction Ministry, instituição com sede em Jerusalém – Israel, e passou a receber orientações do conhecido rabino messiânico Joseph Shulam, além do reconhecimento do instituto que também é uma sinagoga em Israel. A congregação brasileira recebeu ainda o reconhecimento da Union of Messianic Jewish Congregation (UMJC), Messianic Jewish Bible Institute (MJBI), Tikkun Internacional Mission e Jewish Voice Ministres International, além de muitas outras federações nos Estados Unidos da América.

No Brasil, a congregação do rabino Marcelo é integrante do Conselho das Congregações Judaico-Messiânicas do Brasil – CCJM, uma associação criada pela AMES para promover a proposta das congregações messiânicas.

Instalada em um dos bairros tradicionais de Belo Horizonte, na Pampulha, a Har Tzion mantém seus serviços religiosos como determina a doutrina judaica, com todas as características de uma sinagoga, como Sefer Torah (Livro da Torah ou Pentateuco), o uso do Talit (manto de oração) e Kipá (solidéu) que são muito comuns durante os serviços religiosos e nas reuniões. Segundo o próprio site do AMES a proposta da instituição é:

- Contribuir para difundir entre os cristãos a visão de sua reconexão com o povo judeu e com a nação de Israel, bem como a restauração das raízes bíblicas e judaicas da sua fé e seu papel espiritual em relação à redenção de Israel;

<sup>47</sup> Um dos temas abordados em um dos seus livros publicado em 2005, com o título Trazendo a Igreja de volta à suas raízes bíblicas & judaicas, Belo Horizonte, AMES, 2005.

<sup>48</sup> Um site laboratório desenvolvido por um grupo de estudantes do curso de Jornalismo Multimídia, do Centro Universitário – UNA, na Faculdade de Comunicação e Artes em Belo Horizonte em 2010. (Disponível em: <<http://comjudaicabh.wordpress.com/2010/11/21/judeus-messianicos/>> acesso em 03 de Fevereiro de 2015.

- Promover o ensino das Escrituras – Tanach e Brit Chadashá, comumente chamados Antigo e Novo Testamentos – no contexto judaico;
  - Divulgar entre os povos o amor e a necessidade de oração a favor do povo judeu e sua terra;
  - Abolir todo e qualquer tipo de antissemitismo, antijudaísmo e antissionismo;
  - Tornar visíveis os possíveis erros históricos do cristianismo, não compactuando com os mesmos;
  - Acompanhar e divulgar as profecias bíblicas relacionadas a Israel e seu povo;
  - Incentivar os descendentes de judeus a restaurarem suas raízes bíblicas e judaicas, crendo no Messias Yeshua e na sua iminente volta;
  - Conscientizar os judeus de que são o povo escolhido por D’us, tendo um chamado que é irrevogável;
  - Publicar literatura, promover seminários, cursos e conferências;
- (AMES; 2015)

### 3.2.3 Influências Contingenciais do Messianismo Brasileiro

Há algumas décadas um fenômeno de ‘retorno’ e resgate da identidade judaica entre descendentes de judeus marranos surgiu timidamente no sertão da Paraíba e Rio Grande do Norte, mais especificamente no sertão de Seridó. Ali muitas interpretações sobre a realidade etnográfica da região foram elaboradas. Afirmava-se que havia no sertão de Seridó uma comunidade que defendia ser descendente de judeus marranos fugitivos das ações da inquisição após 1654, precisamente após a derrota dos holandeses e sua expulsão da região Nordeste.

O fenômeno foi amplamente estudado, no entanto, “esta comunidade que ‘retornou’ criou uma série de problemas, se podemos assim defini-los, junto a determinados setores do judaísmo brasileiro no que se refere à identidade judaica”. (RAMAGE, 1983, p. 62). Um grupo dos chamados ‘retornados’ começou a alvoroçar os pesquisadores sobre criptojudaísmo e essa comunidade apresentava alguns argumentos que a meta-história consideraria plausíveis.

A comunidade estudada era liderada pelo Dr. José Madeira<sup>49</sup>, e havia sido instalada em uma região do sertão do Rio Grande do Norte conhecida como Seridó. A este senhor é creditada a defesa da ideia de que sua região foi povoada por judeus marranos<sup>50</sup>.

Segundo ele a região do Seridó foi escolhida porque era a terra mais seca do nordeste, aquela que não seria cobiçada pelos inquisidores, e que ofereceria um refúgio seguro. Aliás, ele tem uma hipótese, de que a palavra Seridó

<sup>49</sup> Personagem fictício apresentado na dissertação de mestrado da professora Sonia Maria B. Ramage (1983) que faz referência ao rabino João F. D. Medeiros, autor do livro *Nos Passos do Retorno* (2005).

<sup>50</sup> Cristão novo era, com frequência, substituído por converso e, na Espanha, por “marrano”, vocábulo de origem polêmica uma vez que, para alguns, significa “porco” e as religiões judaica e muçulmana proibiam a ingestão da carne desse animal. Para outros o termo seria de origem hebraica com influência ibérica e significa “homem batizado à força”. (SILVA, 2008, p. 2)

seria uma senha para os judeus perseguidos - resultado de uma palavra composta em hebraico – Sarid = Refúgio e Ó – terminação do possessivo da terceira pessoa do singular - donde Seridó seria “Refúgio D’Ele, no caso Deus. (RAMAGE, 1983, p.63)

Em 1979 a população judaica no Brasil era de aproximadamente 91.795 pessoas. No nordeste, segundo fontes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>51</sup>, esse número não passava dos 2.600. Em Seridó, a população dos retornados era composta por apenas 32 pessoas. Mas o projeto continuou dirigido pelo ‘Dr. Madeira’ que, segundo Ramagem, tinha a ideia de trazer de volta ao judaísmo aquelas pessoas que assim como ele tinham ascendência judaica e não sabiam. (RAMAGEM, 1993, p.70).

### **3.3 Valnice Milhomens: Uma Dispensacionalista**

Na década de 1980, mais precisamente em 1985, retorna ao Brasil depois de um período de trabalhos missionários em Moçambique na África, a então missionária da Convenção Batista Brasileira, Valnice Milhomens. Seu retorno tinha como propósito estabelecer um ministério de ensino através de suas pregações e, neste momento, inicia-se um doutrinamento pró-Israel em meio aos evangélicos.

Sendo uma das primeiras figuras a ocupar canais de televisão com programas diários e aos sábados ( ‘Palavra de fé’ e ‘Escola Bíblica na TV’), Milhomens tinha como um dos temas recorrentes os estudos sobre a restauração de Israel. Assim, através dos programas midiáticos de Valnice, o tema Israel começou a ter outro viés:

Desde o início do seu ministério no Brasil, Valnice envolveu-se com Israel, tendo realizado ali, entre 1987 e novembro de 2012, vinte e um congressos proféticos. Recebeu reconhecimento do Ministério de Turismo de Israel e homenagem do prefeito de Tiberíades, com a chave da cidade. Muitos pastores receberam dela o ensino e a visão sobre Israel e passaram a levar suas próprias caravanas e a interceder pela redenção do povo de Jesus. Como em tudo o que faz, este ministério tem se reproduzido. (MILHOMES, 2015).

Toda essa atmosfera vivenciada nas décadas de 1980 e 1990 fomentaram a construção de um novo ideário sobre o estado de Israel, além das pressões sociais da época e problemas econômicos, a instabilidade política vivida pelo país favoreceu o seu surgimento.

---

<sup>51</sup>Estatísticas do IBGE sobre judeus no Brasil: um panorama dos censos demográficos de 1940 a 2010

A Igreja fundada por Valnice Milhomes inicialmente chamou-se Ministério Palavra da Fé (1994), que posteriormente adotou o nome de INSEJEC – Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo:

O dia 28 de março é muito especial para a INSEJEC. Mesmo com seu registro jurídico datado no dia 20 de junho de 1994, a Igreja nasceu espiritualmente meses antes. Em São José dos Campos, então sede do Ministério Palavra da Fé, à mesa do Senhor, veio o comando: ‘declara nascida a Igreja e receba-os como membros.’ (INSEJEC, 2015).

O Ministério foi um dos primeiros a adotar a utilização de práticas judaicas em seus cultos, lançando em 2001 um *Compact Disk* composto por músicas hebraicas tradicionais nos dois idiomas, português e hebraico; o título do CD foi ‘AM YISRAEL CHAI’ (O povo de Israel vive), produzido pela pastora Marilda Berg. O disco contou com a participação do rabino Mordechai Naymanovich e foi produzido ao vivo.

Em março de 2015, na comemoração de 50 anos do ministério de Valnice, a INSEJEC promoveu um grande congresso profético que se configurou como uma relevante reunião com todos os líderes nacionais e internacionais da INSEJEC. Orações, preleções e visitas a lugares históricos ligados às passagens bíblicas, percorrendo a Turquia, Jordânia e terminando em Jerusalém.

Assim, além da ideia que distingue Israel da Igreja, a comunidade conduzida por Milhomen celebra festas judaicas, danças e adota doutrinas dispensacionalistas, tais como a divisão periódica das ações divinas, as ‘dispensações’ ou ‘eras’: patriarcal, mosaica, graça e milenar. Acredita-se que Deus teria agido primeiro durante a era patriarcal com os homens até levantar Israel, e com ela a lei mosaica com a chegada de Jesus, a Igreja e a dispensação da graça. Por fim, o milênio que retornara aos judeus a atenção e direção. Cada um desses passos é defendido pelo dispensacionalismo tradicional.

### **3.4 Movimento em Células Modelo Dos 12**

As Igrejas em Células no modelo dos 12, ou como comumente é conhecida M12Brasil, nasceram após o rompimento do líder nacional, o apóstolo Rene Terra Nova, em 2005, com o seu líder internacional, o pastor César Castellanos, idealizador da estratégia de crescimento de igrejas conhecida como Visão Celular no Governo dos 12, G12. Esse novo

grupo vem adotando, associado à estratégia reproduzida do G12, um ensinamento sobre a importância de Israel para a Igreja.

A visão de Jerusalém ou Sião é parte da doutrina do M12Brasil. Em 2011 a International Christian Embassy Jerusalem (Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém) – ICEJ -, ‘pré-inaugurou sua sede em Manaus, Amazonas’, nas dependências da igreja dirigida pelo apóstolo Terra Nova, o representante do movimento no Brasil.

A Visão Celular, como é conhecida no meio neopentecostal, promove todos os anos a viagem para Israel durante o período da festa das cabanas ou tabernáculos, uma comemoração judaica registrada na Bíblia, no livro de Levítico, capítulo 23 versículo 34: “Fala aos filhos de Israel, dizendo: Aos quinze dias deste mês sétimo será a festa dos tabernáculos ao SENHOR por sete dias”. Além das viagens, o M12Brasil orienta que essas festas ocorram em suas comunidades e promove uma ampla utilização da simbologia judaica em suas reuniões.

A maioria dos representantes da ICEJ no Brasil são apóstolos e pastores ligados ao modelo dos 12, onde a utilização de cornetas produzidas com chifres de carneiro, ou “Shofá”, são tocados em suas reuniões nacionais que acontecem anualmente na cidade de Porto Seguro. Os participantes do congresso “Resgate da Nação”, realizado desde o ano 2000, são convidados a subir à ‘Jerusalém do Brasil’.

Os preparativos para a 15ª edição do Congresso Internacional de Resgate da Nação exigem um trabalho intenso. E, para tal, as equipes de trabalho se unem nas suas especificidades no Útero da Nação, para a preparação de toda a estrutura para que o Congresso alcance êxito pleno. Tenda, piso, ar-condicionado, arquibancada, palco, cenário, figurino, coreografia, som, vídeo, paisagismo, stands... Uma estrutura magnífica para os dias 18 a 22 de Abril, reunindo pessoas do Brasil e das nações para um tempo estratégico que Deus nos dá em Porto Seguro, a Jerusalém do Brasil. (MIR, 2015).

Associar-se aos referenciais judaicos é uma das características do M12Brasil: unção, aliança, patriarca, sacrifício, são expressões que evocam esse simbolismo com o antigo testamento. A crença nas doutrinas do dispensacionalismo clássico pode ser percebida, mas, contudo, a valorização da nação hebreia é uma das mais fortes evidências dessa associação entre a visão celular e o modelo dispensacionalista.

### **3.5 M12 Brasil e a Embaixada Cristã**

A Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém é uma das instituições cristãs mundiais que apresenta a importância de Israel pautada na compreensão defendida pelo

dispensacionalismo, segundo o site CITY/ICEJ Brasil, vinculado à embaixada. Assim, a ICEJ vai surgir em 1980 como uma resposta de apoio por parte dos cristãos a Israel:

A Embaixada foi criada logo após as nações terem condenado Israel por ter declarado a cidade de Jerusalém como única “eterna e indivisível capital” do renascido Estado de Israel. Devido a uma ameaça de embargo de petróleo por parte dos árabes, 13 nações mudaram suas Embaixadas de Jerusalém para Tel Aviv. Como Resultado, 1400 cristãos provenientes de 40 países decidiram inaugurar a sua própria Embaixada em Jerusalém. (CITY, 2015).

Deste modo, a ICEJ mantém em Jerusalém e em todo o Estado judeu uma postura de apoio e cooperação, cuidando e atendendo aos mais carentes, apoiando a *Aliyah* (retorno de judeus) e promovendo a visão dispensacionalista que distingue Israel da Igreja. Declaradamente com uma postura “Christian Zionism”, a embaixada defende o apoio incondicional a Israel e apresenta sua postura pautada na ideia dispensacionalista quando diz em seu site:

O sionismo cristão difere da teologia da substituição, que ensina que a relação especial entre Deus e Israel, em específico seu destino nacional e sua herança territorial, foi perdida por causa de sua rejeição a Jesus o messias, e portanto a igreja tornou-se o novo Israel. A Igreja herdou todas as bênçãos prometidas a Israel, mas os julgamentos e maldições ainda permaneceriam convenientemente sobre o povo judeu. (ICEJ, 2015 – tradução nossa).

A revista *Word from Jerusalém* é distribuída para os 20 países membros da ICEJ e traz em seu conteúdo pregações de apoio a Israel, assim como a prestação de contas das suas atividades como embaixada na Terra Santa. Todos os anos, durante a festa dos tabernáculos, a embaixada é responsável pela maior peregrinação cristã para Israel.

No ano de 2014, a Arena da Paz em Jerusalém, espaço recentemente inaugurado, recebeu a festa da ICEJ. “Este novo espaço permite-nos trazer mais de 11.000 peregrinos à festa, de todas as nações da Terra, e eles vão encher este novo espaço com altos louvores a Deus.” (ICEJ, 2014, p.6 – tradução nossa). Entre os dias 10 a 15 de Outubro de 2014, a celebração recebeu, segundo os próprios realizadores, mais de 80 nacionalidades num total de 5.000 peregrinos, além de 1.500 amigos de Israel, judeus-messiânicos que participam da programação da ICEJ.

Do Brasil, a caravana M12Brasil, comandada por Rene Terra Nova, tem sido uma das maiores no evento há vários anos. Tão significativa é esta participação que é a única caravana a contar com eventos próprios e um programa impresso escrito em português.

Além da peregrinação da festa das cabanas, a ICEJ promove mais uma série de eventos sendo alguns deles associados ao Museu do Holocausto, o Yad Vashem, que é uma das mais importantes instituições judaicas, pois, além do museu, possui biblioteca, editora e um centro de estudos internacional sobre o holocausto. Segundo o site da ICEJ, o apóstolo Terra Nova, líder do M12Brasil, é embaixador no país e sua missão é: 1. Apoiar Israel; 2. Mostrar a Verdade; 3. Promover Justiça.

A Embaixada Cristã Internacional em Jerusalém deixa claro seu posicionamento e se define como instituição Sionista Cristã. E, somando-se a ela, seus grandes parceiros no Brasil são as comunidades ligadas à visão celular no modelo dos 12.

### **3.6 Beth Shalom Brasil**

Uma das instituições mais proeminentes no que se refere a promover o dispensacionalismo é a Obra Missionária ‘Chamada da Meia-Noite’. Fundada em 1955 pelo Dr. Wim Malgo (1922-1992), holandês formado em teologia pelo Instituto Bíblico Beatenberg, na Suíça, onde foi ordenado ao ministério pastoral, sua principal preocupação era com o ensino da Bíblia e as Profecias.

Foi para Israel, onde fundou a Beth-Shalom e Chamada da Meia-Noite, associada a esta, que deu início a duas publicações: 1. Notícias de Israel e 2. Chamada da Meia-Noite. Escritor de mais de 40 livros, Win Malgo também foi reconhecido como conferencista.

Com um viés dispensacionalista, sendo dos temas mais abordados a restauração de Israel, a Beth Shalom foi uma das precursoras do turismo de peregrinação à Terra Santa, difundindo-o no Brasil, mormente entre o segmento evangélico.

Vários temas com abordagem dispensacionalista são identificados nas publicações comercializadas pela Chamada da Meia-Noite. Livros sobre a importância de Israel, arrebatamento e profecias bíblicas formam parte de seu acervo. As revistas Chamada da Meia-Noite e Notícias de Israel são comercializadas até os dias atuais, atingindo mais de 20 países com diversas traduções e promovendo eventos de estudo proféticos. O site oficial da instituição, o [www.beth-shalom.com.br](http://www.beth-shalom.com.br), possui uma galeria de notícias com forte apelo dispensacionalista.

### **3.7 Década de 1980 e 1990**

Como podemos perceber mediante o panorama histórico, o Brasil das décadas de 1980 e 1990 tornou-se palco de vários movimentos neopentecostais que, de forma direta ou indireta, fizeram uso de novos capitais simbólicos ou já apropriados por outros grupos religiosos. (BOURDIEU, 1989).

O fomento institucional promovido por grupos como o Chamada da Meia-Noite, produziu o embasamento doutrinário necessário para a utilização, por parte de grupos neopentecostais, da ferramenta do dispensacionalismo essencial para os grupos que buscavam desenvolver seu discurso diante de tantas manifestações religiosas em ascensão no Brasil.

Com matriz plural sincrética, tem sua identidade associada ao protestantismo tradicional e, porque não dizer, também plural em vários aspectos: composto por protestantismos de imigração, missão e pelo pentecostalismo clássico. A matriz religiosa evangélica brasileira tem nos neopentecostais um elemento comum que pode demonstrar a viabilidade do dispensacionalismo, até mesmo pelos que não o percebem.

Cabe aqui uma observação nos formatos de divulgação do pensamento dispensacionalista no Brasil. A ‘Palavra da fé’ e a ‘Escola Bíblica na Tv’, programas de televisão da década de 1980, ensinavam abertamente a diferença entre Israel e a Igreja sem que uma subtraísse a outra em importância ou propósito. Essa temática começou a mudar o ideário religioso e ensaiar a abertura de brechas nas apropriações de capitais simbólicos judaicos. Assim, o ensino dispensacionalista veio acompanhado com a quebra de alguns paradigmas, pois, começava-se a fazer uso de um meio midiático de massa para alcançar seus fiéis:

As novas redes de comunicação transmitem informação e conteúdo simbólico a indivíduos cujas relações com outros permanecem fundamentalmente inalterados. O uso destes meios implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo. (ANDRADE, 2013, p.47).

Essa ruptura levou a um alcance novo e até então não imaginado ou utilizado pelos atores antigos da matriz religiosa brasileira tradicional, a exemplo das igrejas protestantes históricas, que se negavam à utilização de rádio e televisão. Essa nova proposta de divulgação da fé obrigou esses grupos a promover alternativas plausíveis e, com um capital simbólico atraente, fora das concepções religiosas já percebidas:

A proscrição de imagens e símbolos católicos constitui um obstáculo tão importante como a problemática incorporação de símbolos de outras expressões da cultura religiosa e popular brasileira. Diante deste panorama,

não surpreende que os líderes das denominações neopentecostais encontrem no judaísmo uma fonte de inspiração supostamente legítima para criar rituais e recriar símbolos que dificilmente possam ser rotulados como manifestações de idolatria. (TOPEL, 2011, p.38).

O dispensacionalismo defendeu a valorização de Israel e, associado a isso, o uso da sua matriz religiosa e sua larga simbologia. Essa apropriação veio libertar os neopentecostais e fornecer material necessário para a sua proposta religiosa de se munir do sagrado, sem que com isso fosse necessário buscar o capital simbólico vinculado ao catolicismo romano, ato que seria considerado idolatria.

Além do mais, nesse momento os capitais simbólicos de religiosidade de matriz africana foram identificados como corresponsáveis pelos males vivenciados pelos fiéis. As abordagens dos grupos neopentecostais apresentavam os problemas vivenciados pelos seus fiéis como sendo causados por esses capitais simbólicos afro-brasileiros. Expressões como ‘encosto’ ou correntes de libertação dos ‘trabalhos de macumba’, entre outras, demonizaram esse capital, conduzindo-os para outra utilização dentro do campo pentecostal.

O caráter libertário do dispensacionalismo funcionava concedendo margem ao surgimento de modelos mais definidos pelo judaísmo, tais como a AMES, além de promover uma interpretação escatológica mais simples e de melhor compreensão com a ideia de milênio, arrebatamento e a releitura do Antigo Testamento.

Por um lado, surgem igrejas e grupos de apoio ao Estado Israel adotando práticas de sionismo cristão, um processo com ‘apropriações’ cada vez mais contundentes; por outro lado, surgem grupos que, fazendo uso desses novos capitais e quase que totalmente dessas práticas religiosas, consideram parte desse povo.

A denúncia desse processo conhecido como ‘judaização’ preocupou e preocupa os líderes religiosos protestantes mais tradicionais. Difundiu-se a máxima de que quem se opõe à proposta dispensacionalista defende as propostas escatológicas diferentes, que vêem esse processo como errôneo:

Se a judaização das igrejas neopentecostais e a proliferação de igrejas messiânicas são fenômenos que preocupam algumas lideranças religiosas identificadas com diferentes vertentes do protestantismo brasileiro, curiosamente, os rabinos do país não se manifestaram sobre o assunto. (TOPEL, 2011, p.43).

No Brasil, existem pressões sobre as manifestações religiosas que se apropriam de capitais simbólicos de outras religiosidades, não somente do judaísmo. De forma concreta

Essas pressões ocorrem dentro do próprio campo partindo daqueles que se preocupam com a manutenção da tradição.

As grandes críticas e censuras são provenientes das alas mais conservadoras dos credos religiosos. O fenômeno da resistência é persistente e recorrente, mas não impedirá o estabelecimento de novos paradigmas religiosos ou apropriações pelo efeito dessa circularidade. (GINZBURG, 2008).

As mudanças de comportamento na sociedade implicam em perceber que a secularização continuará atuando e a modernidade torna-se parceira da religiosidade fazendo com que a religião busque a cada dia uma nova atualização, seja no seu modo de apresentação ou nas declarações sobre sua concepção de mundo. A cosmovisão obriga hoje a religiosidade a produzir, legitimar e defender suas próprias propostas de forma cada vez mais específica e individualizada. Talvez o grande *'insight'* esteja associado à matriz religiosa brasileira, plural e com grande dificuldade de institucionalização, desde os tempos da América Portuguesa:

Diversos estudiosos definiram a religião brasileira como sincrética, difusa, híbrida e com um forte componente anti-institucional e antiautoritário (SANCHIS, p.. 1997; MOREIRA, A. & ZICMAN, R. 1994, BRANDÃO, 1994). Além do mais, as pesquisas são reveladoras e demonstram que não existe o princípio de profanar uma religião se a ela se acrescentam (ou se com ela se misturam) símbolos e rituais de outras religiões. O que se observa são religiões criadas à imagem e semelhança do ator religioso, e não produtos de uma estrutura institucional externa, capaz de impor uma visão religiosa considerada a verdade absoluta. (TOPEL, 2011, p.35).

As colocações supracitadas nos leva a crer que o Dispensacionalismo brasileiro será, sem dúvida, particular em especificidades e o menos associado aos limites institucionais, servindo para cada finalidade específica a ele associada, pois, muitos dispensacionalistas do país jamais ouviram falar sobre o tema.

### **3.8 Os Símbolos Judaicos, a Atualização Neopentecostal**

Através de uma proposta religiosa carregada de valores que compõem a matriz cristã, a fé judaica é marcada por perseguições e martírios, e acrescido a isso, foi rejeitada pela cosmovisão da igreja cristã como um todo. O judaísmo é revestido de um capital simbólico significativo que surge como uma das propostas de 'retorno' do sagrado, para atender uma iminente necessidade protestante de apropriar-se de novos capitais simbólicos.

Vale ressaltar que o Judaísmo é uma atualização institucionalizada de práticas religiosas que também foram ‘apropriadas’ e, à posteriori, tornou-se uma matriz específica tida na atualidade como pura diante dos que a observam em sua historicidade milenar:

Assim, a revitalização religiosa observada na atualidade, pode ser inserida na própria corrente da pós-modernidade, a partir do momento em que constata-se uma revalorização do ritual, em função sobretudo de uma maior ênfase no símbolo como sua “unidade central de expressão” e no surgimento de novas metáforas que se coadunam com uma compreensão da realidade em transformação. (SILVA, 2006, p.139).

Esse processo não se caracteriza como uma dessecularização ou um novo encantamento, mas sim como uma comprovação clara de que o advento da modernidade desenvolve um caráter de transformações das religiosidades e de suas ações na busca da manutenção de sua cosmovisão específica. Ou seja, Não se trata de uma cosmovisão monopolística, mas do desenvolvimento de ‘apropriações’ que promovam um novo apanhado religioso legitimante, para que o processo de ‘interiorização’ volte a ocorrer no homem moderno de forma pessoal e específica, dentro de seu próprio mundo religioso cada vez menos representativo para o meio social como um todo, mas ainda importante para o indivíduo.

A utilização de ritos e símbolos judaicos é percebida como uma adaptação das comunidades religiosas evangélicas ramificadas. Utilizamos a expressão ‘ramificadas’ por entender que a grande maioria das novas igrejas evangélicas da modernidade não obedecem à visão protestante tradicional e aos credos e doutrinas de forma dogmática. Em verdade, elas somente pressupõem adaptações e apoderações dos capitais simbólicos ligados ao protestantismo tradicional. Pode-se aqui lembrar que o seu surgimento ‘do novo’ é o resultado da secularização e sua pluralidade de crença; sendo ainda, muito claramente um registro abrangente do seu efeito.

Afirmar se este processo vai alcançar as igrejas protestantes históricas ainda parece cedo para se dizer. No entanto, situações semelhantes aconteceram com o uso de instrumentos, ritmos musicais e dos costumes que, paulatinamente foram sendo adotados em todos os credos protestantes: tradicionais, evangélicos, pentecostais e neopentecostais.

Considerando a moderna construção teórica da categoria religião e sua universalização a reboque do colonialismo – o que ocorreu também com as noções de magia, secular e religiões mundiais, entre outras -, bem como a enorme diversidade a variabilidade histórica dos fenômenos religiosos, James Beckford esclarece que a ‘religião é um constructo social e cultural com

significado altamente variável’, e não denota algo fixo ou essencial para além dos significados que assume em contextos culturais e sociais particulares. Quanto à religião, Peter Beyer reitera que “não há essências, apenas desenvolvimentos históricos contingentes”, sendo contingentes todos os aspectos da religião moderna, inclusive as formas e conteúdos que a religião manifesta nos planos conceitual e institucional. (MARIANO, 2013, p.232).

Como proposta da contingência histórica, nascida como efeito da secularização, as religiões fazem uso do apoderamento (BOURDIEU, 1989). É na contingência (RÜSEN, 2009), ou seja, na necessidade histórica que as respostas religiosas se formam e se desenvolvem. Esse apoderamento não é um processo recente, porém, tem sido percebido e acentuado com as novas abordagens simbólicas dessas ramificações evangélicas pentecostais e neopentecostais. O uso de simbologias judaicas e de religiões de matriz africana é encontrado em grandes instituições como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), onde, como em um processo de autoafirmação social, apresenta, com a utilização de uma simbologia judaica, uma aparente sacralidade e sobriedade. Já na utilização dos símbolos de matriz africana, busca-se a desvalorização do capital simbólico da concorrência religiosa.

O judaísmo é provavelmente a expressão religiosa que, de forma perceptível ou simplesmente natural, veio contrapor-se à secularização dentro das igrejas evangélicas contemporâneas ou, como aqui chamamos: ‘ramificações’. Exemplos como da IURD demonstram que seu aporte pode consolidar um capital simbólico novo através do apoderamento, sendo essa apropriação simbólica no mínimo significativa, mesmo porque essa ‘circularidade’ não conseguiu desconstruir a identidade do capital simbólico judeu ou a sua referência:

Mesmo nesses casos, contudo, a qualidade sagrada atribuída aos acontecimentos ordinários da própria vida conserva o seu caráter extraordinário, um caráter que é tipicamente reafirmado através de vários ritos; a perda deste caráter equivale à secularização, isto é, a se conceber os acontecimentos como puramente profanos. (BERGER, 1985, p.39).

Dessa forma, através da revalorização do ritual, as novas propostas religiosas com o viés evangélico têm utilizado a ‘apropriação’ dos símbolos e ritos judaicos para promover a sua identidade e desvincular seu simbolismo das referências iconográficas da religião hegemônica.

O processo de secularização enfraqueceu esse universo de significação religiosa desde o momento em que as explicações sobre o mundo não eram mais fornecidas pela religião. Com isso, a força das interferências promovidas pela igreja, observando-se em especial o caso

brasileiro, estabeleceu um distanciamento entre os indivíduos e a religião. Assim, Berger afirma que “Nesse sentido, o fim dos monopólios religiosos é um processo socioestrutural e sociopsicológico, a religião não legitima mais o mundo”. (BEGER, 1985).

O mundo social não tem mais uma legitimação monolítica religiosa, mas sim compreensões científicas, políticas e humanas, levando o pensamento religioso para a esfera do indivíduo, ou seja, tornando cada vez mais pessoal e específica à presença da religião no mundo.

A religiosidade de matriz protestante está sendo pressionada pela modernidade, pois, com o advento cada vez maior de novos fiéis e uma pluralidade de sentidos, sua identidade fica cada vez mais fragilizada e privada. Sendo assim, buscamos identificar fatores que em algum ponto as tornem homogêneas, seja uma prática ou um discurso.

Dentro dessa observação identificamos os efeitos do dispensacionalismo mesmo quando não percebido ou declarado, estando, contudo, presente nesse processo. A construção das novas propostas religiosas desse neopentecostalismo vem associada à necessidade de institucionalizar. Para tanto ‘judaizar’ foi a saída, mesmo que não percebida em si mesma, mas identificada através da prática encontrada.

### **3.9 Apropriações, Neopentecostalismo e IURD**

A apropriação de capitais simbólicos pertencentes a outras formas de religiosidade por grupos pentecostais de origem protestante, especificamente os neopentecostais, foi percebida por vários pesquisadores do fenômeno religioso.

O surgimento desse tipo de protestantismo, também conhecido por “pentecostalismo de terceira onda” (MARIANO, 1999), vem sendo analisado desde o seu surgimento na década de 1970. As apropriações dos neopentecostais (CAMPOS, 1996; HERVIEU-LÉGER, 1999; CONTINS; GOMES, 2007; SANTOS; PAZ, 2012; BARBOSA, 2010) são um fenômeno que revela a mudança no campo religioso protestante e sua busca por capitais simbólicos que construam novos significados à sua cosmovisão, como também uma prática comum nesta forma de religiosidade cristã.

Importado do protestantismo estadunidense, o neopentecostalismo brasileiro tornou-se um subproduto da nossa cultura que, como em toda a América latina, sofreu interferências da religiosidade popular. Conforme Campos:

Em nossa maneira de ver, todos esses movimentos partem da mesma matriz que fundamentou a cosmovisão e o imaginário brasileiro, formado ao longo dos séculos pela sedimentação de culturas indígenas, africanas e europeias. É certo que um poderoso sincretismo está em andamento, unindo tradições católicas romanas, africanas e indígenas, temperadas com um linguajar pentecostal de origem protestante. (CAMPOS, 1996, p.93).

Essas apropriações apontam para a necessidade de alcançar novos fiéis e, para esse fim, fez-se valer a proposta de lançar novos produtos no mercado de bens simbólicos, sejam eles resignificados ou incorporados sem mudanças perceptíveis. Em 1997, em um texto intitulado “Israelis and jews as perceived by neo-evangelicals in brazil”, Ramage apresenta a aproximação dos grupos neopentecostais do povo judeu e a sua preocupação em conectar-se com o ‘povo escolhido’. Apesar da aparente discrepância entre o judaísmo (monista) e o cristianismo (dualista), o provável antagonismo, segundo Ramage, não acontece com os pentecostais:

Como os pentecostais não seguem doutrinas cristãs ortodoxas em geral; e no Brasil, em particular, que detêm outras fontes de pensamento religioso, baseado no pluralismo, onde o bem e o mal não são exclusivos (ou seja, exus são demônios trapaceiros e mensageiros dos deuses nos cultos afros). Em Segundo lugar, os pentecostais no Brasil percebem o judeu em geral e Israel em particular, como entidades míticas, e não como concretos seres políticos, como o moderno Estado de Israel. (RAMAGE, 1997, p.8).

Essa aproximação acontece dentro do protestantismo, em especial na linha pentecostal, e demonstra o processo de construção da utilização de capitais simbólicos judaicos o que, segundo Ramage, não acontece neste momento específico. A pesquisadora apresenta a construção, já na década de 1990, de um forte laço em busca de uma significação de mundo através de Israel e os seus capitais simbólicos associados a temas bíblicos:

Simbolicamente afiliados a Israel os membros do pentecostalismo brasileiro, que ocupam as camadas mais baixas da sociedade, trazem sobre si um prestígio simbólico, cidadãos do reino de Israel. Ao apresentar-se como ‘Judeus Cristãos’<sup>52</sup> eles buscam associar e ancorar plenamente sua nova identidade a partir da Bíblia tanto do novo como Velho Testamento. (RAMAGEM, 1997, p.7).

O que se percebe na década de 1990 é aproximação entre os ‘Neo-Evangelicals’ e a sociedade brasileira em busca de novos significados para a construção de uma cosmovisão própria. Compostos inicialmente por uma grande massa de fiéis oriundos do meio rural com fraca formação educacional, além das dificuldades econômicas sofridas pela população nas

---

<sup>52</sup> Repetindo a fala de um pastor adventistas do sétimo dia que se disse “judeus cristãos” por guardarem o shabbat (sábado), diferente de outros cristãos. (RAMAGE, 1997, p. 9).

décadas de 1970, 1980 e 1990, os pentecostais começam a construir sentido através das releituras do Antigo Testamento, encontrando ali uma similaridade com o povo judeu sofredor e escravizado no Egito, conforme descrito no livro de Êxodo:

Com o propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, anelo e esperança diante de situações tão desesperadoras, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados – distantes do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados à própria sorte pelos poderes públicos -, tem optado voluntaria e preferencialmente pelas igrejas pentecostais. (MARIANO, 1999, p.12).

Apresentam-se então da mesma forma, enfrentando os obstáculos de uma sociedade excludente e a fragilidade social que vivenciam os nordestinos, migrantes e marginalizados. Trata-se de povos esquecidos pelos governos militares que não conseguiram diminuir as grandes diferenças sociais. A urbanização trouxe para os grandes centros uma considerável massa de nordestinos que sentem sobre eles todo o peso da dificuldade econômica e social.

Configura-se um cenário favorável à construção de uma memória coletiva em que esse ‘novo povo’, ‘novo protestantismo’ e ‘povo sofredor’ poderiam requerer uma ‘descendência de fé’ e, através desta ‘nova memória’ apresentar um sentido a todos os obstáculos enfrentados. A proposta vem para produzir sentido, mas, além disso, aproximou os pentecostais dos capitais simbólicos do judaísmo. (HERVIEU-LÉGER, 2005).

Apesar da ausência de uma abordagem teológica mais complexa e ortodoxa no modelo do protestantismo histórico, os pentecostais de ‘terceira onda’ têm a necessidade de abordagens bíblicas para a produção do sentido. Entre as possíveis respostas a essa lacuna, o Dispensacionalismo Darbiniano, como apresentaremos adiante, mostra-se viável para o auxílio a essa construção. Mas vale destacar que ele vai se ‘reinsersir’ no campo religioso protestante por meio dos neopentecostais no Brasil, mediante instituições como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC). Segundo Beger:

As instituições de produção de sentido têm na escolha de suas ofertas de sentido uma grande diversidade de opções. Mas a estratégia de fazer prevalecer suas perspectivas de interpretação na sociedade estão limitadas a duas opções principais. Uma delas é entrar com seus produtos de sentido num mercado onde há forte concorrência com outros (velhas e novas ofertas). Outra é tentar mobilizar o Estado para seus objetivos. (BEGER, LUCKMANN, 2004, p. 69).

Graças aos efeitos da modernidade e à decorrente laicidade do Estado, a segunda opção tona-se aparentemente inviável apesar da religiosidade hoje ocupar vários espaços públicos. Assim sendo, a construção de sentido com capitais simbólicos judeus traria uma identidade para esse novo peregrino, ‘descendente de fé’ da contemporaneidade.

Para que possamos continuar emoldurando esse quadro de apropriações, precisamos salientar o que denominamos como *neopentecostal*, apesar de não ser nosso objetivo aqui, mesmo porque esse fenômeno do pentecostalismo já tem sido amplamente estudado por muitos pesquisadores (MARIANO, 1999; CAMPOS, 1997; OLIVEIRA, 2014). Mesmo assim, é importante delimitar bem o campo.

Como já foi anteriormente apresentado, os grupos neopentecostais são um fenômeno religioso de origem protestante, surgido em 1970, como a terceira forma de culto diferenciada das práticas clássicas do protestantismo. Este novo grupo estaria fora da sistematização proposta por Lutero e Calvino no século XVI, como entende Leonildo Campos:

A periodização e classificação da expansão pentecostal no continente na metáfora das “três ondas” colocam, em primeiro lugar, o pentecostalismo clássico” fruto de uma “primeira onda” de expansão, o qual foi lentamente fluindo em direção ao “neopentecostalismo” ou ao pentecostalismo autônomo” considerado por Freston como pentecostalismo de “terceira onda”, que resultou, entre nós, na fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e da Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). (CAMPOS, 1997, p.18).

Ainda tratando do conceito de ondas, Ricardo Mariano explica que elas começam a partir de:

1910 com a chegada da Congregação Cristã (1910) e a Assembleia de Deus (1911) [...] A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos ( em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e a Deus é Amor (1962) . O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Internacional da Graça de Deus (1980) ‘[...] O contexto é fundamentalmente carioca’. (MARIANO, 1999, p.29).

Desta forma, compreendemos que mesmo citando ou transitando entre a palavra pentecostal e neopentecostal, o campo acabará sendo o mesmo, salvo características bem específicas que distinguem os grupos. Os pentecostais clássicos estão ligados aos dons carismáticos e valorizam notadamente o batismo com o Espírito Santo, o ‘falar em línguas’ (Glossolalia), curas divinas e profecias, além de certo distanciamento da teologia.

Importante compreender a existência de uma percepção cronológica aqui, mas que o conceito já não mais está ligado a essa paradigma, pois, existem hoje ‘denominações’ históricas que abraçaram as práticas neopentecostais, muito embora estejam, pelo menos aparentemente, no campo de ‘históricas renovadas’ (MARIANO, 1999), como é o caso das igrejas Presbiterianas Renovadas e Batistas Renovadas. Desta forma os Neopentecostais serão observados em nosso trabalho como ‘autônomos’ que se tornaram relevantes no campo por conta das suas apropriações.

Campos afirma que “cada povo, ao fazer a sua história, cria um conjunto de símbolos e mitos ligados entre si por uma lógica que os cimenta numa visão de mundo” (CAMPOS, 1997, p. 101). Essa aproximação de símbolos populares ou mundos não caberia na proposta protestante histórica, mas sim às novas propostas religiosas graças ao surgimento da religiosidade privada, onde os mundos não mais são construídos para o todo e sim para as ‘ilhas de sentido’, ou seja, para os pequenos grupos sociais.

É através desse contexto que as novas religiosidades “tem encontrado caminhos para a apropriação e uso desse imaginário que tem se manifestado nas comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nos centros kardecistas, nas religiões africanas e nos cultos pentecostais” (CAMPOS, 1997, p.102).

Nessa ‘onda’ pentecostal, os neopentecostais são portadores de uma teologia própria, mais flexível e voltada para condição do fiel, o que poderíamos qualificar como uma preocupação em atuar bem no ‘mercado de bens simbólicos’.

Apesar de ser percebido e vastamente pesquisado, o processo de apropriações no campo pentecostal tem sido observada em muitos trabalhos a recorrência dessas apropriações de cunho popular ou afro-brasileira, enquanto aquelas de origem judaicas têm sido pouco observadas. Por exemplo, entre os trabalhos apresentados nos livros ‘Temas de Ciências da Religião’ (2008), ‘Religião e Cidadania’ (2011), ambos produzidos pela Editora da Universidade federal de Sergipe, apenas três trabalhos tratam do assunto pentecostais de alguma forma, observando suas apropriações, citando os cultos afro-brasileiros e a IURD, mas não observam as apropriações pelo prisma dos capitais simbólicos judaicos.

Durante o 28º Congresso Internacional da SOTER<sup>53</sup> (2015), das onze conferências apresentadas nenhuma abordou diretamente o pentecostalismo ou o novo cenário apresentado pela Igreja Universal. Dos dez grupos de trabalho e mais de 50 comunicações, apenas um GT tratava de protestantismo, e também apenas um apresentou tema diretamente ligado ao

---

<sup>53</sup> Sociedade de Teologia e Ciência da Religião

pentecostalismo, abordando o ‘sacrifício iurdiano’ e sobre o prisma das apropriações de capitais judaicos apenas a nossa comunicação<sup>54</sup> pode ser citada.

Ainda durante a participação no II Congresso Internacional de Teologia e Ciências das Religiões, da Faculdade Unida e Universidade Federal do Espírito Santo (2015), das cinco conferências apresentadas, novamente nenhuma discutiu o pentecostalismo ou as apropriações em qualquer sentido no campo protestante. Entre os cinco painéis apresentados, apenas um discutiu capitais simbólicos com o tema ‘Religião e Mercado’, porém, não colocou em discussão o conteúdo apropriações de capitais judaicos, tema relevante diante da recente inauguração do Novo Templo de Salomão (NTS), em 31 de Julho de 2014<sup>55</sup>. No livro produzido pela Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales (2014) - RELEP, intitulado “Pentecostalismo em Diálogo” encontramos um único trabalho que trata sobre o tema das apropriações de capital simbólico do judaísmo, mas, publicado sem considerar suas razões com maior profundidade.

Outras obras consultadas demonstram que o tema é amplamente abordado, mas nossa proposta de análise deste estudo não encontra muito suporte quando o quesito é dispensacionalismo, salvo um único trabalho apresentado na Faculdade Unida (2014) de Caio César Pedron (PUC-SP), cujo título é ‘O lugar da Bíblia de Scofield no Fundamentalismo Protestante’, que citou indiretamente o dispensacionalismo ainda que sem abordar as apropriações.

Isto posto, mesmo antes de irmos adiante com novas reflexões, cabe- nos aqui, mesmo não sendo a nossa proposta central, apresentar o mais recente referencial a cerca dessas apropriações de capital simbólico judaico o: Novo Templo de Salomão (NTS), construído no bairro do Brás em São Paulo, pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Fundada em 1975 com o nome de Salão da Fé, era um empreendimento abraçado por Edir Macedo de Bezerra, Romildo Soares, seu cunhado, e Samuel da Fonseca. Durante um ano a direção foi compartilhada, até 1976 quando Edir e o cunhado Romildo decidem começar um novo trabalho com o nome de Igreja da Bênção com o apoio de Roberto Augusto Lopes em uma antiga funerária, no bairro da Abolição, cidade do Rio de Janeiro. A sociedade com o cunhado também não sobreviveu muito tempo e em 1977 Romildo Soares deixa o agrupamento que agora detém um novo nome Universal do Reino de Deus.

---

<sup>54</sup> Trata-se do trabalho: Matriz religiosa brasileira e a busca pela sobrevivência da religiosidade multicultural. (SOTER, 2015)

<sup>55</sup> Evento foi amplamente acompanhado por vários meios de comunicação com a presença de vários políticos inclusive com a presença da presidente Dilma. (UOL, 2015).

De 1977 a 1989 a Universal teve um crescimento exponencial e conseguiu adquirir por cerca de 45 milhões de dólares uma emissora de televisão. Nos dias atuais, além da Televisão, o empresário possui também emissoras de Radio, Jornais, Revistas e Internet:

A partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990, a IURD ficou conhecida pelas grandes concentrações de fiéis em estádios de futebol por todo o país. Considerada como igreja essencialmente urbana preconizou a prática de se instalar em cinemas, teatros, galpões ou mesmo supermercados. (COTINS; GOMES, 2007, p.7).

Detentora de expressivo poder político e religioso, a Universal possui entre seus membros deputados, senadores, vereadores e pessoas de várias esferas do espaço público que se apresentam como seus representantes.

Desde 1997 a antiga sede construída no Rio de Janeiro era conhecida como ‘Sede Mundial’ e hoje como ‘Templo Maior’, cuja imagem teve a vinculação da construção com sentido de ‘lugar santo’, e assim podemos perceber traços da ideia em conectar a ‘Terra Santa’ ao fiel da igreja universal, uma vez que toda a arquitetura presente no empreendimento tem o ‘propósito simbólico’ de deixar Jerusalém mais próxima dos fiéis.

As referências a Israel e ao texto bíblico, inscritas no material utilizado na construção – pedras trazidas de Jerusalém, trechos da Bíblia colocados nas paredes dos pátios e nas entradas e, especialmente, a “Maquete da Jerusalém Antiga” – indicam a busca por uma confirmação de sua autenticidade religiosa. (COTINS, GOMES, 2007, p.9).

Nessa conjuntura, percebe-se que desde a sua primeira viagem a Israel, em 1980, o bispo Edir Macedo tem buscado construir essa significação e associar a simbologia do sagrado aos ambientes de culto da sua igreja, com o intuito de aproximar os fiéis de tal concepção.

Além das apropriações já conhecidas de capitais simbólicos populares, a presença dos mesmos na IURD já havia sido percebida como ‘inusitada’ (TOPEL, 2011), e talvez esse seja o adjetivo mais apropriado para o mais recente empreendimento da Universal: o Novo Templo de Salomão (2014).

Construído na cidade de São Paulo, no bairro do Brás, trata-se de uma obra ‘mastodôntica’ (BARBOSA, 2014), com um investimento que superou a casa dos R\$ 650 Milhões (BARBOSA, 2014), é uma replica do prédio construído nos dias do rei Salomão, salvo adaptações necessárias a contemporaneidade, como central de ar condicionado, heliporto, iluminação em *led*, entre outras inovações. Mais uma vez a prática se repetiu e os

revestimentos externos (pedras rústicas) foram importadas de Hebron e enviadas de barco para o Brasil, “O propósito simbólico que informa sua arquitetura é a de levar o pensamento a Israel”. (COTINS, GOMES, 2007, p.8). Em outras palavras:

O sentido da construção do Templo de Salomão e da sua replica tem um significado profundo, porque vai trazer a fé judaica bem como vai reavivar a fé evangélica, portanto, nós vamos ver nesse templo a união do cristianismo com o judaísmo, porque todos estarão voltados para o tempo bíblico quando a fé abraâmica [a fé] era muito acentuada. (BARBOSA, 2012, p.262).

Além desse marco de apropriação de capital simbólico e o investimento na arquitetura, as práticas religiosas dentro do novo espaço se dão com a anexação de novas apropriações. O líder da IURD se apresenta usando barba, quipá<sup>56</sup> e talit<sup>57</sup>, o uso de outros símbolos como candelabro de sete lâmpadas (Minorá), benção da porta (Mezuzah) e o pão da pascoa (Matzah) já fazem parte do cotidiano de práticas da IURD.

---

<sup>56</sup> Solidéu um pequeno chapéu de pano ou couro que cobre a cabeça comumente usado por judeus.

<sup>57</sup> Xale de orações também uma ferramenta do culto judaico, utilizado por homens para orações em publico ou em lugares santos como sinagogas.

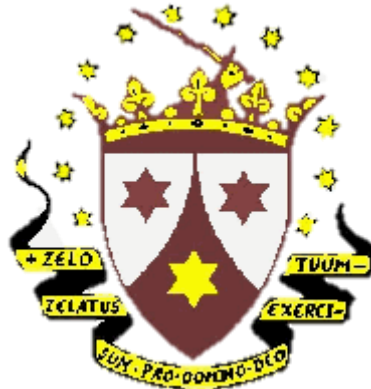
## 4 CAPÍTULO TERCEIRO

### 4.1 O Dispensacionalismo nos Periódicos *Chamada da Meia-Noite* e *Word From Jrusalém* (2013 - 2015)

#### 4.1.1 Dispensacionalismo e as Apropriações Hegemônicas

A utilização de símbolos judaicos em cultos não é, em si só, uma novidade, pois, o uso de simbologia judaica é comum na religiosidade hegemônica, o solidéu ou quipá judeu é comumente apresentado por integrantes do clero católico romano. A ordem dos carmelitas fundada entre '1153 e 1159' tem como um dos seus símbolos, no brasão principal, um Magem David, conhecida como 'Estrela de Davi' que reporta sua fundação à continuidade do profeta Elias. Segundo o site da Ordem do Carmo em Portugal:

**FIGURA 1 - Retirada do site, ordem do Carmo em Portugal**



Fonte: Disponível em: <<http://www.ordem-do-carmo.pt/index.php/os-carmelitas/historia.html>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

Entre 1153 e 1159, Bertoldo, por inspiração do profeta Elias, dirige-se para o Monte Carmelo. Aí, com o auxílio do seu primo, o Patriarca D. Aimerico de Antioquia, constrói uma pequena capela perto da gruta de Elias e cerca as ruínas que existiam por lá. Aos poucos, cresce o número de eremitas que se espalham por todo o Monte, vivendo separados uns dos outros em pequenas cavernas, procurando assim imitar Elias. Provavelmente em 1209, Alberto, Patriarca de Jerusalém, dá-lhes uma forma de viver concreta, escrita (Regra), e reúne-os perto da fonte de Elias, sob a obediência dum certo B. (segundo se pensa seria Brocardo), que é assim, de facto, o primeiro superior da Ordem. (Lourenço, 2007)

Semelhantes a esse exemplo, ainda podemos citar as *Irmãs de Sião*, de origem europeia, mas que atuam em vários países, inclusive no Brasil. Em Sergipe esta presente em

muitas localidades. Fundada por Teodoro Ratisbonne, um judeu assimilado de Estrasburgo, França, e segundo o seu site oficial ‘a congregação foi fundada: para ser, na Igreja e no mundo, testemunha da fidelidade de Deus ao seu amor pelo povo judeu e para apressar o cumprimento das promessas referentes aos judeus e aos gentios’ (Sion, 2011). Poderíamos dizer que esta é uma instituição nos moldes das quais pretendemos aqui analisar, mas, com uma diferença: sua motivação que não partiu da teologia dispensacionalista, sim da visão de um fundador que permaneceu católico observando a liderança do Vaticano. Essa ruptura que transforma o capital simbólico em ‘novo’, significa que isso não ocorrerá dentro do pensamento dispensacionalista, pois ele manterá a identidade do capital simbólico em sua origem anterior.

Poderíamos nos ater a muitos outros e interessantes exemplos de apropriações desses capitais simbólicos. Entretanto, chama-nos a atenção o fato de que, diferente das novas apropriações, somente um observador treinado ou conhecedor de ambas as culturas conseguirá perceber que tal símbolo encontra lugar também em outra expressão de religiosidade. Ou seja, sua identidade anterior é apagada ou transformada.

Através da presente pesquisa pretendemos demonstrar que o Dispensacionalismo não toma esse rumo, uma vez que seus defensores promovem uma apropriação diferenciada, pelo fato de não buscarem a ressignificação com capital simbólico apropriado, onde Israel não somente é o histórico e espiritual dos relatos bíblicos, mas também o político e nacional moderno, seus símbolos continuam a ser judaicos e seus significados pautados no judaísmo.

#### **4.1.2 Povo Escolhido no Dispensacionalismo e seu Valor Simbólico**

A teologia da substituição, também conhecida como supersessionismo ou teologia aliancista, abraçada pelos protestantes históricos e pelos pentecostais, estabelece uma apropriação ainda mais forte, a identidade de “povo escolhido”, não mais vinculado ao povo judeu, e sim à igreja cristã como um todo. O rabino messiânico Marcelo Guimarães escreve sobre o tem e explica:

Para se ter uma ideia desta tragédia, até hoje esta teologia é pregada em quase todos os seminários evangélicos e quase todas as centenas e centenas de denominações. Em resumo simplório, ela diz: “D-us rejeitou Israel e seu povo. O qual entrou em maldição sendo espalhado pelo mundo, e a igreja de Jesus, nós os crentes, substituímos Israel e o povo de D-us. Somos o Israel espiritual e todas as promessas para Israel e seu povo são agora nossas de direito e de fato. Todas as promessas de Israel são para nós, a lei de Moisés é coisa de Judeu e não devemos nos preocupar com elas. ‘Em outras palavras,

as bênçãos são para a Igreja e as maldições são para Israel. (Guimarães, 2005, p. 50).

Segundo essa proposta teológica, as promessas feitas ao povo judeu foram transferidas para a igreja cristã, assim o caráter de ‘povo escolhido’ através da promessa feita ao patriarca Abraão, seria transferida à igreja cristã e com ela os direitos e promessas feitas por Deus a esse povo.

Em todos os casos até agora citados, observa-se que uma coisa em comum ocorre: a supressão dos vínculos anteriores ao apropriar-se do capital simbólico judeu no catolicismo e em alguns momentos do protestantismo, como no exemplo da teologia da substituição, faz com que a identidade judaica seja deixada de lado, não podendo perceber se esse ou aquele objeto tem sua origem anterior em outra prática religiosa. Essa apropriação se dá de forma que a ressignificação do capital simbólico busca favorecer unicamente sua nova agência de salvação.

O uso de *quipá*, *talit*, *mesuzá*, *menorá*, *shofar*, e etc. neste novo momento do fenômeno dentro do campo neopentecostal, não se dá da mesma forma. Isso ocorre porque os grupos religiosos que abraçam o dispensacionalismo não são supersessionistas, ou seja, não apagam a identidade de Israel. A revista “*Chamada da meia-noite*” explica: “Dispensacionalismo e a Teologia da Substituição não são compatíveis.” (...) “É extremamente importante entender por que a Teologia da Substituição é inadequada e por que o Dispensacionalismo fornece o ponto de vista correto” (Emmons, 2012, p. 14). Essa incompatibilidade demonstra que a apropriação praticada pelos neopentecostais, que abraçam o pensamento dispensacionalista, não poderá suprimir Israel ou apropriar-se de forma desconectada, pois, o referencial está também em sua identidade nacional.

#### **4.1.3 Literalidade e a Manutenção do Discurso**

Além do uso dos símbolos judaicos, uma das questões centrais da manutenção do Dispensacionalismo para o pensamento desse movimento teológico é, inquestionavelmente, a literalidade da palavra, pois, assim não poderia haver substituição de Israel pela Igreja. Conforme Ryrie, “Não é uma questão de sobreposição de um duplo propósito de Deus nas Escrituras, mas é uma questão de reconhecer que no Novo Testamento a palavra Israel não significa Igreja ou vice-versa.” (RYRIE, 2007, p.103, Tradução nossa).

Para que possamos continuar nossa análise faz-se necessário definir os principais fundamentos do pensamento dispensacionalista. Essas ideias construirão a estrutura para

identificarmos o discurso dispensacionalista e sua efetiva condição para legitimar a chamada judaização pelos protestantes históricos e pentecostais clássicos. Segundo Thomas Ice são três os fundamentos do dispensacionalismo: A interpretação literal; O propósito da história é a glória de Deus; Distinção entre Israel e a Igreja.

Em cada um dos supracitados fundamentos poderemos identificar a prática dispensacionalista. Sendo esses os principais itens de sua identificação sistematizada, procuraremos demonstrar nas literaturas produzidas pela ‘*Chamada da Meia-noite*’ e ‘*Word from Jerusalém*<sup>58</sup>’, apropriações que fazem uso dos pressupostos originados por esse pensamento teológico.

Outra questão importante que devemos aqui destacar se refere à ‘literalidade’ e ‘circularidade’, como anteriormente citado. O movimento de interferência do erudito no popular, e inversamente, pode ser compreendido como circularidade. A ideia apresentada por Bakhtin, que pode ser percebida no movimento Dispensacionalista desde sua sistematização, diz respeito à ‘influência recíproca’ conforme ensina Ginzburg. (GINZBURG, 1987, p.13).

O popular é influenciado pela teologia dispensacionalista, trazendo fundamentação para as apropriações sem o conhecimento erudito do Judaísmo ou Teológico e, desta forma, essa troca de influências se materializa de forma prática.

Formulado por leigos, mormente por estudiosos que não tinha uma formação teológica, a proposta Dispensacionalista recebeu em sua concepção grande oposição erudita. Um dos aspectos dessa objeção está na literalidade interpretativa das escrituras: defesa clara do texto como ele é lido, não cabendo ao autor o uso da figuração para definir a ideia, mas, a partir desta escrita, conceber o real quadro da sua proposta teológica. Mesmo com esse desafio, a ideia promovida por dois não teólogos, Darby e Scofiel, foi avaliada e assimilada por acadêmicos, sofrendo efeitos da erudição e retornando para ser aplicada.

Nas circunstâncias em que o popular foi influenciado pelo erudito e sua reação mudou as concepções da erudição, mesmo Darby e Scofiel mostrando-se como estudiosos, dedicados e minuciosos, havia sempre reações contrárias a eles por não serem teólogos de formação, qualificando-os como leigos apesar de suas discussões terem sido elevadas aos patamares acadêmicos e acomodadas por teólogos de formação que construíram e estruturaram esse pensamento teológico.

Ao sistematizar a teologia Dispensacionalista, Darby apresentou uma proposta de manutenção da ideia bíblica como ela é. Talvez tal postura se deu mediante a percepção dos

---

<sup>58</sup> Word from Jerusalém é uma revista publicada em língua inglesa pela embaixada cristã internacional em Jerusalém, distribuída em material impresso e eletrônico desde 2004, pela ICEJ.

efeitos da secularização sobre a religião e que essas influências poderiam destruir a forma cristã de construção de mundo. Uma proposta parecida com o ‘muro da Lei’.

Ele foi levantado no judaísmo rabínico para separar os judeus praticantes de um meio ambiente profano. Foi este muro que tornou possível a sobrevivência da comunidade judaica numa sociedade cristã ou islâmica bastante hostil. Pode-se dizer também o seguinte: o “muro da lei” protegeu do pluralismo as pessoas que ali dentro viviam. (Berger & Luckmann, *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*, 2004, p. 49).

Segundo Beger e Luckman esse muro seria uma ferramenta para proteger o grupo do pluralismo, como afirma Havey Cox: “pluralismo e a tolerância são filhos da secularização” (Cox, 2015, p. 35). Essa secularização é apresentada através da proposta da não-literalidade da palavra ou liberalismo, que traria uma possibilidade de novas interpretações e facilitação do entendimento de trechos polêmicos. Mesmo dentro do pensamento religioso, a nova proposta é encarada como uma forma de secularização, o que Luckmann chama de ‘secularização de dentro’, como uma transformação interna que provoca mudança na proposta de sentido. O liberalismo, ou a defesa da narrativa bíblica não literal, é um desses esforços teológicos para manter legítimo a narrativa bíblica, já que utiliza de pressupostos científicos buscando respaldá-la o que, para os dispensacionalista, é percebido como um erro.

Uma das formas de trabalhar o avanço da crise de sentidos provocada pela proposta da ‘não literalidade bíblica’ é apresentada pelo Dispensacionalismo e diz respeito a manter o caráter mágico da narrativa bíblica é manter sua postura de ‘revelação divina’ que teria, dentro desse pensamento, o caráter inerrável. Para estudar essa proposta, analisamos dois periódicos, sendo um publicado no Brasil e outro em Israel.

#### **4.1.4 A Chamada ao Dispensacionalismo**

A Revista ‘Chamada da Meia-Noite’ (CMN) é publicada no Brasil e nos idiomas espanhol, inglês, alemão, italiano, holandês, francês, coreano, húngaro e cingalês, com tiragem que supera a casa das 9.000 impressões somente em assinaturas. Produzida na cidade de Porto Alegre, sua impressão é colorida em tamanho padrão, com boa qualidade gráfica, como também da arte-final, cuja periodicidade é mensal. Tem como editor responsável Ingo Haake, diretor e editor pela Chamada da Meia-noite que conta com gráfica própria.

A CMN conta com conselho diretor composto por quatro integrantes, Ingo Haake, Dieter Steiger, Markus Steiger, Reinaldo Federolf. Além do conselho, fazem parte da revista

Julia Wiesinger e Robeto Reinke, responsáveis pelo layout. Sua sede está instalada em Porto Alegre, na rua Erechim 978, no bairro de Nonoai, Rio Grande do Sul. Além do periódico impresso, a CMN dispõe de um endereço eletrônico o [www.chamada.com.br](http://www.chamada.com.br).

Os artigos assinados e publicados pela CMN não são de pessoas diretamente vinculadas a revista. Grande parte dos autores são independentes e, segundo a própria revista, sua missão é: Chamar pessoas a Cristo em todos os lugares; Proclamar a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo; Preparar cristãos para Sua segunda vinda; Manter a fé e advertir a respeito de falsas doutrinas.

Com aproximadamente 24 páginas, a revista está dividida em no mínimo quatro seções, além da farta quantidade de propagandas de livros, e títulos voltados para vários temas sobre a experiência dispensacionalista. Para ilustração, seguem alguns desses títulos:

Livro – As Afirmações Impressionantes da Profecia Bíblica (Mark Hitchcock);  
 Livro – Quando a Trombeta Soar (Diversos autores);  
 Livro – Linguagem Simbólica do Apocalipse (H. Rossier);  
 Livro – Estudos sobre os Livros de Esdras e Neemias (William Kelly)  
 Livro – O dia do Juízo (Dave Hunt);  
 Livro – Os Fatos Sobre o Islã (Ankerberg/Weldon/Burroughs);  
 Livro – Jesus no Antigo Testamento (Meno Kalisher);  
 Livro – Quem é o Anticristo? (Mark Hitchcock);  
 Livro – Procurando e Encontrando Deus (Dave Hunt);  
 Livro – Profecias de A a Z (Thomas Ice/ Timoty Demy);  
 Livro – A igreja Sem Israel (Reinhold Federolf);  
 Livro – Ecumenismo – O retorno a Babel (Michael Urban);  
 Livro – O Livro dos Dons – 2ª Edição ampliada (Meno Kalisher);  
 Livro – Por que justamente Israel (Norbert Lieth);  
 Livro – Alvo Israel (Tim Lahave/ Ed Hindson);  
 Livro – O Incomparável Amor de Deus (Ernesto Kraft);  
 Livro – Salmos Messiânicos (Norbert Lieth);  
 Livro – Reino Messiânico, As Nações Israel e a Igreja (Dirceu F. de Almeida).

Entre os títulos aqui exemplificados, os mais recorrentes são os de cunho escatológico, evangelismo, com temas voltados para Israel, tais como festas, tradições e profecias, a volta de Jesus e o arrebatamento.

Mais de 50 autores diferentes foram identificados no período de 2012 a 2014 como colaboradores nas 36 edições pesquisadas, com aproximadamente 200 artigos publicados. Nesse período, 11% foram escritos pelo mesmo autor, Norbert Lieth, um dos diretores internacionais da CMN, outros 6,5% por Thomas Ice, Diretor Executivo do *Pre-Trib Research Center* e também editor da Bíblia de Estudos Profética. Outro autor com mais de

6% de participação é Thomas Simcox, o coordenador de treinamento de ministérios eclesiais de *The Friends of Israel*.

Ainda no espaço de divulgações promovido pela revista, existem registros de viagens à 'Terra Santa' e congressos encabeçados pela CMN em cidades alternadas, chamado: Noite de Israel, e o Congresso Profético anual em Águas de Lindoia.

A revista conta com um Editorial chamado: 'Prezados Amigos' que é seguido regularmente do texto tema da revista mensal e, logo depois, seguem mais três ou cinco seções com artigos, sempre com uma numeração específica. Há ainda um texto que pode ser uma entrevista ou análise de fatos da contemporaneidade com o título: 'Nosso Campo Visual', e finaliza com a seção 'Aconselhamento Bíblico'.

Buscaremos apresentar, através da análise dessa publicação, observações a cerca da presença do Dispensacionalismo com suas influências, mesmo que superficialmente, assim como dos vetores que associam a publicação ao pensamento dispensacionalista através dos textos e posições apresentadas.

## 4.2 Fundametalismo Literal

Como a teologia dispensacionalista não ocupou o lugar de destaque pretendido, os grupos que a defendem buscam legitimar seu ponto de vista mediante uso dessas ferramentas de conhecimento. Essa 'minoría cognitiva' trabalha para que sua proposta de mundo não seja apagada. (BERGER, 1997).

A não literalidade da palavra ou o método histórico-crítico é abraçado muitos antes das construções modernas do chamado Fundamentalismo:

Essas idéias passaram a ser defendidas pelos teólogos conservadores até que entre 1909 e 1915 foi publicada uma série de volumes com o título *The Fundamentals: A Testimony to the Truth* (Os Fundamentos: O Testemunho da Verdade). (Panasiewicz, 2008, p. 5).

Essa postura, que toma corpo dentro do campo teológico, apresentava uma leitura crítica dos textos bíblicos e a tentativa de racionalizá-los. Graças ao efeito da modernidade que trazia um 'desencantamento' do mundo. (PIERUCCI, 1997).

Este, aliás, é um dos pontos de que Weber tratou explicitamente em seu ensaio "A ciência como vocação", na famosa passagem em que fala do destino do nosso tempo. Agora na realidade tudo pode ser explicado e compreendido pela ciência. O destino do nosso tempo é caracterizado pela racionalização e pela intelectualização e, acima de tudo, pelo

‘desencantamento do mundo’. Precisamente os valores últimos e mais sublimes se retiraram da vida pública e se refugiaram ou no reino transcendente da vida mística ou na fraternidade das relações humanas diretas e pessoais. [...] Nada há de accidental no fato de que, hoje em dia, só nos círculos mais pequenos e íntimos, nas situações humanas pessoais, em pianíssimo [como Weber gostava de metáforas musicais!], é que pulsa algo que corresponde ao pneuma profético que nos tempos passados abrasava grandes comunidades e as mantinha coesas. (WEBER, 1922 apud PIERUCCI, 1997, p.113).

Conhecida como liberalismo ou teologia liberal, esse pensamento teológico é o maior inimigo do dispensacionalismo, pois: “esse método histórico-crítico procura ler as narrativas sagradas buscando saber se os fatos narrados realmente aconteceram da forma como estão narrados.” (Panasiewicz, 2008).

A compreensão Dispensacionalista rejeita essa avaliação por entender as Sagradas Escrituras como sendo a pura expressão da verdade e assim, não aceitando efeitos da modernidade sobre a narrativa bíblica e sua secularização. “Ante a modernidade, o fundamentalismo apresenta-se como via de “mão dupla”. De um lado, ele é resultado desta modernidade crítica, secularizada, individualizante e pluralizada. De outro lado, é uma reação à modernidade ocidental, liberal e tecnocrática.” (Panasiewicz, 2008, p. 2).

Surgido em 1830 o dispensacionalismo estava, em suas bases, apresentando traços do que seria consolidado e compreendido dentro do protestantismo como fundamentalismo, que hoje ganhou uma conotação bem mais ampla. No entanto, vale ressaltar suas características e compreender influências que simplesmente emergem e submergem graças aos efeitos da modernidade e a secularização.

### **4.3 Uma Chamada Literal**

Em artigo publicado na edição número 07, de Julho de 2012, a revista *Chamada da Meia-Noite* aborda um desses fundamentos com o título: ‘Literal ou Não-Literal? Eis a questão.’ Artigo assinado por Douglas Bookman, Professor de Exposição do Novo Testamento no Seminário Teológico Shepherds em Cary, C. Norte, EUA, ele traz à luz a discussão sobre um dos temas fundamentais do Dispensacionalismo e busca amparar sua defesa. Bookman diz:

Durante várias décadas, tem sido moda em muitos grupos insistir que os primeiros capítulos de Gênesis, que descrevem a criação do mundo, não devem ser considerados um registro literal da história verdadeira. A afirmação é que fatos são mais bem entendidos como representações alegóricas de grandiosas realidades metafísicas – fábulas inventadas

habilmente que podem ser exploradas em nome da verdade espiritual, mas que não são historicamente viáveis. (Bookman, 2012, p. 7).

Apoiando-se no pensamento literal, Bookman sai em defesa da teologia dispensacionalista e a compreensão de que o fato não somente é literal, pois contem argumentos para o processo se efetivar tal como foi escrito. E afirma: “O livro é uma instrução clara e absolutamente verdadeira a respeito da origem de tudo o que existe no universo físico e moral.” (BOOKMAN, 2012, p.8).

A proposta de não literalidade bíblica viabiliza o discurso religioso, mas enfraquece uma das suas ferramentas, o sobrenatural. Quanto mais natural, explicável e racional, menos possível de ter sua manutenção mágica validada. O que o dispensacionalismo procura desenvolver é a manutenção do caráter mágico da religião e assim sua capacidade de sustentar os mundos por ela construídos.

Sua oposição a esse pensamento não-literal, que promove o enfraquecimento do caráter magico, é demonstrado quando apresenta uma antítese a seu próprio pensamento no texto. Citando outro teólogo, John Gibson, autor de um comentário sobre o livro do Gênesis, produzido em 1981 pela *The Sant Andrews Press*, que diz ‘recuperar algo da reputação da Bíblia em nossa era científica’<sup>59</sup>, pensamento que para Bookman não tem nenhum fundamento, explicando que a abordagem ‘não-literal’ daria margem para “o texto passar a ser flexível e poder ser torcido nesse ou naquele formato, dependendo das predileções daquele que o está moldando”. (BOOKMAN, 2012, p.8).

Na edição número 10, sob o título ‘A singularidade da palavra de Deus’, de autoria de David M. Levy, diretor dos ministérios internacionais de *The Friends of Israel*, o tema literalidade bíblica volta a ser abordado de forma direta - não que em outros momentos isso não ocorra -, mesmo porque essa é uma das três teologias fundantes do pensamento dispensacionalistas que a revista defende. Segundo Levy:

Os livros do Antigo testamento foram canonizados no decorrer da história de Israel e divididos em três seções: o Pentateuco (os cinco livros de Moisés), os profetas, e os Escritos. Jesus aceitou essas três divisões e os livros nelas contidos como palavra de Deus (Lc 24.44<sup>60</sup>); e ele ensinou a autoridade, confiabilidade, a unidade, a clareza, a suficiência, a historicidade, a inspiração, a revelação, a inerrância, a infalibilidade, e a indestrutibilidade do Antigo Testamento (Levy, 2012, p. 13).

---

<sup>59</sup> John C. L. Gibson, Genesis (Edinburgh: The Saint Andrews Press, 1981). 1:55

<sup>60</sup> E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos. Lucas 24:44

Não se faz necessário um longo esforço semântico para compreender que a Bíblia, segundo o texto de Levy, é literalmente o que ela afirma ser, ou seja, nada expressa para esses autores a possibilidade de uma não-literalidade da palavra. A preocupação com a manutenção de mundo e o seu significado estão associadas para legitimar o discurso em algo que, para eles, não tem qualquer indício de dúvida.

Ainda sobre o tema literalidade, defendido pelos dispensacionalistas, na edição de agosto de 2012, no artigo “Como entender corretamente os textos proféticos da Bíblia?” Wolfgang Nestvogel, Pastor da Igreja Evangélica Professante de Hannover - Alemanha conclui afirmando que:

Por isso, sempre vale a pena batalhar pelo literalismo bíblico, inclusive quando a questão é Israel. O que está em jogo não é nada mais, nada menos que a fidelidade das promessas de Deus, que não deixará ao léu a menina dos Seus olhos. (Nestvogel, 2012, p. 19).

Alguns dos opositores do dispensacionalismo se contrapõem apresentando seus argumentos dentro do campo do neopentecostalismo brasileiro. Os grupos que abraçam o pensamento dispensacionalista ainda são relativamente pequenos, se compararmos aos protestantes históricos, pentecostais clássicos, deuteropentecostais e os neopentecostais. Os que abraçam esse pensamento tornam-se minoria. Sem contar a Igreja Universal do Reino de Deus, que já abordamos aqui, outros ministérios são optantes pelo dispensacionalismo, em especial, as igrejas em Células no Modelo dos 12 ou, como comumente são conhecidas, ‘igrejas do M12BRASIL’.

Observando os dados estatísticos fornecidos pelo IBGE, podemos compreender que dos 13,3% registrados no censo 2010, um percentual encontra-se dentro deste grupo de optantes pelas apropriações de capitais simbólicos judaicos, entendendo que existem igrejas que são neopentecostais contrárias ao dispensacionalismo, ou seja, os novos dispensacionistas são provavelmente uma minoria. Sobre isso, Berger nos lembra:

A situação de uma minoria cognitiva é sempre uma situação desconfortável – não necessariamente por ser a maioria representativa intolerante, mas simplesmente porque ela se recusa a aceitar as definições da realidade dadas pela minoria como se fossem “conhecimento”. Na melhor das hipóteses, um ponto de vista da minoria é forçado a ser defensivo. Na pior das hipóteses, deixa de ser plausível a qualquer um. (Berger, Rumor de Anjos, 1997, p. 28).

Deste modo, a literalidade é uma ferramenta de manutenção do conhecimento defendida de forma enfática. Em levantamento sobre o assunto, nas edições de 2012 foram

identificados temas semelhantes aos aqui já citados, sendo um a cada três edições, sempre com o assunto: ‘singularidade da palavra’, como ‘entender corretamente os textos proféticos da bíblia?’ e ‘respondendo aos altos críticos’. Todos são textos em que a literalidade da palavra é evocada e defendida a todo custo. Apresentaremos a seguir uma listagem contendo alguns dos títulos e edições onde a defesa da narrativa é sobressaltada nos discursos.

<b>Chamada da Meia-Noite Edição 2012</b>			
<b>Autor</b>	<b>Edição</b>	<b>Pag.</b>	<b>Título</b>
Douglas Bookman	07	07	Literal ou Não-Literal? Eis a Questão
Alexander Seibel	08	05	Profecia Bíblica – Importante ou Secundária
Marcel Malgo	08	09	Milagres ou Palavra de Deus
David M. Levy	10	13	Singularidade da Palavra de Deus
Michael D. Stallard	11	11	Respondendo aos Altos Críticos
<b>Chamada da Meia-Noite Edição 2013</b>			
<b>Autor</b>	<b>Edição</b>	<b>Pag.</b>	<b>Título</b>
Johannes Pflaum	04	21	Zacarias o problema da interpretação “espiritual”
Richard D. Emmons	05	05	Usando os Óculos de Deus
Win Malgo	08	14	O Futuro Nacional e o Futuro Espiritual
James A. Showers	10	05	Apostasia
Peter Colón	12	12	A Septuaginta: Primeira das Traduções da Bíblia
<b>Chamada da Meia-Noite Edição 2014</b>			
<b>Autor</b>	<b>Edição</b>	<b>Pag.</b>	<b>Título</b>
Thomas Ice	02	15	Os Apócrifos
Paul M. Henebury	03	17	Deus enganou seus profetas?
William L. Krewson	05	05	Batalha pela Fé
Tim Lahaye	06	05	Batalhando pela Fé Nos Últimos dias I a VII
T.A. McMahon	09	05	A Bíblia de acordo com Hollywood I a II

Aqui prevalece a ideia de compor uma narrativa que não necessita de muitas articulações ou, em outras palavras, que não traz consigo a necessidade de explicações científicas para se manter de pé. Desta forma, a literalidade bíblica é evocada nos artigos publicados na CMN.

FIGURA 2 - Capa da Revista Chamada da Meia-Noite (06/2013) – Em sua capa o título vem tratando sobre dois temas bíblicos, apesar do nome cristão ao contrario de apresentar uma Bíblia ou outro símbolo mais próximo do cristianismo a figura escolhida foi um rolo da Torá, forma judaica utilizada até hoje nas sinagogas para leitura de textos sagrados em reuniões.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 3 - Propaganda de Viagem a Israel – Com fotografias dos momentos das últimas viagens o símbolo principal é um candelabro de sete braços um dos principais símbolos do judaísmo e fotos de Jerusalém.

Fonte: Acervo Pessoal do autor.

FIGURA 4 – Reportagem com temas da atualidade como Irã e seu programa Nuclear.

## ELÃO E O PROGRAMA NUCLEAR

A COMUNIDADE INTERNACIONAL ESTÁ PREOCUPADA COM O PROGRAMA NUCLEAR IRANIANO E AS VOZES CONTRÁRIAS TÊM SE TORNADO MAIS AUDÍVEIS. ESTARIA EM ANDAMENTO ALGO QUE A BÍBLIA JÁ PREDISSE NO TEMPO DE JEREMIAS?

Não é só Israel que tem medo do Irã. As nações árabes igualmente temem o possível poderio nuclear iraniano. A maioria dos principais países da ONU também vê com desconfiança o comportamento descarado do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad. Ele poderia reagir de forma imprevisível e tornar-se ainda mais ousado; o que colocaria o mundo todo em perigo. Já se fala em uma "emergência no Irã" ou de uma "visão apocalíptica".

Claus Christian Malzahn escreveu em *Welt Online*: "Quando Mahmoud Ahmadinejad, o chefe de Estado iraniano, fala de Israel, não consegue conter suas muitas ameaças sombrias. Ele fala do "regime que mantém Jerusalém ocupada", que "precisa ser erradicado dos anais da História". Israel seria uma "árvore podre, ressecada", uma excrescência que se alastra pelo Mediterrâneo como "bactérias nojentas" e que escolheia "como um animal selvagem". Ahmadinejad quase não pronuncia o nome desse país que considera a encarnação do mal – como se a simples menção da palavra "Israel" já representasse um sacrilégio".[1]

**Os fatos concretos**

Fato é que as nações têm preocupação crescente com o programa atômico do Irã. Essa é a razão da convergência de suas posturas e de suas ações mais duras em relação à antiga Pérsia. Primeiro foram os EUA, o Canadá e a Grã-Bretanha que impuseram sanções ao setores de petróleo e finanças do

O PRESIDENTE IRANIANO INSPECIONA AS INSTALAÇÕES NUCLEARES EM NATANZ.

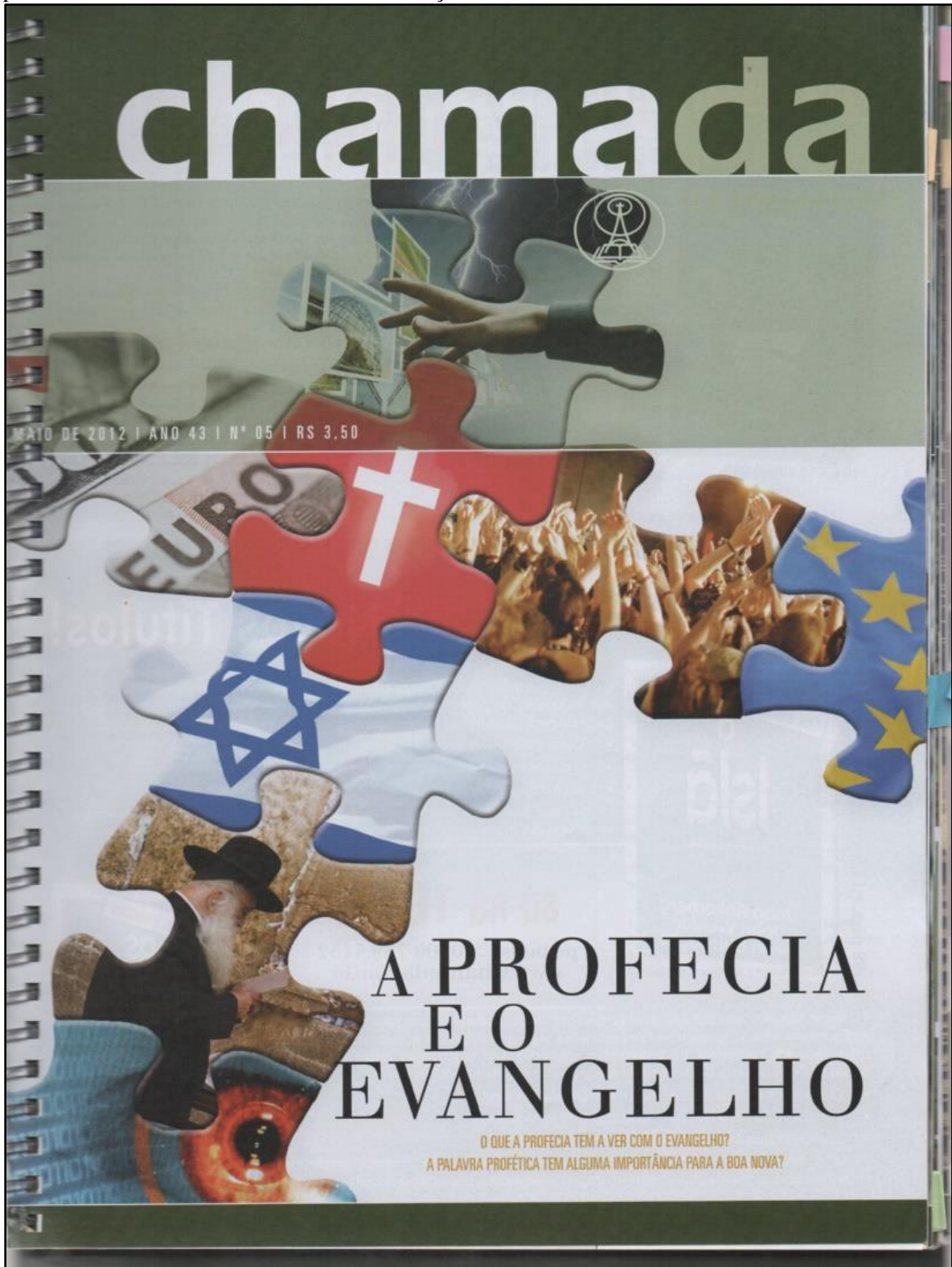
Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 5 – O Grande engano do Anti-ssemitismo. Tema voltado ao povo judeu posicionamento sionista da revista, mais um vínculo com o pensamento dispensacionalista.



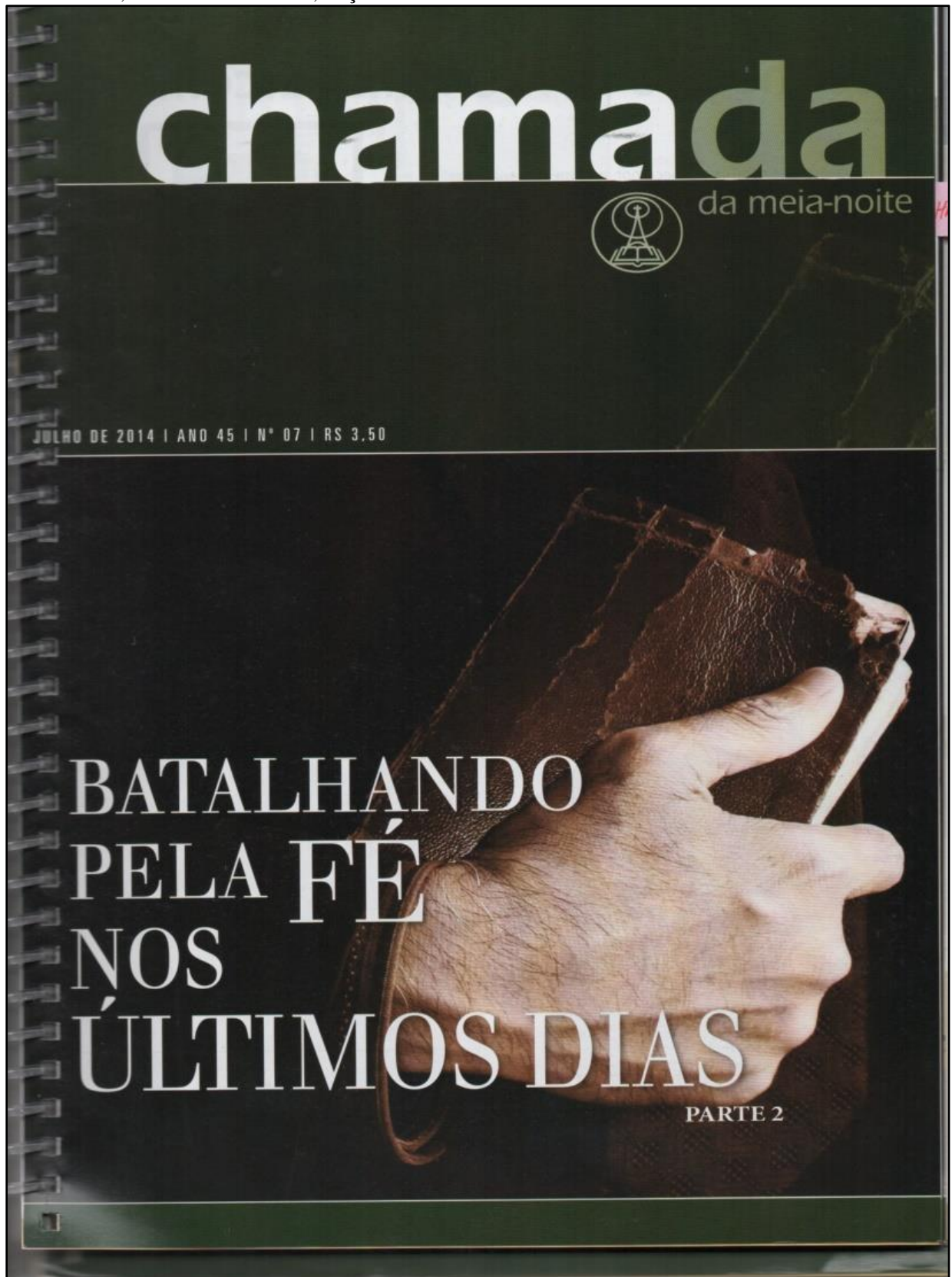
Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 6 – Capa da Revista edição de maio de 2012, relação história e as administrações divinas através das imagens e nessa relação os dois temas principais Israel e a Igreja. Que aparece ao centro representada pela cruz e Israel logo abaixo representada pela bandeira do Estado judeu e por uma figura provavelmente em rezas no muro das lamentações.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 7 – Capa da Revista edição de julho de 2014, O apelo é pela manutenção da palavra com fundamentos, a literal defesa da fé, traços do fundamentalismo da CMN.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 8 – Interior da Revista CMN, propaganda e ofertas de livros na figura livros que valorizam o capital simbólico da religiosidade judaica: O tabernáculo o lugar onde se encontra a maioria dos símbolos apropriados, o segundo uma crítica a teologia da substituição, o terceiro o código profético faz abordagens a números e datas com influência na história bíblica e o ultimo sobre o fim dos tempos ou o prenuncio a chegada da última dispensação.

Confira as nossas novidades!



**O Tabernáculo**  
Um Novo Encontro Com Deus

Ernst Kraft

13,5 x 19,5 cm • 112 págs.



**A TEOLOGIA DA Substituição**  
O FUTURO DE ISRAEL É COISA DO PASSADO?

NORBERT LIETH  
JOHANNES PFLAUM

13,5 x 19,5 cm • xx págs.

*"Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus" (Apocalipse 21.3).*

O leitor é convidado para um interessante *tour* através do santuário, que foi projetado por Deus para receber a adoração do Seu povo. A riqueza de detalhes mostra o cuidado que envolvia o culto a Deus YAHWEH, as ofertas e sacrifícios trazidos ao Templo e o cerimonial a ser observado, bem como as dificuldades enfrentadas pelos adoradores para cumprir a Lei.

**POR APENAS:**  
**R\$ 12,<sup>50</sup>**

O futuro de Israel é coisa do passado? Se acreditarmos em certos teólogos, precisamos responder afirmativamente à esta pergunta. Parece que, cada vez mais, há cristãos aderindo à chamada Teoria da Substituição

Os dois Docentes de ensino bíblico – Johannes Pflaum e Norbert Lieth – apresentam de maneira convincente, que a Bíblia não ensina a substituição de Israel pela Igreja a despeito de todos os conceitos teológicos.

**A PARTIR DE:**  
**R\$ 7,<sup>90</sup>**

COMPRE A TABELA DE DESCONTOS

Tabela de descontos		
Quantidade	Preço por cento	Desconto
1	7,90	-
2-5	5,92	25%
6-10	4,74	40%
11-50	3,55	55%
51-100	2,76	65%



**O CÓDIGO PROFÉTICO**

Mensagem de Reinhold Federoll

2014 • NTSC • DVD-R • Português • Duração aprox.: 67 minutos

Certos números e prazos específicos de tempo aparecem repetidas vezes na Bíblia. Entendendo e encaixando-os na revelação divina, conseguiremos entender o quebra-cabeças do cenário de futuro traçado pela Palavra de Deus e quebraremos o código profético, descortinando todo panorama à nossa frente.

Muitas interpretações da profecia bíblica estão condenadas ao fracasso, porque abrem mão da literalidade do que está escrito e desprezam o papel de Israel nos planos de Deus. A palestra deste DVD será uma boa ajuda para entender o que significam os tempos, tempo e metade de um tempo, três anos e meio ou os 42 meses que aparecem diversas vezes nas Sagradas Escrituras.

**POR APENAS:**  
**R\$ 9,<sup>90</sup>**

Mensagem realizada no 3º Congresso Profético Regional - Florianópolis/SC, em agosto de 2013.



**ENCORAJAMENTOS PARA A RETO FINAL**

Ernesto Kraft

2014 • NTSC • DVD-R • Português • Duração aprox.: 51 minutos

Vivemos na última etapa dos tempos finais. A Igreja, Israel e nós, pessoalmente, passamos por dias difíceis. Está escrito em 2 Timóteo 3.1: "Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis".

Os desafios pessoais aumentam e batem na nossa vida como ondas. Adversidades e aflições inundam o nosso barco. Nada, no entanto, pode deter Deus de cumprir a Sua Palavra.

**POR APENAS:**  
**R\$ 9,<sup>90</sup>**

Mensagem realizada no 3º Congresso Profético Regional - Florianópolis/SC, em agosto de 2013.

pedidos: ☎ 0500 789.5152 • www.chamada.com.br

Fonte: Acervo pessoal do autor.

#### 4.4. A História Através do Dispensacionalismo da Chamada da Meia-Noite

A História para os dispensacionalistas tem um propósito: a Glória de Deus, ou seja, diante das dispensações a ação divina está estabelecida desde o começo dos tempos e, a cada período, Deus tem estabelecido sua vontade sobre a vida dos homens. Para cada uma dessas periodizações deu-se o nome de dispensação. Assim, tudo que acontece nesses intervalos temporais é uma ação dirigida.

É através dessas observações que a revista “*Chamada da Meia-Noite*” apresenta, em alguns dos seus artigos, que entre os assuntos de maior incidência, estão aqueles que sinalizam a ideia de uma intervenção divina na história e em cujas citações sobre o ressurgimento do Estado de Israel são uma constante:

No final de abril o estado de Israel celebrou seu 64º aniversário desde a fundação em 1948. A existência desse Estado tem algum significado teológico relevante para nós? Ou é apenas um fato político “normal” sem relação direta com a história da salvação divina e com nosso entendimento bíblico? Essas duas posições diferentes são defendidas por cristãos que se consideram fiéis à Bíblia. (Nestvogel, 2012, p. 19).

Ainda a cerca da supracitada colocação, é possível observar que em outro artigo da revista comenta-se:

A profecia do messias se cumpriu há quase 2000 anos, mas também em nossa época há profecias cumpridas. Vamos nos voltar agora para o profeta Ezequiel, que descreveu a dispersão e o retorno do povo judeu à terra de Israel. Segue aqui uma citação registrada quase 600 anos antes de Cristo: ‘Sim tirá-las-ei para fora dos povos, e as congregarei dos países, e as introduzirei na sua terra, e as apresentarei sobre os montes de Israel, junto às correntes d’água, e em todos os lugares habitados da terra.’ (Ez 34.13). Note que a terra é explicitamente descrita como Israel. Por mais de 2000 anos o cumprimento dessa profecia não estava em vista. Os judeus estavam espalhados por todos os povos do mundo, e o retorno à terra de Israel era absolutamente impossível. (Froese, 2012, p. 5).

As revistas apresentam o surgimento do Israel Nacional como uma comprovação clara da intervenção divina na história da humanidade, e que essa história estaria respondendo às suas orquestrações como se em cada uma das dispensações já experimentadas pela humanidade, estaria experimentando a sexta dispensação (aliança da graça), desta forma, a história movia-se para o final dispensacionalista com a instituição da aliança do milênio, ou sétima e última dipensação.

Com o mesmo prisma, a revista aborda fatos da atualidade de Israel e do Mundo e busca apresentar o controle divino sobre cada um desses acontecimentos. Ainda em 2012, a edição de abril trouxe à baila a discussão sobre as negociações para a continuidade do programa nuclear do Irã e a suspensão de sanções contra aquele país.

Em voga às implicações sobre uma possível corrida armamentista da República Islâmica e seus aliados, a CMN apresentou no título um outro nome para o Irã. O artigo publicado o chamou de *Elão*, buscando com isso apresentar que o princípio dispensacionalista de controle histórico repousa nas administrações divinas. A cerca disso a revista diz:

A situação atual lembra muito uma profecia de Jeremias acerca de Elão. Elão ficava no sudoeste do Irã – provavelmente na região onde hoje são produzidos mísseis nucleares. A capital de Elão era Susã (Dn 8.2), local onde na época foi decidida matança dos judeus por Harã e Assuero. Hoje o presidente iraniano não faz segredos de seus planos de aniquilar Israel com seu arsenal atômico. (Lieth, 2012, p. 19)

Para a CMN o destino do Irã está selado pela profecia e nada do que pretende, segundo as declarações do presidente Ahmadinejad, contra Israel se concluirá. Na profecia do profeta Jeremias apresentada pelo autor, segundo sua interpretação, Deus vai ‘mudar a sorte de Elão/Irã’ e seu ‘arco será quebrado’ e para tanto usará os ‘quatro ventos’. Na concepção do autor, para defender Israel a comunidade internacional irá contra o Irã e uma grande onda de refugiados será vista nesta região. O acordo nuclear com o Irã já foi assinado e as sanções tendem a ser retiradas.

Ainda conforme a revista, existe uma ‘linha vermelha’ que o governo dos EUA e Israel não permitirão que o Irã ultrapasse. Para embasar tal interpretação, é citado um artigo publicado na Revista *Word From Jerusalem* da ICEJ em 2011, periódico do qual falaremos a seguir.

Os assuntos tratados são religiosos, mas também políticos. Assim, são tratadas questões como os avanços do Islã e os conflitos entre as duas culturas, mediante a ótica de uma revista que poderíamos qualificar como fundamentalista, talvez não na proposta violenta, mas na radicalidade do discurso. Entendendo que “o termo fundamentalismo tem perpassado a reflexão de distintos pensadores nas últimas décadas. Sua utilização tem servido para justificar atitudes religiosas fanáticas, um retorno à sociedade pré-moderna ou mesmo práticas violentas.” (Panasiewicz, 2008, p. 1).

A CMN faz duras críticas à religiosidade Islâmica e, de certa forma a demoniza. Outro aspecto importante é que a maioria dos autores dos textos que chamamos ‘livres’ apresentam

seus escritos comentando situações políticas e sociais norte-americanas. Um bom exemplo está no título *Allahu Akbar* – O significado do lema Islamita. O texto se desenvolve após uma declaração do senador estadunidense Jonh McCain, que compara, segundo o artigo, o grito de fé islâmico com o “graças a Deus” dito pelos cristãos.

No texto escrito em duas páginas, Lorna Simcox, editora chefe de *The Friends of Israel*, chega a qualificar a comparação como uma ação “ridícula ou idiota”. Fazendo uso de um versículo bíblico do livro de provérbios, a autora apresenta relatos de atrocidades realizadas em que o grito de “Alá é grande” foi ouvido desde as torres gêmeas até um estrupo coletivo praticado no Egito:

Homens muçulmanos...as atacaram selvagememente, arrancaram as roupas delas e a gangue toda tentou estuprá-las. Durante todo o tempo, as mulheres gritavam de terror enquanto que os homens gritavam ‘Allahu Akbar’, ...bem como cantavam a shehada, ou seja a profissão de fé islâmica: la ilaha illa Allah (Não há deus senão Alá, e Maomé é o profeta de Alá) . Nenhum dos transeuntes interveio de forma alguma. (Simcox, 2014).

Em outro texto sobre as questões da atualidade, o foco foi o presidente da Turquia Recep Tayyip Erdogan. Segundo o autor, Timon Dias colunista da *De Dagelijkse Standaard*, através de sua teologia islâmica Edorgan pretende perpetuar-se no poder o que, conforme o autor vem sendo sinalizado para o mundo. Timon conclui:

As visões de Erdogan não deveriam surpreender a ninguém. Ele foi um aprendiz de Necmettin Erbakan, o pai fundador do que é basicamente a Fraternidade Muçulmana turca, conhecida como *Milli Görüs*. O que é surpreendente, todavia, é que tantos políticos ocidentais, inclusive os mais alinhados com a União Europeia, aparentemente ainda ignoram as consequências que podem se geradas a partir de tal ideologia. (Dias, 2014, p. 18).

Apesar das circunstâncias sociais, a comunidade europeia requereu que os militares, única ala secularizada na esfera de poder na Turquia, fossem desligados do controle nacional. Ainda segundo o citado autor, Edorgan tem feito declarações nas quais explicita entender e garantir total supremacia do poder islâmico sobre o futuro do seu país.

Os textos livres são apresentados com vários temas e suas discussões giram normalmente em torno de assuntos da atualidade e problemas sociais internacionais como, por exemplo, a crise dos refugiados e, em especial, o ‘apocalipse do cristianismo iraquiano’ do autor Johannes Gerloff do ‘*israelnetz.de*’: site na internet com notícias sobre o cotidiano de Israel com publicações em Russo e Alemão. Além do endereço digital existe também uma

publicação em revista: *Israel Netz Magazin*, a qual apresenta que as causas das perseguições contra os cristãos são pautadas no Corão, livro sagrado do islamismo. Johannes diz:

O Estado Islâmico baseia todas essas medidas no Corão (sura 9, verso 29), que leva o título de ‘O Arrependimento’. Ali está escrito acerca dos cristãos e dos judeus: “Dos adeptos do livro, combatei os que não creem em Deus (Alá) nem no último dia e não proibem o que Deus (Alá) e seu mensageiro (Maomé) proibiram e não seguem a verdadeira religião – até que paguem humilhados, o tributo”. O xeique Hussein Bin Mahmud, proeminente autor nos fóruns jihadistas na internet, opina a respeito: “Esse é um claro texto divino. Todo aquele que lê o Corão vê isso”. A humilhação que envolve o status de Dhimmi<sup>61</sup> é tributada à incredulidade dos próprios cristãos, segundo explica Bin Mahmud: “Como infiéis, eles são indignos e desprezíveis e devem ser tratados como tais” (Gerloff, 2014, p. 16).

Além dos assuntos e temáticas já mencionadas, vale ressaltar que Os ataques em textos livres também são direcionados ao Catolicismo Romano e ao próprio protestantismo pós-moderno. Assim, a bandeira dispensacionalista fundamenta o pensamento de várias igrejas neopentecostais com princípios de fundamentalismo claros e pertinentes aos vários postulados defendidos pela CMN, sendo que grande maioria deles são traços dessa posição.

O Fundamentalismo teológico é o resultado das pressões da secularização à racionalização dos acontecimentos que tem desconstruído o mundo socialmente edificado pela religiosidade, cuja estrutura encontra no conhecimento sua maior matéria prima. Esse conhecimento é construído e encantado através do discurso bíblico (mágico), contudo, a modernidade vem para contrapor-se ao pensamento teológico pré-moderno e desconstruí-lo. Berger define:

O teólogo, como qualquer outro ser humano, existe num meio social. Também ele é produto de processos de socialização. Seu “conhecimento” foi adquirido socialmente, precisa de amparo social e é consequentemente vulnerável a pressões sociais. (Berger, *Rumor de Anjos*, 1997, p. 30).

Assevera-se que esse é o grande desafio do dispensacionalismo: manter uma cosmovisão corroída pelos efeitos da secularização na qual os capitais simbólicos perdem valor a cada nova descoberta científica e avanços tecnológicos. Nesta conjuntura, a saída para os novos capitais simbólicos estarão em uma teologia fundamentalista sistematizada, assim:

Desta maneira geral, há quatro elementos essenciais que permitem caracterizar o fenômeno fundamentalista em suas várias formas. São eles: o

---

<sup>61</sup> Estado semelhante aos Dalets na Índia, os “Dhimmi estão proibidos de tocar sinos e de expor publicamente seus símbolos religiosos, como cruzes ou textos sagrados.” (Gerloff, 2014, p. 19).

princípio da inerrância, o princípio da astoricidade, o princípio da superioridade e o primado do mito da fundação da identidade de um grupo. (Panasiewicz, 2008, p. 6).

Cada um dos quatro elementos - inerrância, astoricidade, superioridade e o mito fundante da identidade de um grupo - poderá ser percebido na utilização dos dispensacionalistas pesquisados nas páginas da CMI, conforme continuaremos analisando neste estudo.

#### **4.5 Distinção Entre Israel e a Igreja Forte Paradigma Dispensacionalista**

Como paradigma do dispensacionalismo, qualquer um dos três aspectos fundantes, literalidade da palavra, distinção de Israel e a Igreja e propósito divino na história, podem ser observados, mas, a nosso ver, o que se apresenta mais marcante é a distinção entre Israel e a Igreja.

A teologia da substituição, que já citamos anteriormente, estabelece que as ‘Alianças’ divinas com Israel se ‘findam’ após a instituição do cristianismo, sendo a igreja o ‘novo Israel de Deus’. Teologia que é combatida veementemente em todas as edições da revista Chamada da meia-noite (CMN). Em janeiro de 2013, a edição número 01 da CMN inicia com o artigo ‘Os fatos e as falhas da teologia aliancista’:

A teologia Aliancista é o sistema teológico dominante na maioria das igrejas protestantes tradicionais. É um sistema de teologia que interpreta a filosofia da história da Bíblia através das lentes de duas ou três alianças e se fundamenta na teologia da Substituição. Esta afirma que Deus substituiu o povo judeu pela Igreja e que os cristãos agora são o povo escolhido de Deus. (Showers, 2013, p. 15).

Sobre o tema, Showers esclarece em seu artigo:

Os teólogos aliancistas que creem na Bíblia usam o método literal-gramatical-histórico de interpretação para maior parte das Escrituras, inclusive todas as profecias que foram cumpridas. Entretanto, quando se trata de profecias ainda não cumpridas, eles se voltam para um método diferente: o método espiritual alegórico, que os capacita a redefinir Israel e fazer dele a Igreja, e não o povo Judeu. (Showers, 2013, p. 17).

A temática se estende pelos meses de janeiro a maio de 2013 abordando uma das principais características de apropriação do capital simbólico do dispensacionalismo, Israel.

Além desse, outros títulos distinguem Israel como ponto saliente na teologia dispensacionalista que a revista CMN divulga.

Outro ponto dessa clara distinção está no artigo escrito por Win Malgo (1922 – 1992), fundador da revista Chamada da Meia-Noite. Com o título ‘O futuro nacional e o futuro Espiritual de Israel’, o argumenta sobre a distinção entre Israel e a Igreja, ressalta que esses dois personagens estão juntos em um processo divino e explica:

‘Israel terá um futuro nacional e um futuro espiritual’. No final, o futuro de Israel confluirá com o futuro da Igreja de Jesus. Os caminhos que Deus segue com a Igreja de Jesus e com Israel conduzem para um único e grandioso alvo – o estabelecimento do Reino de Deus, mas são caminhos bem distintos. Deus faz acontecer o visível em seu povo e através de seu povo, Israel, por meio de obras e milagres, enquanto o invisível, a transformação de seus corações no futuro. Com a Igreja ocorre o inverso. (Malgo, 2013, p. 14).

Essas abordagens que distinguem Israel como povo escolhido não se dão somente através do discurso, ou seja, não somente nesse sentido da distinção, traço do dispensacionalismo, mas também na valorização do seu capital simbólico.

Símbolos, gravuras ou referências são uma constante nas edições da CMN. Em publicações estudadas, existe pelo menos uma ilustração relacionada a Israel por publicação (nossa pesquisa não observou capas de livros, brindes, propagandas de congressos e viagens a Israel promovidas pela CMN).

O sionismo cristão é um resultado dessa distinção entre Israel e a Igreja e assim, é outro trabalho levantado nessa distinção, pois apresenta uma posição pró-Israel ou em sua defesa, diante das acusações e retaliações sofridas contra seu direito. No artigo sobre o Conselho Mundial de Igrejas – CMI, a revista denuncia a instituição que, segundo o texto publicado na CMN número 10, de 2013, é antissemita:

‘a atitude negativa do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) com relação a Israel tem sido evidente desde o início formal da organização, em 1948’. Seu site fala sobre ajudar os “palestinos desalojados” após a Segunda Guerra Mundial, mas não diz nada sobre ajudar o povo judeu, que suportou os horrores do holocausto. Tão pouco o CMI ajudou os judeus colonizadores, que eram continuamente sitiados por gangues e militantes árabes nos anos que levaram ao restabelecimento oficial de Israel. (McCraken, 2013, p. 19).

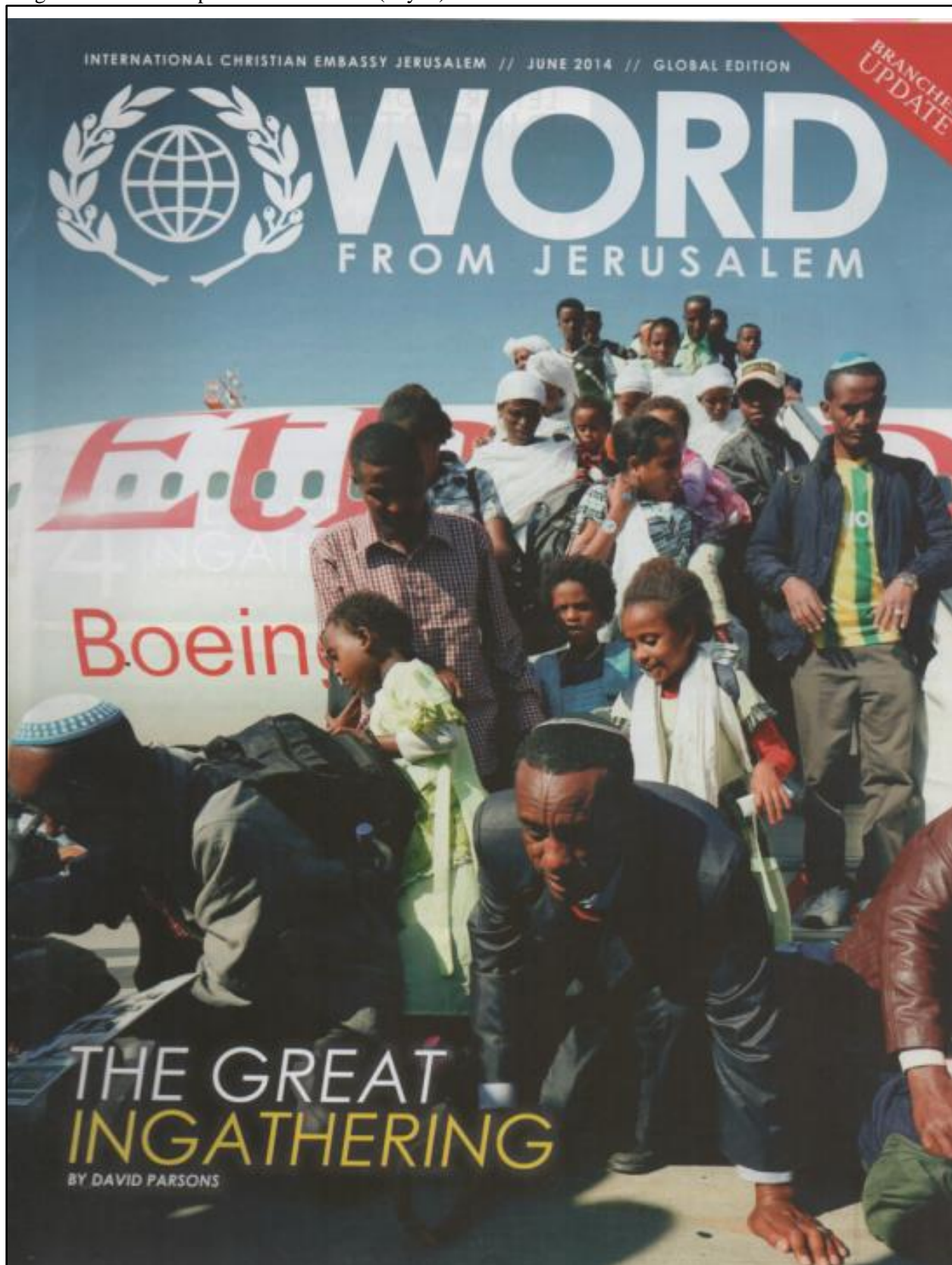
As críticas à CMI são contundentes, haja vista o fato de uma instituição cristã não apoiar o ‘povo escolhido’ ou não perceber que está em choque com a vontade e o agir

histórico de Deus. Esta é uma atitude criticada e apresentada como representação do antissemitismo cristão.

Nessa busca por valorizar Israel e sua distinção, a CMN também aborda o tema com muita frequência manifestando claramente uma posição sionista cristã. No artigo de Norbert Lieth, Diretor da Chamada da Meia-Noite Internacional e autor de livros publicados em três idiomas, o assunto é tratado com o título de “O grande engano do Anti-semitismo”, no qual o autor faz uma comparação com vários paralelos relacionados a trechos da bíblia e conclui: “O povo judeu não pode ser destruído porque têm o mais poderoso protetor, que é o próprio Deus.” Continua: “Os judeus são inextinguíveis não puderam ser exterminados naquela época e não podem ser exterminados hoje” (Lieth, 2012).

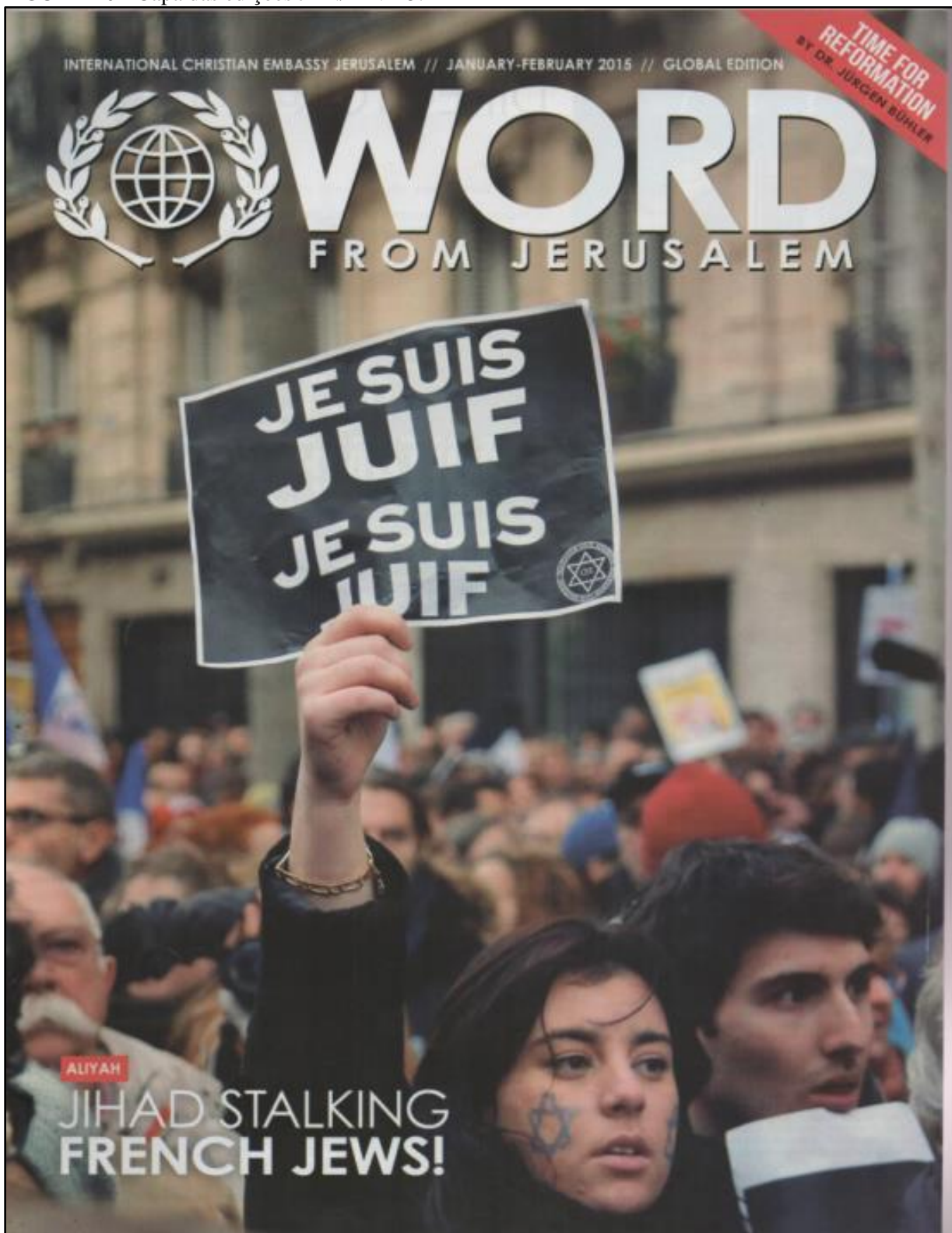
O Sionismo cristão é uma das marcas dos dispensacionalistas por entenderem que o futuro de Israel nacional está ligado ao futuro da igreja e da humanidade diante dos escritos sagrados.

FIGURA 9 - Capa da edição JUN/14 (Acervo pessoal do autor), fotografia de judeus etíopes na chegada em Israel no processo de retorno (Alyah).



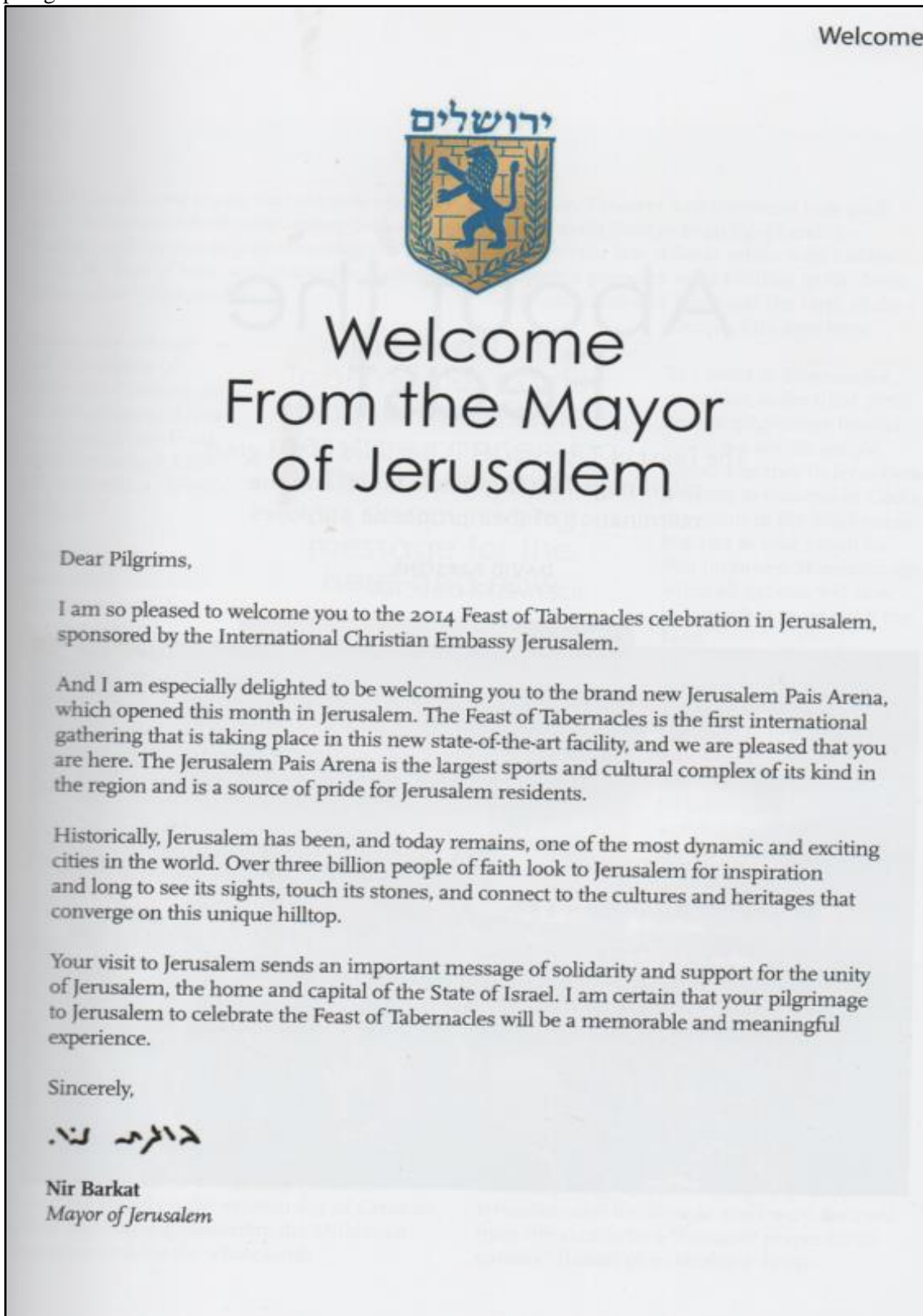
Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 10 - Capa das edições JAN/FEV 15.



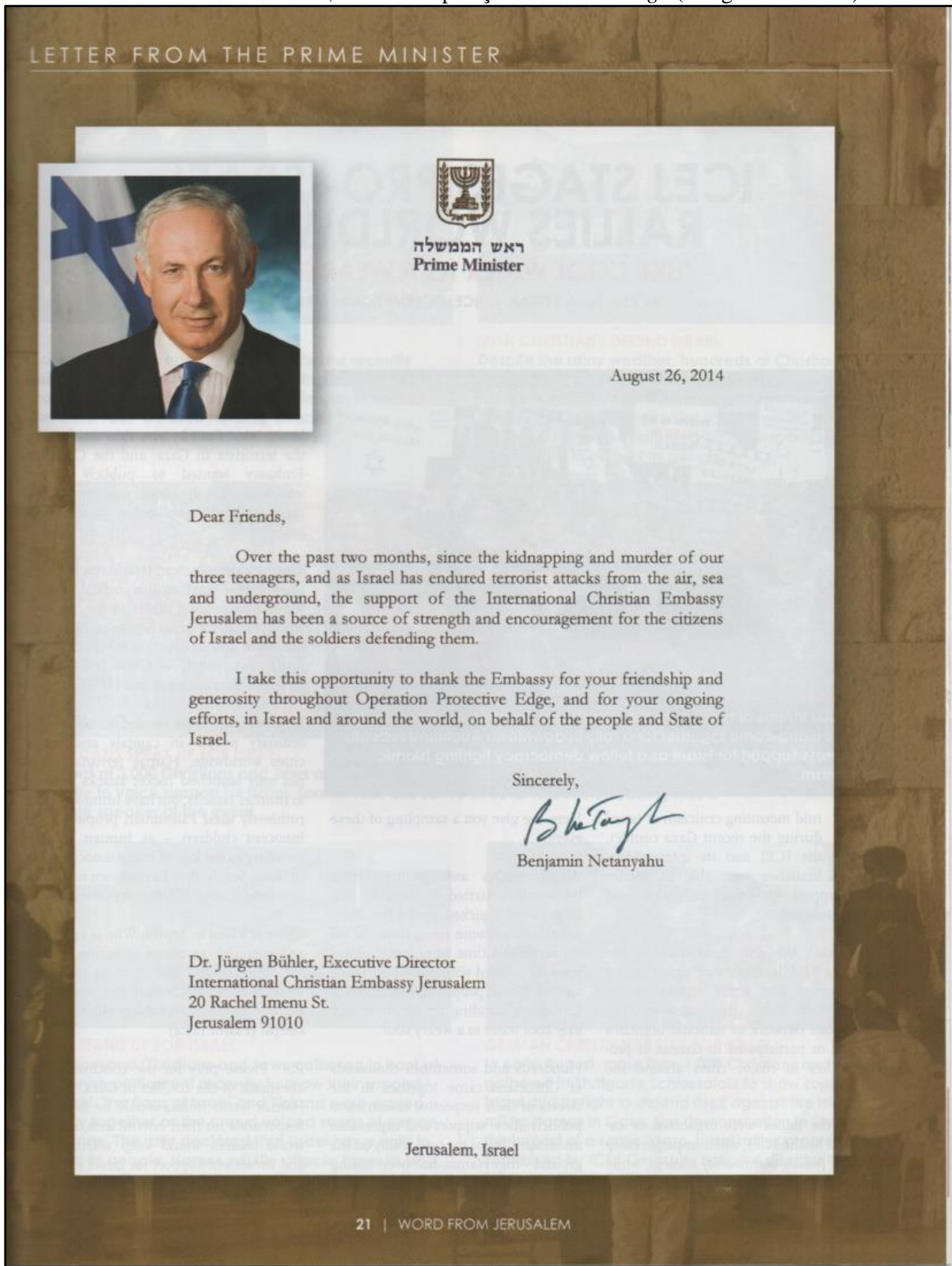
Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 11 – Cópia digitalizada da Carta de Bem-Vindo do prefeito de Jerusalém, Nir Barka, aos peregrinos da Festa dos Tabernáculos.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 12 - Cópia da Carta do Primeiro Ministro de Israel Benjamin Netanyahu, agradecendo apoio da ICEJ durante o conflito de 2014, durante a operação *Protective Edge* (Margem Protetora).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 13 - Sobreviventes cuidados pela ICEJ em celebração judaica.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 14 - Doação de abrigos de proteção aos judeus na faixa de Gaza, durante o ultimo conflito entre Israel e o Hamas em junho de 2014.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 15 – Algumas páginas do manual em português da festa dos tabernáculos em setembro de 2014, cita apóstolo Renê Terra Nova líder do M12Brasil como palestrante no evento oficial em Jerusalém e WFJ de 2015 (logo abaixo a esquerda) traz notícia da sua participação no evento no Deserto do En Gedi.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

#### 4.6 A ICEJ e a Manutenção do Discurso Dipensacionalista

Nesse processo de posicionamento pro-Israel surge, no verão de 1980, a *International Christian Embassy Jerusalem* (ICEJ), instituição que conta com representação no Brasil e promove o apoio ao povo judeu integrando o histórico de sionismo dispensacionalista.

A CMN é citada no site da ICEJ no Brasil e pela Embaixada Internacional Cristã de Jerusalém em artigos da CMN. Como representantes da ICEJ no Brasil estão os líderes de várias igrejas neopentecostais e, no caso brasileiro, é quase uma exclusividade essa representação pertencer ao M12BRASIL.

O Site da organização no país tem o registro dos embaixadores e, entre eles, o presidente no Brasil da organização, líder nacional das Igrejas em Células no Modelo dos 12, o apóstolo Renê Terra Nova, pastor do Ministério Internacional da Restauração em Manaus, no estado do Amazonas, apresentado como presidente da ICEJ Brasil.

Como veículo de divulgação do trabalho da Embaixada, a revista *Word From Jerusalem*, de circulação internacional em língua Inglesa, apresenta tiragem desconhecida. Apesar da proposta de publicação mensal, isto não ocorre em algumas ocasiões. Seu formato é tradicional com aparência moderna e colorida.

O conselho editorial é composto pelo Diretor Executivo, Dr. Jürgen Bühler, Diretor Internacional Juha Ketola, Diretor de Edição e Mídia David Parsons, Diretor de Criação Ray Ramirez, ilustração e design Peter Ecenroad, Administração David van der Walt e Wim van der Zande.

A fotografia fica por conta da equipe da ICEJ e mais três empresas: a Branches, Istock e Flash90. Sua impressão é feita em Israel pela Jewish Agency Wikimedia, Yad Ezer L'haver, AP. Instalada em Jerusalém a *Internacional Christian Embassy Jerusalem* é a promotora da revista *Word From Jerusalem*, cujo endereço é P.O.Box 1192 Jerusalem 9101002, Israel.

Os textos publicados pela WFJ são, em sua maioria, produções dos próprios responsáveis pela revista. No período que pesquisamos o folhetim- de setembro de 2013 a setembro de 2014 -, contabilizamos 125 artigos sendo aproximadamente 10 por edição e, apesar de existir alguns autores convidados, grande maioria dos textos são assinados percentualmente pelos seguintes autores: David Parsons (34%), Estera Wieja (20%), Birte Scholz (15%), Juha Ketola (13%) e Jürgen Bühler<sup>62</sup> (11%).

---

<sup>62</sup> Não levamos em consideração dos editoriais que levam a assinatura do diretor.

As seções internas estão divididas em: *Letter From the Director* (carta editorial); seções chamadas simplesmente de *Contents* (conteúdo), que podem variar entre os mais diversos temas com reportagens especiais; entrevistas e informações sobre as realizações da ICEJ em Israel e outros países.

A edição referente aos meses de setembro e outubro de 2013 recebeu o título de *'The paradoxo of Israel'* – 'O paradoxo de Israel' (Nossa tradução) (ICEJ, 2016) - , cujo texto é assinado pelo atual diretor da embaixada Dr. Jurgen Bühler. Licenciado em Física pela Universidade de Ulm, Alemanha, com doutorado em química no Instituto Weizmann de Ciência em Rehovot Israel, ele é ministro da Federação Alemã Pentecostal..

Da mesma forma que a revista Chamada da Meia-Noite, o texto apresentado na revista oficial da ICEJ traz em seu contexto uma abordagem dispensacionalista. Defendendo a unidade das denominações e com um apelo à compreensão e mudança de mentalidade quanto ao apoio ao povo judeu, o texto de Bühler ressalva a importância de Israel e sua legitimidade como povo escolhido: "A Bíblia é uma mensagem global, que mostra toda a humanidade o caminho para Deus, e foi dada a humanidade através do povo judeu (...) É por isso que Deus escolheu o povo judeu, não para si, mas para ser uma bênção para o mundo inteiro." (ICEJ, 2016).

Os texto de Bühler estão em todas as edições da revista e na contra capa ele é sempre o autor do editorial. Além da autoria desses, outros textos no interior da revista também são de responsabilidade de Bühler. Transformada em uma ferramenta de prestação de contas, angariação de fundos e divulgação dos trabalhos da ICEJ, a WFJ tem uma gama de informações sobre o povo judeu e suas dificuldades não somente em Israel, com a abordagem dos mais variados temas.

Ainda sobre a edição de setembro e outubro de 2013, ela traz entre seus textos um escrito intitulado *The history & Purpuse of the ICEJ*, de autoria do Diretor de Mídia e Edição, David Parsons. Comemorando as mais de três décadas de existência, o texto ressalta os valores de fundação da embaixada e sua principal razão de existir, amparar e apoiar Israel. Parsons diz:

A Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém está na vanguarda do sionismo cristão em todo o mundo, uma expressão constante em Jerusalém desde crescente movimento global de cristãos em nossos dias que compartilham um amor e preocupação com Israel e do povo judeu. A ICEJ representa igrejas, denominações e milhões de cristãos ao redor do mundo que buscam reparar a brecha histórica entre a igreja e o povo Judeu. Reconhecemos também a restauração moderna de Israel e nisso a fidelidade de Deus para cumprir suas promessas antigas da aliança com o povo judeu. (Parsons, 2013).

O apoio prestado pela embaixada é uma das marcas de sua presença em Israel, pois, sua ajuda e participação fazem-na ser percebida pelo governo israelense como sendo uma das instituições cristãs mais ativas na prestação de apoio ao povo judeu. Em verdade, Esse apoio político e social não fica somente no discurso, uma vez que a ICEJ promove ações de cunho social em especial às vítimas do holocausto nazista.

Para esse fim, a ICEJ mantém na cidade de Haifa uma casa chamada de *The Home* (O lar), onde, segundo estatísticas fornecidas pela *The Foundation for the Benefit of the Holocaust Victims in Israel*<sup>63</sup> (FBHV), mais de 190 mil sobreviventes do holocausto vivem em Israel, e mais de 50 mil sobrevivem em condições abaixo da linha de pobreza. Ainda de acordo com o relatório da fundação “cerca de 78% por cento dos sobreviventes sofrem de problemas de saúde, 45% por cento, muitas vezes se sentem solitários e 46% por cento acreditam que seus filhos e netos vão esquecer o Holocausto depois que eles morrerem”. O documento ainda comenta que:

De acordo com o Relatório de Brookdale (2009) até o final de 2008, 45% dos sobreviventes do Holocausto tinha mais de 80 anos de idade: em 2013, de acordo com nosso próprio levantamento, 65% dos sobreviventes estavam com mais de 80 anos de idade, e 40% dos sobreviventes mais de 86 anos de idade. A idade média de um sobrevivente do Holocausto em Israel hoje é 85 anos. Cerca de 36% dos sobreviventes tem de viver sozinho, sem qualquer assistência. (FBHV, 2014) (Tradução nossa).

Em Haifa a embaixada mantém nove edifícios com equipes que cuidam do bem estar de aproximadamente 80 sobreviventes que contam com assistência médica e suporte psicossocial. No final do ano de 2013 iniciou-se uma campanha para acolher mais 20 novos residentes.

É imprescindível ressaltar a importância de Israel não somente no sentido espiritual, como também no âmbito físico, pois este é um dos traços do dispensacionalismo, um sionismo cristão com apoio incondicional que busca respaldo na própria citação bíblica.<sup>64</sup>

Ainda dentro desse universo de compreensão dispensacionalista, outra ação que, segundo o pensamento dispensacionalista tem ‘caráter profético’ buscando ‘auxiliar’ ou ‘acelerar’ a chegada da próxima dispensação, o apoio a Israel também tem que efetivar no

---

<sup>63</sup> Entidade pelos sobreviventes para cuidar dos sobreviventes. Com sede em Tel Aviv a organização começou a funcionar em 1994, alcançando em 2012 mais de 60.000 atendimentos.

<sup>64</sup> E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra. Gênesis 12:3 (Bíblia, 1997)

propósito do Aliyah<sup>65</sup> de judeus. A ICEJ promove similarmente a vinda de centenas de judeus para Israel, acompanhando todos os anos os esforços do próprio governo israelense em promover esse tipo de imigração que é um misto de espiritualidade e patriotismo.

Apesar de ser uma entidade cristã, a ICEJ sabe que para realização do Aliyah é necessária a conversão ao judaísmo e assim tem trabalhado com o ‘*World Jewish Congress*’ (Congresso Judeu Mundial, tradução nossa) acompanhando e recepcionando os novos imigrantes na sua chegada ao aeroporto Ben Gurion. Desde 1990 mais de 115 mil judeus fizeram o caminho de migração para Israel patrocinado pela ICEJ. Segundo a WFJ de novembro de 2013, naquele ano estavam desembarcando em Israel os Bnei Menashe<sup>66</sup>. A ICEJ patrocinou o Aliyah de 274 integrantes provenientes da Índia e, ainda segundo a revista dos judeus que fizeram o Aliyah:

A maioria veio da antiga União Soviética, mas também temos auxiliado com o retorno dos judeus etíopes, e o Aliyah de nações como Cuba, Iêmen e Irã, bem como novas ondas de imigração judaica do Ocidente. “A mais recente operação Aliyah, pode ser também a mais original de todas - o retorno dos Bnei Menashe vindos do nordeste da Índia, depois de 2.700 anos de exílio”, acrescentou Enoque com um sorriso. Existem agora mais de 2.000 Bnei Menashe vivendo em Israel, e eles são conhecidos por seus laços familiares próximos, forte ética de trabalho e lealdade profunda para a nação judaica. (WRITERS, 2013).

A ICEJ divulga através da WFJ seu público alvo e tem monitorado o processo como uma forma de convencer a igreja internacional que o procedimento de construção para a nova dispensação continua desde 1948, ou melhor, enfatiza que este deu início mais avidamente ao agir de Deus na história para a restauração do povo judeu. Citando o texto de Isaías 43:5, que diz “Não temas, pois, porque estou contigo; trarei a tua descendência desde o oriente, e te ajuntarei desde o ocidente.” (Bíblia, 1997), a WFJ noticia as pressões que a comunidade judaica atravessa em vários países entre eles a França: ‘*French jews Answer call to come home*’ (Judeus franceses responde ao chamado para voltar para casa, Tradução nossa) (WFJ, 2013), Ucrânia ‘*ICEJ bringing Ukrainian jews to Israel*’ (Trazendo os Judeus ucranianos para Israel, Tradução Nossa) (WFJ, 2014) Yemem, ‘*Yemenite jews Arrive in Israel*’ (Judeus Iemenitas desembarcam em Israel, Tradução Nossa) (WFJ, 2014).

Todo o trabalho realizado está unicamente pautado na premissa dispensacionalista de que o apoio a Israel é propósito de Deus e que a Igreja não pode se isentar dele. A WFJ abraça

---

<sup>65</sup> Aliyah uma palavra hebraica que significa retorno, subida ou processo de retorno do povo judeu para sua pátria. (Israel, 2015)

<sup>66</sup> Filhos de Manassés em tradução livre.

em suas páginas os três princípios do dispensacionalismo de forma mais diluída em alguns aspectos e, paradoxalmente, de forma mais agressiva em outros.

Como vemos, sua percepção literal promove o repovoamento da terra de Israel pelo povo judeu em detrimento ao cumprimento das profecias. Também compreende que as ações de violência e risco contra o povo judeu em todo mundo, nada mais são que o agir divino para o movimento inverso, a diáspora, possa acontecer. De um tremor nas Filipinas a um atentado em Paris, tudo gira em torno do agir soberano do Deus de Israel.

Por fim, a distinção entre Israel e a Igreja pode ser percebida pelo entendimento que desde sua fundação, em 1980, a ICEJ busca apoiar Israel seja mediante o cuidado dos seus sobreviventes do Yom HaShoah<sup>67</sup>, a aquisição de “shelters”, abrigos antiaéreos portáteis para as comunidade na região da Faixa de Gaza, ou a promoção de seu repovoamento com judeus de todo o mundo.

Anualmente a WFJ divulga os resultados da grande festa dos tabernáculos promovida pela ICEJ, entre os meses de setembro e outubro. Os números da festa são impressionantes e, segundo a WFJ, com a realização da festividade o impacto na economia de Israel é de mais de US\$15 milhões de dólares, com 71 mil acessos ao site da ICEJ que faz a transmissão de todo o evento que conta com um público superior a 24 mil expectadores. Os peregrinos originários do Brasil são indicados com distinção e, durante a festa de 2013, mais de 800 brasileiros estavam nas festividades da ICEJ.

Em 2014 foi publicada uma edição exclusiva da festa na qual dizia que naquela edição o espaço reservado para os peregrinos era de 11 mil lugares. O Brasil é o único país que conta com um manual em sua língua e também dos pregadores oficiais o único é o líder do M12Brasil, Renê Terra Nova.

Com quase dois séculos de existência, o dispensacionalismo sustenta um grupo que dispõe de uma instrumentação que, apropriando-se dos capitais simbólicos judeu, sem ter que necessariamente os resignificar, e com ele fortalecer sua cosmovisão e manter o caráter mágico de sua religiosidade.

O dispensacionalismo é o responsável pela institucionalização desse pensamento que sofre resistência por parte das igrejas históricas e das pentecostais. É considerada responsável pela construção de uma base para as novas apropriações de capitais simbólicos adotadas por esses grupos.

---

<sup>67</sup> A palavra usada em hebraico para definir o holocausto, traduzido seria Yom = Dia, Ha = Artigo “O” e Shoar= Catástrofe, ou seja, O dia da catástrofe.

#### 4.7 Dispensacionalismo o Institucionalizador Neopentecostal

Como já apresentado e discutido anteriormente, o movimento neopentecostal que se baseia na sistematização dispensacionalista é, dentro do próprio campo, uma minoria. Tal constatação advém das críticas promovidas por outros grupos do mesmo campo.

O grupo M12BRASIL, a exemplo disso, é uma parte do campo neopentecostal que, em sua grande maioria, é composto por novas igrejas sem denominação cuja maior parte é resultado de cisões de igrejas históricas, Batistas, Presbiterianas ou Pentecostais como a ‘O Brasil para Cristo’.

Ricardo Mariano afirma que “as diferenças entre tais grupos religiosos estão se tornando cada vez menos perceptíveis”. (MARIANO, 1999, p.49). A ponto de se pensar em uma nova classificação, apesar da tentativa de definir um fator de diferença entre os grupos pentecostais e esses novos ‘históricos renovados’, percebeu-se que as diferenças não foram consideradas relevantes.

As igrejas neopentecostais têm despertado o interesse de estudos sobre o fenômeno religioso no Brasil a exemplo dos vários trabalhos promovidos sobre a IURD, Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Evidencia-se que outra característica que pelo menos as duas últimas igrejas citadas possuem é o fato de que elas estão fazendo uso da mesma metodologia de crescimento utilizada pelo M12BRASIL e promovem apropriações de capitais simbólicos judeus.

Uma necessidade é salientada: a institucionalização. E esta se dá graças à grande liberdade de interpretação teológica, sua história recente e o grande fluxo de fiéis sem compromisso direto com a igreja e esse o consumidor de bens simbólicos. Fala-se em ‘supermercados’ da fé, “onde produtos religiosos ou seus ingredientes são oferecidos para que cada um se sirva como quiser, uma espécie de self-service religioso”. (CAMPOS, 1996, p. 102).

Institucionalizar é construir uma estrutura de manutenção e viabilizar o discurso com o auxílio da autoridade, mas, institucionalizar também é secularizar. Com a apropriação promovida pela IURD através da construção do Novo Templo de Salomão, traços dessa institucionalização começam a aparecer.

O Controle do acesso ao NTS é regulamentado com regras claras de ‘usos e costumes’, a apresentação dos pastores e bispos da IURD também se apropria do capital simbólico ora institucionalizado, como, por exemplo, o uso de xales de oração o que “ainda é

cedo para afirmar se o estilo e indumentária serão adotados por todos os clérigos da organização” (BARBOSA, 2014, p.187), pois a:

Institucionalização é um processo. (...) o grau de institucionalização depende da proteção que existe para a interação pessoal com o grupo. Quanto mais precisa for a finalidade de uma organização e quanto mais especializadas e técnicas as suas operações, menores chances haverá de forças sociais afetarem seu desenvolvimento. (...) não existe organização alguma de qualquer duração que esteja completamente livre de uma institucionalização. (SELZNICK, 1974, p. 14).

Resistir aos efeitos da secularização utilizando institucionalização pode ser uma decisão cujas resultantes são possibilidades opostas, mas, com a utilização, legitimação e apropriação de capitais simbólicos, os iurdianos e neopentecostais como um todo, passam a contar com o discurso fundamentalista do dispensacionalismo que dificulta o avanço da secularização interna, graças à proposta de literalidade do relato bíblico.

Esse processo busca legitimar um pensamento e a sua construção de mundo e, dessa forma, Peter Berger afirma que a resistência dos indivíduos poderá existir por não terem participado do processo, mas, quando o discurso tem um forte caráter mágico, sua teodiceia é construída e resignificadas.

Os indivíduos podem apresentar restrições para aceitar a ação de institucionalização da sociedade a que pertencem, em grande parte, por não terem participado do seu processo de estabelecimento. Diante desta possibilidade de desvio, as instituições exercem autoridade (ação coerciva) sobre o indivíduo, a fim de garantir a aceitação de suas definições sem a possibilidade de redefinição das mesmas, garantindo, assim, a sua legitimação. (BERGER; LUCKMANN, 2008).

O processo de secularização ocorre tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora, porém, os capitais simbólicos apropriados do judaísmo trazem uma possibilidade de resignificar esse mundo e, diante dele, sustentar sua cosmovisão frente as novas forças da modernidade.

O dispensacionalismo conta com muitas ferramentas, centenas de livros escritos em língua inglesa, nomes contemporâneos e até uma revisão ‘progressista’ para os neopentecostais dispensacionalistas, ainda sem uma identificação clara no campo, talvez ofuscada pela sombra do Novo Templo de Salomão e a IURD, ainda está se construindo dentro do campo religioso brasileiro. Neste sentido, as revistas CMI e WFJ são evidências de que esse pensamento está consolidado, institucionalizado e pronto para ser parte ou suporte para a construção dessa nova ‘onda’ ou grupo religioso.

Entre os grupos que se apropriam dos capitais simbólicos existem aqueles que, conforme nossa observação, simplesmente utilizam os símbolos, mas mantêm uma distância das práticas judaicas em si. Entretanto, há outros grupos que se apropriam dos símbolos e práticas (judeus messiânicos) e existem ainda aqueles que optam por todas as apropriações e, por fim, se desvinculam da matriz protestante, se autointitulado Judeus, geralmente associados à evocação de um suposto Marranismo ou através de auto conversão. Ação que muitas vezes é sem valor para o judaísmo tradicional que requer uma ritualística específica para reconhecer a conversão.

Ademais, destacamos que esse é outro aspecto que poderá ser observado em outra oportunidade: os efeitos dessas apropriações no campo religioso brasileiro. Será que continuará? Até onde essa migração ainda diminuta, mas existente de religiosidade cristã para judaica chegará? Até que ponto ainda existirá Dispensacionalismo? Essas e outras perguntas instigam estudos futuros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos esse estudo buscávamos majoritariamente identificar os prováveis efeitos da secularização sobre o campo religioso neopentecostal e de que forma esses estavam resolvendo o problema referente à relação entre religião e modernidade, mediante os efeitos da secularização.

A referência do capital simbólico hegemônico foi de vital importância para a construção da nossa proposta de estudo, pois, o dado referente ao decréscimo estatístico católico e o quatro inverso nas religiões ora protestantes nos fizeram evidenciar o seguinte questionamento: como os protestantes administrariam esses novos fiéis ricos em um capital simbólico?

Concomitantemente, esses novos fiéis advindos da religião hegemônica estavam, pelo caráter plural da nossa sociedade, expostos a relações com outras influências religiosas. Esses novos fiéis começam a descobrir que podem entrar e sair dos ambientes mágicos por sua própria decisão. Assim, através da “autonomia do indivíduo-sujeito” (Hervieu-Léger, 2005), esses fiéis podem significar sua própria existência.

Neste contexto, essa sociedade hodierna, sob os efeitos da modernidade e da laicização em que a religião está inserida, a busca pela sobrevivência dá-se conforme a resignificação de novos capitais.

Sejam as antigas apropriações já percebidas e que vem acontecendo dentro de todos os campos religiosos, em diferentes âmbitos novos capitais são apropriados e recebem um novo significado. E, ainda neste contexto, muitos outros perdem totalmente seus significados anteriores e são assimilados a tal ponto de a tradição os sustentar.

Quando do surgimento do neopentecostalismo e a massificação nos meios de comunicação das práticas de apropriação - lenços unguídos, águas abençoadas, sal o unguído etc. -, continuávamos vendo as mesmas transformações ocorridas no caráter hegemônico onde a água unguída era a benta, a fotografia no altar era um ex-voto, e assim, eram incorporados novos nomes com significados parecidos, mas aparentemente desvinculados.

Nesse quadro, a Igreja Universal do Reino de Deus e outras igrejas pentecostais começaram a promover viagens para Israel, construir templos com ‘pedras de Jerusalém’, distribuir mezuzas<sup>68</sup> e pedidos de oração enviados para terra do ‘povo de Deus’. Surge uma

---

<sup>68</sup> Benção judaica colocadas nas portas das residências, lugares de circulação, sinagogas etc.

apropriação que não desvinculava sua origem e, ao contrário disso, utilizava-a como aporte para valorização.

Esse processo também começou a ser percebido em outros ramos do neopentecostalismo diferentes das grandes neopentecostais como a IURD ou Igreja Internacional da Graça. Igrejas menores, unidas através da “Visão dos 12”, são exemplos disso, pois também elas demonstram que abraçaram essa apropriação.

Mas, diferente dos grupos maiores com fragilizadas ligações entre os fiéis e a igreja, graças ao seu caráter “supermercado”, as novas (neo), advindas de igrejas históricas que rompem com suas denominações, precisam embasar essas apropriações e, para esse fim, o dispensacionalismo é compreendido como a ferramenta adequada. Se proposital ou não, tal utilização não se faz simples de afirmar.

Ainda encoberto pelas poucas pesquisas nesse aspecto de sua abrangência, o dispensacionalismo constrói o caminho para essa apropriação suprindo com uma institucionalização sistematizada e documentada.

As revistas Chamada da Meia-Noite e Word From Jerusalém demonstram que o dispensacionalismo é sua ferramenta de manutenção teológica, estando presente em seus textos, através da defesa dos capitais simbólicos dispensacionalistas e de suas fundamentações. Sendo fundamentalista, o pensamento dispensacionalista constrói uma base para aquelas pequenas igrejas em que a relação fiel e instituição possui vínculo mais consolidado.

O pensamento de Darby fomentou a valorização de Israel e essa seria a base suficiente para identificá-lo com essas apropriações, mas, o dispensacionalismo vai adiante defendendo uma luta contra as ações da “secularização interna”, promovendo o discurso em defesa da literalidade da Bíblia e, somando-se a isso, a proteção do controle divino da história.

Com isso, torna-se cabalmente válido explicar fatos novos e antigos com um *know-how* de legitimações mágicas para os relacionados eventos, pois, para um dispensacionalista, rigorosamente “Deus está no controle”.

As publicações CMI e WFJ alimentam e validam tal movimento com atribuições e dados, estudos e sistematizações que fomentam o pensamento, apologias às críticas e, para além disso, vislumbra a realidade contemporânea com a visão *darbiana*.

Não podemos esquecer os discursos dos judeus messiânicos que utilizam largamente a pregação dispensacionalista para promover o paralelo entre Israel e a Igreja, com a necessidade da restauração de práticas judaica. Os messiânicos cristãos ocupam e participam das atividades da ICEJ com danças e músicas hebraicas, e a própria celebração da festa dos

tabernáculos demonstra o alinhamento entre o messianismo cristão e as práticas dispensacionista da ICEJ/WFJ.

Também fazem válido o controle da história através do poder divino na restauração do Israel nacional, não apenas nesse momento, mas sim, naqueles em que sobreviveram ao holocausto nazista e às perseguições da Santa Inquisição.

Diante do exposto, cabe ressaltar que são muitos os questionamentos ainda presentes a cerca desta temática e, existem lacunas sobre questões às quais não foram possíveis observamos. Infelizmente, o fenômeno dispensacionista tem tido pouco espaço para discussão nos Fóruns da Ciência da Religião, contudo, acreditamos que, indubitavelmente, esse ostracismo será desfeito a partir do apanhado teórico e reflexivo deste estudo, assim como das provocações que fazemos em suas páginas.

Seria o Dispensacionismo o provável responsável pelo surgimento de um novo grupo no campo religioso brasileiro? Os judaizantes são uma realidade ou devem ser ignorados? O fenômeno da rejeição a essa minoria não seria um sinal da provável força das novas práticas? Até onde essas práticas conduzirão a religiosidade neopentecostal? São muitas perguntas a serem feitas e muito ainda a ser pesquisado.

Esperamos que nossas considerações e percepções possam contribuir para promover uma abordagem mais específica ao olhar de outros pesquisadores, pois, aqui estamos concluindo concluído, mas não esgotando esta temática, haja vista sabermos que existem outras bibliografias, discussões e pesquisas. Ademais, nosso desejo é, muito timidamente, contribuir com esta pesquisa para a construção dos estudos das religiosidades brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **O que é Religião**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 134 p.
- ASHERI, M. **O Judaísmo vivo, tradições e as leis dos judeus praticantes**, Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- ANDRADE, P. **Um Artista da Fé: Padre Marcelo Rossi e o catolicismo brasileiro contemporâneo**. Maceió: Edufal, 2013.
- BAUDRILLARD, J. **À Sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BAUMAN, Z. **A Sociedade Líquida**. Folha de S. Paulo, São Paulo, domingo, 19 de outubro de 2003.
- BARBOSA, M. A. **Do terreiro ao púlpito: apropriação e ressignificação de elementos de crença das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2010)**. Dissertação ( Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Londrina, 2010. 123f.
- BENJAMIN, N. **A Place Among The Nations: Israel and the World** . Nova York: Bantam, 1993, p.16.
- BERGER, P. L. **O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. L. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: VOZES, 2004. 94p.
- BEZERRA, C. C. **Temas de Ciências da Religião**. São Cristóvão: Editora UFS. 2008. 290p.
- BITTENCOURT, F. J. **Matriz religiosas brasileira: Religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Vozes. 2003, p.3-81.
- BOURDIEU, P. **A Economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: editora Perspectiva. 2005. 361p.
- BURITY, J.; ANDRADE, P. **Religião e Cidadania**. São Cristóvão: Editora UFS, 2011. 276p.
- BLAISING, C. A.; BOCK, D. L. **Progressive Dispensationalism**. Wheaton, Illinois , BridgePoint, 2000. 336 p.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BERGER, P. L. **Rumor de Anjos**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Scofield**. São Paulo: Holy Bible, 1997.

BOOKMAN, D. **Literal ou Não-Literal eia a questão?** Chamada da Meia-noite, Porto Alegre, p. 7-9, Junho 2012.

CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis:Vozes, 1997.

CONTINS, M.; GOMES, E. C. G.. Os percursos da Fé: uma análise comparativa sobre as apropriações religiosas do espaço urbano entre carismáticos e neopentecostais. **Revista Ponto Urbe**, 2007.

COHN-SHERBOK, D. **Judaísmo**, Lisboa: Edições 70, 1999.

COX, H. **A Cidade Secular a secularização e a urbanização na pesquectiva teológica**. Santo andre: Academia Cristã, 2015.

DECOL, R. **Estatísticas do IBGE sobre judeus no Brasil**: um panorama dos censos demográficos de 1940 a 2010, 2013

DIAS, C. L. S. **Os Neopentecostais em Feira de Santana**: “Da Visão Celular no Modelo dos 12 ao Mover Celular do Fruto Fiel” . Dissertação (Mestrado) – Universidade da Bahia, Feira de Santana, 2009.

ELIADE, M.. **Imagens e símbolos**. Lisboa : Arcádia, 1979.

ELIADE, M.. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ERICKSON, M. J. **Escatologia**: a polemica em torno do milênio. São Paulo: Vida Nova, 2010. P. 236.

FERREIRA, A. B. H. Mini Aurélio: **O Minidicionário da língua portuguesa** – 6 ed. Ver. Atualizado – Curitiba: Positivo, 2004, p. 695.

FBHV. Holocaust Survivors in Israel - **The Annual Report**. The Foundation for the Benefit of the Holocaust Victims in Israel. Tel Aviv. 2014.

FROESE, A. **A profecia e o Evangelho**. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 2012.

GRACINO JUNIOR, P. A visão aérea e a do nadador: reflexões sobre católicos e pentecostais no censo de 2010. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 10, p. 1154-1183, 2012.

GRONINGEN, G. V. **Revelação Messiânica no Antigo Testamento**. 2. Ed, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2003. p.971.

GUTIÉRREZ, B. F.; CAMPOS, L. S. (editores) **Na Força do Espírito: Os pentecostais na América-Latina**: um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996.

GUIMARÃES, M. M. **Há Restauração Para os Descendentes de Judeus da Inquisição?** 1 Ed., Belo Horizonte: AMES, 2005, 186 p.

GUIMARÃES, M. M. **Sua biografia**, Disponível em: <[http://www.engenhariaespiritual.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=13&Itemid=27](http://www.engenhariaespiritual.com/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=27)> Acesso em 17 de fevereiro de 2015

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: SCHWARCZ, 2008.

HERVIEU-LÉGER, D. **O Peregrino e o convertido**: A religião em movimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. 238p.

HERVIEU-LÉGER, D. Catolicismo – **A configuração da Memória**. 2005. 15p. artigo

HOCK, K. Introdução à Ciência da Religião. São Paulo: Loyola, 2010, p.31-67 [Capítulo III, **História da religião**].

HOCK, K. O que é religião. In: HOCK, K. **Introdução à Ciência da Religião**. [S.l.]: Edições Loyola, 2010. p. 17-30.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico 2010, Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência . Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010, Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tendências Demográficas Uma análise dos resultados da amostrado Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro, 2004.

ICE, T. **Entendendo o Dispensacionalismo**: Interpretação literal e coerente da Bíblia. Porto Alegre: Actual Edições, 2004. 104 p.

ICE, T. **Sionismo Cristão**. Porto Alegre: Actual Edições, 2010. 72 p.

II TIMÓTEO. In: A BÍBLIA: **BIBLIA DE ESTUDO SCOFIEL**. São Paulo: Paulinas, 2002.

LEENHARD, Jacques. **Caminhos teóricos para o estudo das religiões**. Revista Brasileira de História das Religiões. Ano 4, n.14, Set./2012. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf13/01.pdf>>. Acesso em 08 de abril de 2014.

LINCOLN, C. F., “**Biographical Sketch of the Author**”, Publicado em Systematic Theology de Lewis Sperry Chafer, Dallas: Dallas Seminary Press, 1984, V. VIII, p. 6.

MARIANO, R. **Sociologia da Religião e seu foco na secularização**. In: PASSOS, J. D.;

USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas & Paulus, 2013. p. 231-242.

USARSKI, F. **Neopentecostais Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo. Editora Loyola, 1999. 246p.

MCMAHON, T. A. **Profecias enlouquecidas 2**. Chamada da Meia Noite n.46, p.8, 2015.

MEDEIROS, J. F. D. **Nos Passos do Retorno**. Natal: Nordeste, 2005.

MENESES, J. **Pentecostalismos e o rituais de cura divina**: personagens e percursos. São Crsitovao: Editora-UFS, 2008. 296 p.

MILHOMES, V. **Israel** Disponível em: <http://valnicemilhomens.com.br> acesso em 13 de Fevereiro de 2015

OLIVEIRA, D. M. de (org). **Pentecostalismos em diálogo/ org. David Mesquiati de Oliveira**. São Paulo: Fonte Editora, 2014. 240 p. 18ª ed.

NEGRÃO, L. N. **Trajetórias do sagrado**. Tempo Social, v.20, n.2, 2008, p.115-132.

PANASIEWICZ, R. **Fundamentalismo Religioso: História E Presença No Cristianismo**. ABHR Associação Brasileira de História das Religiões, Juiz de Fora, dez. 2008.

PIERUCCI, A. F. **Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 49, nov. 1997, p. 115.

PIERUCCI, A. F. **Sociologia da Religião e Mudança Social Católicos, Protestantes e Novos Movimentos Religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

PINK, A. W. **Dispensacionalismo uma análise**. São Paulo: PES-Publicações Evangélicas Seleccionadas,2007. 87 p.

RYRIE, C. C. **Dispensationalism revised and expanded**, Chicago, Illinois, Moody Publishers, 2007. 265 p.

RAMAGEM, S. M. B. **Israelis and jews as perceived by neo-evangelicals in brazil july 29 - AUGUST 5, 1997 JERUSALEM ISRAEL 21f**.

RAMAGEM, S. M. B., **A fênix de abraão**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1983.

ROBERTSON, R. M. **História da economia americana**. Rio de Janeiro: Record,1967.

SAND, S. **A invenção do povo judeu: da Bíblia o sionismo**. São Paulo: Benvirá, 2011.

SANTOS, L. A. O protestantismo no advento da republica no brasil: discursos, estratégias e conflitos. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n.8, Set. 2010. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao> > Acesso em 19 de Maio de 2015.

SANTOS, C. J. B.; PAZ, R. M.. A circularização de bens simbólicos: análise preliminar de cultos nas igrejas neopentecostais em Juazeiro do Norte. **Caderno de Cultura e Ciência**, Ano VII, v. 11, n. 1, Dez, 2012. Universidade Regional do Cariri-URCA. Artigo Científico ISSN 1980-5861 revista.

SELZNICK, P. **Liderança e administração**. Rio de Janeiro: FGV, 1974.

SENDER, T. **Iniciação ao judaísmo**. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 2001.

SCOFIELD, C. I. **Manejando bem a palavra da verdade**. 2 .Ed, Diadema, DLC-Deposito de Literatura Cristã, 2007. 70 p.

SILVA, M. A demanda pós-moderna de símbolos implicações religiosas e educacionais. Caderno do Programa de Pós Graduação da Unimep, Piracicaba, v. 5, n.1, p.137-148, 1998.

SILVA, M. A. Aspectos Fundamentais Para O Estudo Do Marranismo. Anais do X Simpósio da ABHR (Associação Brasileira da História das Religiões), realizado em Maio de 2008, no Campus da UNESP em Assis, SP.

SILVA, M. A. **Cristãos-novos no nordeste: entre a assimilação e o retorno**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

DUNSHEE, A. **Tratados de Commercio e navegação do Brazil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

TOPEL, M. F. A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n.10, 2011.

TURNER, W. G. **John Nelson Darby: A Biography**, Londres: C. A. Hammond, 1926. P. 45.

USARSKI, F. **História da Ciência da Religião**. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêncio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas & Paulus, 213. p. 51-61.

## SITES CONSULTADOS

ABRADJIN. Quem Somos. **ABRADJIN - Associação Brasileira dos Descendentes de Judeus da Inquisição**, 2015. Disponível em: <<http://anussim.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

CÂMARA. **Eleições 2014**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/eleicoes-2014/476128-bancada-evangelica-tera-74-deputados-em-2015.html>> Acesso em 14 de novembro de 2014.

CHABAD, **Certificado Kosher** Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/interativo/faq/certificado.html>> Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

CHABAD, **O que é o Talmud?** Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/talmud/home.html>> Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

CHARISMASMAGAZINE. Disponível em: < [charismanews.com](http://charismanews.com) > Acesso em 19 de Maio de 2015.

CITY ICEJ. **Jerusalem** Disponível em: <<http://www.cityisrael.net/#!icej-jerusalem/clfx> > acesso em 14 de fevereiro de 2015.

CPAD. **Judaizantes Modernos e suas práticas perniciosas.** Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/blog/douglasbaptista/o-cristao-e-o-mundo/91/judaizantes-modernos-e-suas-praticas-perniciosas.html>> Acesso em 14 de Fevereiro de 2015.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/judaiza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 12 de abril de 2014.

GOSPELPRIME. **Número recorde de judeus convertidos a Jesus em Israel,** Disponível em: <[gospelprime.com.br](http://gospelprime.com.br) > Acesso em 19 de Maio de 2015.

HORIZONTE, P. D. B. Museu da História da Inquisição. **BH a Primeira Vista,** 2016. Disponível em: <<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativos-turisticos/museu-da-historia-da-inquisicao-do-brasil>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

ICEJ. **Biblical Zionism,** Disponível em: <<http://br.icej.org/media/biblical-zionism>> (acesso em 14 de Fevereiro de 2015).

ICEJ. DR. JÜRGEN BÜHLER - Executive Director. **ICEJ,** 2016. Disponível em: <<http://int.icej.org/dr-j%C3%BCrgen-b%C3%BChler>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

INSEJEC. **21Anos.** Disponível em : [www.insejec.com.br](http://www.insejec.com.br) acesso em 13 de fevereiro de 2015.  
ISRAEL, G. D. Making Aliyah. **Israel Governo Portal,** 2015. Disponível em: <<http://www.gov.il/firstGov/TopNavEng/EngSituations/ESNewImmigrantsGuide/>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

JEWISH ISRAEL. Disponível em: < [jewishisrael.ning.com](http://jewishisrael.ning.com) > Acesso em 19 de Maio de 2015.

JEWISHVOICE, **Who we are.** Disponível em: <<http://www.jewishvoice.org/who-we-are/about-us/our-history.html?referrer=http://www.jewishvoice.org/who-we-are/about-us/?referrer=https://www.google.com.br/?referrer=http://www.jewishvoice.org/who-we-are/about-us/our-history.html>> Acesso em 25 de Maio de 2015.

LOURENÇO, F. A. D. J. História. **Ordem do Carmo em Portugal,** 2007. Disponível em: <<http://www.ordem-do-carmo.pt/index.php/os-carmelitas/historia.html>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MIR. **Porto Seguro 2014** Disponível em: <http://www.mir12.com.br/ps2014/mat02.html> acesso em 14 de fevereiro de 2015.

MOAZISRAEL. **MESSIANIC JEWS,** Disponível em: <[www.maozrael.org/site/PageServer?pagename=messianic\\_jews](http://www.maozrael.org/site/PageServer?pagename=messianic_jews) > Acesso em 19 de Maio de 2015.

NETIVYAH. **About Us.** Disponível em <<http://www.netivyah.org/about/about-netivyah/>> Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

NICOLAEVSKY, M. 613 mandamentos por Maimônides. **Cafetorah - Notícias de Israel**, 2016. Disponível em: <<http://www.cafetorah.com/613-mandamentos-por-maimonides/>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

NOVINSKY, A. Museu da História da Inquisição. **Museu da História da Inquisição**, 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=1&v=qZWsfLdOM80](https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=qZWsfLdOM80)>. Acesso em: 11 jan. 2016.

UOL SITE . **UOL NOTÍCIAS COTIDIANO**: Edir Macedo inaugura megatemplo em SP com "recado" para Dilma e Alckmin. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/07/31/ao-lado-de-dilma-e-politicos-edir-macedo-inaugura-megatemplo-da-iurd-em-sp.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

PORTAL, A. Bíblia, os 613 mandamentos hebraicos. **Portal astrologia & esoterismo**, 11 jan. 2016. Disponível em: <[http://www.astrologosastrologia.com.pt/biblia\\_613Mandamentos.htm](http://www.astrologosastrologia.com.pt/biblia_613Mandamentos.htm)>.

SION, N. D. D. História. **Notre Dame de Sion**, 2011. Disponível em: <<http://www.notredamedesion.org/pt/page.php?id=3&T=1>>. Acesso em: 12 Dezembro 2015.

## MASSAGENS ELETRÔNICAS

LEE, **Kehila.com Staff** [mensagem pessoal]. **Mensagem recebida** por <[aptablet@mica12.com.br](mailto:aptablet@mica12.com.br)> data de recebimento, 08 de Abril de 2015.

KRAUS, D. Executive Editor, Bibles, Oxford University Press USA. Scofield Bible query. [mensagem pessoal]. **Mensagem recebida** por <[aptablet@mica12.com.br](mailto:aptablet@mica12.com.br)> data de recebimento, 12 de Março de 2015.

## TEXTOS DAS REVISTAS

DIAS, T. A justificativa Teologica de Erdogan para sua postura ditatorial. **Chamada da Meia-Noite**, Porto Alegre, Julho 2014.

EMMONS, R. D. Teologia da Substituição x Dispensacionalismo. **Chamada da Meia-Noite**, Porto Alegre, v. 01, p. 14, JANEIRO 2012.

GERLOFF, J. O Apocalipse do cristianismo iraquiano. **Chamada da Meia-Noite**, Porto Alegre, Novembro 2014.

LEVY, D. M. A Singularidade da palavra de Deus. **Chamada da Meia-noite**, Porto Alegre, v. 10, p. 13, Outubro 2012.

LIETH, N. O grande engano do anti-semitismo. **Chamada da Meia-Noite**, Porto Alegre, p. 09-10, Março 2012.

MALGO, W. O futuro nacional e o futuro espiritual de Israel. **Chamada da Meia-Noite**, Porto Alegre, p.14, 2013.

MCCRACKEN, C. E. O Conselho Mundial de Igrejas não é amigo de Israel. **Chamada da Meia-Noite**, Porto Alegre, p.19, 2013.

NESTVOGEL, W. Como entender corretamente os textos proféticos da Bíblia? **Chamada da Meia-Noite**, Porto Alegre, p.19, 2012.

PARSONS, D. The history & Purpose of the ICEJ. **Word from Jerusalem**, Jerusalém, Setembro 2013.

SHOWERS, J. A. Os fatos e as falhas da teologia aliancista. **Chamada da Meia-noite**, Porto Alegre, p.15, 2013.

SIMCOX, L. Allahu Akbar. **Chamada da Meia-Noite**, Porto Alegre, 2014.

WRITERS, I. S. The profetic return of the Bnei Menashe. **Word From Jerusalem**, Jerusalém, p.13, nov. 2013.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**ATA DA 4ª SESSÃO DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

1 Aos vinte e dois dias do mês de março do ano de dois mil e dezesseis, às quatorze horas, no  
2 Auditório de Geografia, teve início o trabalho da Banca Examinadora responsável pela  
3 avaliação da Dissertação de Mestrado intitulada: O DISPENSACIONALISMO E A  
4 UTILIZAÇÃO DE SÍMBOLOS JUDAICOS NOS CULTOS EVANGÉLICOS do  
5 Mestrando CÂNDIDO LUIZ SANTOS MAYNARD apresentada ao Programa de Pós-  
6 Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para  
7 a obtenção do título de MESTRE EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. A Comissão  
8 Examinadora foi presidida pelo Professor Doutor MARCOS SILVA (UFS) e contou com a  
9 participação dos Professores Doutores: PERICLES MORAIS DE ANDRADE JUNIOR  
10 (UFS) e ARNALDO ÉRICO HUFF JÚNIOR (UFJF), na qualidade de Membros  
11 examinadores. A sessão teve duração de 02:00h e a Comissão emitiu o seguinte parecer:  
12 O TRABALHO FOI CONSIDERADO APTO PELA BANCA  
13 DEVENDO FAZER AS CORREÇÕES DE FORMA APON-  
14 TADA DAS.  
15 \_\_\_\_\_  
16 \_\_\_\_\_  
17 \_\_\_\_\_

18 Diante do exposto o candidato foi considerado (  ) Aprovado (  ) Reprovado. Nada mais  
19 havendo a tratar eu, MARCOS SILVA, Secretário *Ad Hoc*, lavrei essa Ata que após lida será  
20 assinada por todos.

São Cristóvão 22 de março de 2016



Prof. Dr. MARCOS SILVA  
UFS – PRESIDENTE

  
Prof. Dr. ARNALDO ÉRICO HUFF JÚNIOR  
UFJF – MEMBRO EXTERNO

  
Prof. Dr. PERICLES MORAIS DE ANDRADE JUNIOR  
UFS – MEMBRO INTERNO

  
CÂNDIDO LUIZ SANTOS MAYNARD  
Mestrando